

ESQWEB



O partido revolucionário, a formação militante e a vigência de Lênin no século XXI

índice

Que Fazer?

A espontaneidade das massas e a consciencia da social- democracia (Capítulo II) p. 2

Política sindical e a política social-democrata (Capítulo III) p. 10

Lenin no século XXI

A vigência do “Que Fazer?” em nossa época p. 17

Ciência e arte da política revolucionária

O que todo militante deve saber sobre a política revolucionária p. 28

- 1. O partido como força permanente organizada p. 32**
- 2. Como formular uma política revolucionária? p. 33**
- 3. A formação marxista p. 35**
- 4. A construção do partido revolucionário p.38**
- 5. Como adquirir o ofício construtivo p.40**
- 6. Problemas de organização p. 43**
- 7. A importância de se fazer cálculos p.46**
- 8. O que significa fazer da militância uma profissão p. 49**
- 9. A arte do recrutamento p. 53**
- 10. O trabalho com os simpatizantes p. 55**
- 11. O trabalho com o jornal p. 57**
- 12. O trabalho com o movimento operário p. 59**
- 13. Legalidade e extensão nacional do partido p. 65**

Notas p. 67



Capítulos II e III do "Que Fazer?" (trechos selecionados)

Que fazer?

Vladimir Ilitch Lênin
Org. Victor Artavia

A espontaneidade das massas e a consciência da social-democracia (Capítulo II)

Dissemos que era necessário animar nosso movimento, infinitamente maior e mais profundo que aquele de 1870-1880, com o mesmo espírito de decisão e a mesma energia sem limites. De fato, até o presente parece que ninguém ainda duvidara de que a força do movimento contemporâneo estivesse no despertar das massas (e principalmente do proletariado industrial), e sua fraqueza residisse na falta de consciência e de espírito de iniciativa dos dirigentes revolucionários.

Nesses últimos tempos, contudo, foi feita uma descoberta espantosa, que ameaça subverter todas as ideias adquiridas sobre este ponto.

Esta descoberta é obra do Rabótcheie Dielo que, em sua polêmica com o Iskra e a Zaria, não se ateu a objecções particulares e tentou reconduzir o "desacordo geral" à sua

raiz mais profunda: a uma "apreciação diferente da importância relativa do elemento espontâneo e do elemento conscientemente metódico". A tese de acusação do Rabótcheie Dielo expressa o seguinte: "subestimação da importância do elemento objetivo ou espontâneo do desenvolvimento". Ao que respondemos: se a polêmica do Iskra e da Zaria não tivesse outro resultado senão o de levar o Rabótcheie Dielo a descobrir esse "desacordo geral", este resultado, por si só, dar-nos-ia grande satisfação, a tal ponto esta tese é significativa, e esclarece nitidamente o fundo das divergências teóricas e políticas que separam, hoje, os sociais democratas russos.

Além disso, a questão das relações entre a consciência e a espontaneidade oferece um imenso interesse geral, e exige um estudo detalhado.

A) Ascensão do espontaneísmo

No capítulo anterior assinalamos o entusiasmo generalizado da juventude russa instruída pela teoria marxista, por volta de 1895. Foi também nessa mesma época, que as greves operárias, após a famosa guerra industrial de 1896 em Petersburgo, revestiram-se de um carácter geral. Sua extensão por toda a Rússia atestava claramente a profundidade do movimento popular que de novo surgia, e se falamos do "elemento espontâneo", é certamente nesse movimento de greves que devemos considerá-lo, antes de tudo. Mas, há espontaneidade e espontaneidade. Houve, na Rússia, greves nas décadas de 1870 e 1880 (e mesmo na primeira metade do século XIX), que foram acompanhadas da destruição "espontânea" de máquinas etc. Comparadas a esses "tumultos", as greves após 1890 poderiam mesmo ser qualificadas de "conscientes", tal foi o progresso do movimento operário nesse intervalo. Isto nos mostra que o "elemento espontâneo", no fundo, não é senão a forma embrionária do consciente. Os tumultos primitivos já traduziam certo despertar da consciência: os operários, perdiam sua crença costumeira na perenidade do regime que os oprimia; começavam... não direi a compreender, mas a sentir a necessidade de uma resistência coletiva, e rompiam deliberadamente com a submissão servil às autoridades. Era, portanto, mais uma manifestação de desespero e de vingança que de luta. As greves após 1890 mostraram-nos melhor os lampejos de consciência: formulam-se reivindicações precisas, procura-se prever o momento favorável, discutem-se certos casos e exemplos de outras localidades etc. Se os tumultos constituíam simplesmente a revolta dos oprimidos, as greves sistemáticas já eram o embrião mas, nada além do embrião - da luta de classe. Tomadas em si mesmas, essas greves constituíam uma luta sindical, mas não ainda social-democrata; marcavam o despertar do antagonismo entre operários e patrões; porém, os operários não tinham, e não podiam ter, consciência da oposição

irredutível e de seus interesses com toda a ordem política e social existente, isto é, a consciência social-democrata. Nesse sentido, as greves após 1890, apesar do imenso progresso que representaram em relação aos "tumultos", continuavam a ser um movimento essencialmente espontâneo.

Os operários, já dissemos, não podiam ter ainda a consciência social-democrata. Esta só podia chegar até eles a partir de fora. A história de todos os países atesta que, pela próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários etc. Quanto à doutrina socialista, nasceu das teorias filosóficas, históricas, econômicas elaboradas pelos representantes instruídos das classes proprietárias, pelos intelectuais. Os fundadores do socialismo científico contemporâneo, Marx e Engels, pertenciam eles próprios, pela sua situação social, aos intelectuais burgueses. Da mesma forma, na Rússia, a doutrina teórica da social-democracia surgiu de maneira completamente independente do crescimento espontâneo do movimento operário; foi o resultado natural, inevitável do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas. A época de que falamos, isto é, por volta de 1895, essa doutrina constituía não apenas o programa perfeitamente estabelecido do grupo "Libertação do Trabalho", mas também conquistara para si a maioria da juventude revolucionária da Rússia.

Assim, pois, houve ao mesmo tempo um despertar espontâneo das massas operárias, despertar para a vida consciente e para a luta consciente, e uma juventude revolucionária que, armada da teoria social-democrata, buscava aproximar-se dos operários. Quanto a isso, é particularmente importante estabelecer este fato esquecido com frequência (e relativamente pouco conhecido), de que os primeiros sociais-democratas desse período, que se

dedicavam com ardor à agitação econômica (contando, para isso, com as indicações verdadeiramente úteis do folheto "Sobre a Agitação", à época ainda manuscrito) longe de considerar essa agitação como sua tarefa única, atribuíam desde o começo à social-democracia russa as grandes tarefas históricas, em geral, e a tarefa da derrubada da autocracia, em particular. Assim, o grupo dos sociais-democratas de Petersburgo, que fundou a "União de Luta para Liberação de Classe Operária" redigiu, já em fins de 1895, o primeiro número de um jornal intitulado Rabótcheie Dielo. Pronto para ser impresso, esse número foi apreendido pelos policiais numa busca efetuada na noite de 8 para 9 de dezembro de 1895, na casa de um dos membros, do grupo, Anat. Alex. Vaneiev, de forma que o Rabótcheie Dielo do primeiro período não pôde ver a luz do dia. O editorial desse jornal (que, talvez, em trinta anos uma revista como a Russkaia Starina exumará dos arquivos do departamento de polícia) expunha as tarefas históricas da classe operária na Rússia, entre as quais colocava-se em primeiro plano a conquista da liberdade política. Seguiam-se um artigo, "Em que Pensam Nossos Ministros?" sobre o saque dos Comitês de instrução elementar pela polícia, bem como uma série de artigos de correspondentes, não só de Petersburgo, como de outras localidades da Rússia (por exemplo, sobre um massacre de operários na província de Iaroslavl. Assim, se não me engano, esse "primeiro ensaio" dos sociais-democratas russos de 1890-1900 não era um jornal estritamente local, e ainda menos de caráter "econômico", visava unir a luta grevista ao movimento revolucionário dirigido contra a autocracia e levar todos os oprimidos, vítimas da política do obscurantismo reacionário, a apoiar a social-democracia. E para quem quer que conheça um pouco o estado do movimento nessa época, está fora de dúvida que um jornal como esse encontrou toda a simpatia dos operários da capital e dos intelectuais revolucionários, e teve a maior difusão. O fracasso do empreendimento provou simplesmente que os sociais-democratas de então eram incapazes de corresponder às

exigências do momento, por falta de experiência revolucionária e de preparação prática. O mesmo se deve dizer do Rabótchaia Listok de São Petersburgo, e sobretudo da Rabótchaia Gazeta e do Manifesto do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, fundado na primavera de 1898. Subentenda-se que não nos passa pela cabeça a ideia de censurar os militantes da época pela sua falta de preparação. Mas, para aproveitar a experiência do movimento e daí extrair lições práticas, é preciso considerar extensivamente as causas e a importância desse ou daquele defeito. Por isso, é extremamente importante estabelecer que uma parte (talvez mesmo a maioria) dos sociais-democratas militantes de 1895-1898 considerava com justa razão possível, aquela época, no começo mesmo do movimento "espontâneo", preconizar um programa e uma tática de combate mais extensos. Ora, a falta de preparação entre a maior parte dos revolucionários, sendo um fenômeno perfeitamente natural, não podia dar lugar a qualquer apreensão particular. A partir do momento em que as tarefas eram bem definidas; a partir do momento em que se possuía bastante energia para tentar de novo realizá-las, os fracassos momentâneos constituíam apenas meio mal. A experiência revolucionária e a habilidade de organização são coisas que se adquirem. É preciso apenas desenvolver em nós mesmos as qualidades necessárias! É preciso que tenhamos consciência de nossos defeitos, o que, no trabalho revolucionário, já é mais de meio caminho para os corrigir.

Mas, o que era meio mal tornou-se um mal verdadeiro, quando esta consciência começou a se obscurecer (porém, ela era bastante viva entre os militantes dos grupos acima mencionados), quando surgiram pessoas - e mesmo órgãos sociais-democratas - prontas a erigir os defeitos em virtudes, e tentando mesmo justificar teoricamente sua idolatria, seu culto do espontâneo. É tempo de fazer o balanço dessa tendência, caracterizada de maneira muito inexata pelo termo "economismo", demasiado estreito para exprimir o

conteúdo.

B) O culto da espontaneidade, "Rabotchaia Mysl"

Após ter indicado que o braço fardado de azul não deteria jamais o progresso do movimento operário, o editorial prossegue: "(...) O movimento operário deve sua vitalidade ao fato de o próprio operário enfim se encarregar de sua sorte, arrancando-a das mãos de seus dirigentes." Esta tese fundamental é, em seguida, desenvolvida em seus detalhes. Na realidade, os dirigentes (isto é, os sociais-democratas organizadores da "União de Luta") foram arrancados pela polícia, por assim dizer, das mãos dos operários, e querem nos fazer acreditar que os operários conduziam a luta contra os dirigentes e se libertavam de seu jugo!

Em lugar de estimular a marcha para a frente, de consolidar a organização revolucionária e de ampliar a atividade política, incitou-se a volta para trás, em direção à luta exclusivamente sindical. Proclamou-se que "a base econômica do movimento está obscurecida pela tendência a jamais esquecer o ideal político", que o lema do movimento operário é a luta pela situação econômica (!) ou, melhor ainda, "os operários pelos operários"; declarou-se que as caixas de greve "valem mais para o movimento do que uma centena de outras organizações" (que se compare esta afirmação, feita em outubro de 1897, com a disputa dos "dezembristas" com os jovens, no início de 1897) etc. Frases como: é preciso colocar em primeiro plano, não a "nata" dos operários, mas o operário "médio", o operário das fileiras; ou como: "O político segue sempre docilmente o econômico" etc. etc., entraram na moda e exerceram influência sobre a massa dos jovens seduzidos pelo movimento e que, na maioria, não conheciam senão fragmentos do marxismo, tal como era exposto legalmente.

Isto constituiu o completo aniquilamento da

consciência pela espontaneidade - pela espontaneidade dos "sociais-democratas" que repetiam as "ideias" do Senhor V.V., a espontaneidade dos operários seduzidos pelo argumento de que mesmo um aumento de um copeque por rublo valia mais que todo socialismo e toda política, de que deviam "lutar sabendo que o faziam não por remotas gerações futuras mas por eles próprios e por seus filhos" (editorial do n.º. 1 da Rabótchaia Mysl). As frases desse gênero foram sempre a arma preferida dos burgueses do Ocidente que, odiando o socialismo, trabalhavam (como Hirsch, o "social-político" alemão) para transplantar para seus países o sindicalismo inglês, e diziam aos operários que a luta exclusivamente sindical é uma luta por eles próprios e por seus filhos, e não por remotas gerações futuras com vistas a um incerto socialismo futuro. E agora os "V.V. da social-democracia russa" se põem a repetir essas frases burguesas. Aqui, é importante assinalar três pontos que nos serão de grande utilidade para a continuação de nossa análise sobre as divergências atuais.

Em primeiro lugar, o aniquilamento da consciência pela espontaneidade, de que falamos, também se deu de maneira espontânea. Isto parece um jogo de palavras, mas infelizmente é uma verdade amarga. O que provocou esse aniquilamento não foi uma luta declarada entre duas concepções absolutamente opostas, nem a vitória de uma sobre a outra, mas o desaparecimento de um número cada vez maior de "velhos" revolucionários "colhidos" pelos policiais, e a entrada em cena, cada vez mais frequente, dos "jovens" "V.V. da social-democracia russa". Quem quer que tenha, não direi participado do movimento russo contemporâneo, mas simplesmente respirado o seu ar, sabe perfeitamente que esta é precisamente a situação. E se, apesar disso, insistimos particularmente para que o leitor considere com cuidado esse fato conhecido de todos, se para maior evidência referimo-nos, de algum modo, aos dados sobre o Rabótcheie Dielo do primeiro período, e sobre a discussão entre "jovens" e

"velhos" no início de 1897, é porque as pessoas que se gabam de espírito democrático" especulam sobre a ignorância desse fato pelo grande público (ou entre os adolescentes). Mais adiante, ainda voltaremos a esse ponto.

Em segundo lugar, desde a primeira manifestação literária do "economismo" podemos observar um fenômeno eminentemente original e extremamente característico para a compreensão de todas as divergências entre sociais-democratas da atualidade: os partidários do "movimento puramente operário", os adeptos da ligação mais estreita e mais "orgânica" (expressão do Rab. Dielo) com a luta proletária, os adversários de todos os intelectuais não operários (ainda que fossem intelectuais socialistas) foram obrigados, para defender sua posição, a recorrer aos argumentos burgueses "exclusivamente sindicais". Isto nos mostra que, desde o princípio, a Rabótchaia Mysl começara - insistentemente - a realizar o programa do Credo. Isto mostra (o que não pode chegar a compreender o Rabótcheie Dielo), que todo culto da espontaneidade do movimento operário, toda diminuição do papel do "elemento consciente", do papel da social-democracia significa - quer se queira ou não - um reforço da influência da ideologia burguesa sobre os operários. Todos aqueles que falam de "sobrestimação da ideologia", de exagero do papel do elemento consciente etc., imaginam que o movimento puramente operário é, por si próprio, capaz de elaborar, e irá elaborar para si, uma ideologia independente, com a única condição de que os operários "arranquem sua sorte das mãos de seus dirigentes". Mas, isto constitui um erro profundo (...).

No momento, não seria possível falar de uma ideologia independente, elaborada pelas próprias massas operárias no curso de seu movimento, o problema coloca-se exclusivamente assim: ideologia burguesa ou ideologia socialista. Não há meio-termo (pois a humanidade não elaborou uma "terceira" ideologia; e, além disso, em uma

sociedade dilacerada pelos antagonismos de classe não seria possível existir uma ideologia à margem ou acima dessas classes). Por isso, toda diminuição da ideologia socialista, todo distanciamento dela implica o fortalecimento da ideologia burguesa. Fala-se de espontaneidade, mas o desenvolvimento espontâneo do movimento operário resulta justamente na subordinação à ideologia burguesa, efetua-se justamente segundo o programa do "Credo", pois o movimento operário espontâneo é o sindicalismo, a Nur-Gewerkschafilerei: ora, o sindicalismo é justamente a escravidão ideológica dos operários pela burguesia. Por isso, nossa tarefa, a da social-democracia, é combater a espontaneidade, desviar o movimento operário dessa tendência espontânea que apresenta o sindicalismo, de se refugiar sob as asas da burguesia, e atraí-lo para a social-democracia revolucionária. Por conseguinte, a frase dos autores da carta "econômica" do n.º 12 do Iskra, afirmando que todos os esforços dos mais inspirados ideólogos não poderão desviar o movimento operário do caminho determinado pela ação recíproca dos elementos materiais e do meio material, equivale exatamente a abandonar o socialismo, e se esses autores fossem capazes de meditar no que dizem, até às últimas consequências, com lógica e destemor, como deve fazer quem se dedica ao campo da ação literária e social, não lhes restaria senão cruzar sobre o peito vazio seus braços inúteis" e... deixar o campo livre aos senhores Struve e Prokopovitch, que arrastam o movimento operário "no sentido do mínimo esforço", isto é, no sentido do sindicalismo burguês, ou aos senhores Zubatov, que o arrastam no sentido da "ideologia" cléricopolicial. Recorde-se o caso da Alemanha. Qual foi o mérito histórico de Lassalle diante do movimento operário alemão? Foi ter desviado este movimento do caminho do sindicalismo progressista e do cooperativismo, para onde se dirigia espontaneamente (com a ajuda benévola dos Schulze-Delitzsch e consortes). Para realizar essa tarefa, foi preciso mais do que

frases a respeito da subestimação do elemento espontâneo, sobre a tática-processo, sobre a ação recíproca dos elementos e do meio etc. Para isso foi preciso uma luta encarniçada contra a espontaneidade, e só após essa luta de longos e longos anos que se chegou, por exemplo, a fazer da população operária de Berlim o baluarte do partido progressista, uma das melhores cidadelas da social-democracia. E esta luta está ainda longe de terminar (como poderiam supor os estudiosos da história do movimento alemão através de Prokopovitch, e da filosofia desse movimento através de Strouve). Ainda agora, a classe operária alemã está dividida, se assim se pode dizer, entre diversas ideologias: uma parte dos operários está agrupada nos sindicatos operários católicos e monarquistas; outra, nos sindicatos Hirsch-Duncker, fundados pelos admiradores burgueses do sindicalismo inglês; uma terceira, nos sindicatos sociais-democratas. Esta última parte é infinitamente mais numerosa que todas as outras, mas a ideologia social-democrática não pode obter, e não poderá conservar essa supremacia, senão através de uma luta incansável contra todas as outras ideologias.

Mas, por que - perguntará o leitor - o movimento espontâneo, que se dirige para o sentido do mínimo esforço, conduz exatamente à dominação da ideologia burguesa? Pela simples razão de que, cronologicamente, a ideologia burguesa é muito mais antiga que a ideologia socialista, está completamente elaborada e possui meios de difusão infinitamente maiores. Quanto mais jovem for o movimento socialista em um país, mais energeticamente terá que lutar contra todas as tentativas feitas para consolidar a ideologia não socialista; tanto mais resolutamente será preciso colocar os operários em guarda contra os maus conselheiros que gritam contra a "sobrestimação do elemento consciente" etc. Com o Rabótcheie Dielo, os autores da carta econômica gritam em uníssono contra a intolerância própria à

infância do movimento. A isto responderemos: de fato, nosso movimento ainda está em sua infância, e para atingir sua virilidade deve justamente imbuir-se de intolerância em relação àqueles que, através de seu culto da espontaneidade, retardam seu desenvolvimento. Nada há de mais ridículo e de mais prejudicial para se colocar ao velho militante que, há muito, já passou por todas as fases decisivas da luta!

Em terceiro lugar, o primeiro número da Rabótchaia Mysl mostra-nos que a denominação de "economismo" (à qual, evidentemente, não temos intenção de renunciar, pois de qualquer modo este vocábulo já adquiriu direito de ser citado) não traduz com exatidão suficiente o fundo da nova tendência. A Rabótchaia Mysl não nega completamente a luta política: os estatutos da caixa que pública em seu primeiro número falam da luta contra o governo. A Rabótchaia Mysl considera somente que "o político segue sempre docilmente o econômico". (E o Rabótcheie Dielo dá uma variação dessa tese, afirmando em seu programa que "na Rússia, mais que em qualquer outro país, a luta econômica é inseparável da luta política"). Essas teses da Rabótchaia Mysl e do Rabótcheie Dielo são absolutamente falsas, se por política se entende a política social-democrata. Com muita frequência, a luta econômica dos operários, como já vimos, está ligada, (não de forma indissolúvel, é verdade) à política burguesa, clerical, ou outra. As teses do Rabótcheie Dielo são justas, se por política se entende a política sindical, isto é, a aspiração geral dos operários a obter do Estado as medidas suscetíveis de remediar os males inerentes à sua situação, mas, que não suprimem tal situação, isto é, não suprimem a submissão do trabalho ao capital. Essa aspiração é, de fato, comum aos sindicalistas ingleses hostis ao socialismo, aos operários católicos e aos operários "de Zubatov", etc. Há política e política. Assim, pois, vemos que a Rabótchaia Mysl, mesmo no que concerne à luta política, mais do que repudiá-la, inclina-se diante de sua espontaneidade, sua

inconsciência. Reconhecendo inteiramente a luta política que surge espontaneamente do próprio movimento operário (ou, mais ainda: os anseios e reivindicações políticas dos operários) recusa-se por completo a elaborar ela própria uma política social-democrata específica, que responda às tarefas gerais do socialismo e as condições russas atuais. Mais adiante mostraremos que esta também é a falta cometida pelo Rabótcheie Dielo.

C) O grupo da Autoemacipação e o "Rabótcheie Dielo"

Mas, o Rabótcheie Dielo não apenas "defendia" os "economistas"; também incorria, ele próprio, constantemente em seus principais erros. O que se encontrava na origem desse desvio, era a interpretação ambígua da seguinte tese de seu programa: "O fenômeno essencial da vida russa, designado principalmente para definir as tarefas (o grifo é nosso) e o caráter da atividade literária da "União", é, em nossa opinião, o movimento operário de massas (grifado pelo Rabótcheie Dielo), que surgiu esses últimos anos". Está fora de discussão, que o movimento de massas seja um fenômeno muito importante. Mas, a questão é saber como compreender a "definição das tarefas" para esse movimento de massas. Pode ser compreendida de duas maneiras: ou nos inclinamos diante da espontaneidade desse movimento, isto é, reconduzimos o papel da social-democracia ao de um simples criado do movimento operário como tal (assim o entendem o Rabótchaia Mysl o "Grupo da Autoliberação" e os outros "economistas"); ou admitimos que o movimento de massas nos impõe novas tarefas teóricas, políticas e de organização, muito mais complexas do que as com que podíamos contentar-nos antes do aparecimento do movimento de massas. O Rabótcheie Dielo sempre tendeu, e tende, precisamente pela primeira interpretação; jamais falou com precisão de novas tarefas, e sempre raciocinou como se esse "movimento de massas" nos eximisse da necessidade de conceber com nitidez e de

realizar as tarefas que ele impõe. Será suficiente indicar que, o Rabótcheie Dielo julgou impossível atribuir como primeira tarefa do movimento operário de massas a derrubada da autocracia, tarefa que rebaixou (em nome do movimento de massas) ao nível da luta pelas reivindicações políticas imediatas ("Resposta", p. 25).

Deixando de lado o artigo de B. Krítchévski, redator-chefe do Rabótcheie Dielo - "A Luta Econômica e Política no Movimento Russo" - aparecido no número 7, artigo onde se encontram os mesmos erros, passaremos diretamente ao número 10 do Rabótcheie Dielo. É claro que não examinaremos uma a uma as objeções de B. Krítchévski e de Martynov contra a Zaria e o Iskra. O que nos interessa aqui, é unicamente a posição de princípio adotada pelo Rabótcheie Dielo em seu número 10. Assim, não examinaremos este fato curioso, de o Rabótcheie Dielo ver uma "contradição fundamental" entre a tese seguinte:

"A social-democracia não une as mãos, não limita sua atividade a um plano preconcebido ou a um procedimento de luta política preestabelecido; admite todos os meios de luta, contanto que correspondam às forças disponíveis do Partido", etc. (Iskra n.º 1) e esta tese: "... sem uma organização sólida, habilitada à luta política em todas as circunstâncias e em todos os períodos, não seria possível sequer falar desse plano de ação sistemática estabelecido à luz de princípios severos, e seguido sem fraquejamentos, o único a merecer o nome de tática" (Iskra, n.º 4).

Confundir em princípio o reconhecimento de todos os meios, de todos os planos e procedimentos da luta, desde que sejam racionais, com a necessidade de se guiar em um determinado momento político a partir de um plano rigorosamente aplicado, se se quer falar de tática, equivaleria a confundir o reconhecimento pela medicina de todos os sistemas de tratamento, com a necessidade de se ter de seguir um determinado sistema no tratamento de uma dada doença. Mas, é

o próprio Rabótcheie Dielo que sofre da doença que denominamos o culto do espontâneo, sem querer admitir qualquer "sistema de tratamento" dessa doença. Ademais, fez esta descoberta notável, que "a tática-plano contradiz o espírito fundamental do marxismo" (n.º. 10, p. 18); que a tática é "o processo de crescimento das tarefas do partido, que crescem ao mesmo tempo que ele" (p. 11, grifado pelo Rabótcheie Dielo). Esta última frase tem todas as possibilidades de se tornar famosa, um monumento indestrutível da "tendência" do Rabótcheie Dielo. À pergunta: "para onde ir?" este órgão dirigente responde: o movimento é o processo de variação de distância entre o ponto de partida e o ponto seguinte do movimento. Esta reflexão de incomparável profundidade não é apenas curiosa (não valeria a pena nela nos determos), constitui, ainda, o programa de toda uma tendência, programa que R. M. (no "Suplemento especial à Rabótchaia Mysl") expressou: nesses termos: a luta é desejável se ela é possível; aquela que se trava, nesse momento, é possível. É exatamente esta a tendência do oportunismo ilimitado, que se adapta passivamente à espontaneidade.

"A tática-plano contradiz o espírito fundamental do marxismo!" Mas, isto é caluniar o marxismo, é convertê-lo em uma caricatura análoga àquela que nos opunham os populistas em sua guerra contra nós. É, precisamente, rebaixar a iniciativa e a energia dos militantes conscientes, enquanto o marxismo, ao contrário, estimula enormemente e a energia do social-democrata, abrindo-lhe as maiores perspectivas, pondo (se assim podemos dizer) à sua disposição as forças prodigiosas de milhões e milhões de operários que se preparam espontaneamente para a luta! Toda a história da social-democracia internacional fervilha de planos formulados por este ou aquele chefe político, planos que atestam a clarividência de alguns e a exatidão dos seus pontos de vista políticos e de organização, ou que revelam a miopia e os erros políticos de outros (...).

Mas, qual é o papel da social-democracia, senão o de ser o "espírito" que não somente paira acima do movimento espontâneo, mas, eleva este ao nível de "seu programa"? Não é, portanto, de se arrastar na cauda do movimento; coisa inútil, no melhor dos casos, e, no pior, extremamente prejudicial para o movimento. O Rabótcheie Dielo não se limita a seguir essa "tática-processo"; eleva-a mesmo em princípio, de forma que sua tendência deveria ser qualificada não de oportunismo, mas, antes, de caudismo (da palavra cauda). É forçoso reconhecer que aqueles firmemente decididos a sempre marchar à cauda do movimento, estão absolutamente e para sempre, contra o defeito de "subestimar o elemento espontâneo do desenvolvimento".

Constatamos, assim, que o erro fundamental da "nova tendência" da social-democracia russa é inclinar-se diante da espontaneidade; é não compreender que a espontaneidade da massa exige de nós, sociais-democratas, uma consciência elevada. Quanto maior for o impulso espontâneo das massas, mais amplo será o movimento, e de forma ainda mais rápida afirmar-se-á a necessidade de uma consciência elevada no trabalho teórico, político e de organização da social-democracia.

O impulso espontâneo das massas na Rússia foi (e continua a ser) tão rápido que a juventude social-democrata encontrou-se pouco preparada para realizar essas imensas tarefas. A falta de preparação, nossa infelicidade comum, constituiu a infelicidade de todos os sociais-democratas russos. O impulso das massas não cessou de crescer e de se estender sem solução de continuidade; e longe de interromper-se onde foi iniciado, estendeu-se a novas localidades, a novas camadas da população (o movimento operário provocou um redobramento da efervescência entre a juventude das escolas, dos intelectuais em geral, e mesmo entre os camponeses). Os revolucionários atrasaram-se quanto à progressão do movimento, e em suas

"teorias" e atividade, não souberam criar uma organização que funcionasse sem solução de continuidade, capaz de dirigir todo o movimento (...).

Política sindical e a política social-democrata (Capítulo III)

A) A Agitação Política e o Seu Estreitamento pelos "Economistas"

Ninguém ignora que a extensão e a consolidação da luta econômica dos operários russos marcharam de par com a eclosão da "literatura" de denúncia econômica (referente às fábricas e à vida profissional). As "folhas volantes" denunciavam principalmente o regime das fábricas, e logo isto deu origem a uma verdadeira paixão pelas denúncias entre os operários. Quando estes últimos viram que os círculos sociais-democratas queriam e podiam fornecer-lhes; "folhas volantes" de um novo gênero, dizendo toda a verdade sobre sua vida miserável, seu trabalho fatigante e sua servidão, fizeram de certo modo chover cartas das fábricas e das oficinas. Esta "literatura de denúncia" fez sensação não somente na fábrica, cuja "folha volante" fustigava o regime, mas em todas as empresas onde havia rumores dos fatos denunciados. Ora, como as necessidades e a miséria dos operários de diferentes empresas e profissões têm muitos pontos comuns, a "verdade sobre a vida operária" maravilhou todo o mundo. Uma verdadeira paixão de "aparecer em letra de forma" tomou conta dos operários mais atrasados, nobre paixão por essa forma embrionária de guerra contra toda a ordem de coisas existente, baseada na pilhagem e na opressão. E as "folhas volantes" constituíram, efetivamente, na imensa maioria dos casos, uma declaração de guerra, porque o que divulgavam entusiasmava vivamente os operários, impelia-os a reclamar a supressão dos abusos mais gritantes e apoiar suas reivindicações através de greves. Os próprios donos das fábricas foram, afinal, obrigados a reconhecer nesses panfletos

uma declaração de guerra a ponto de muitas vezes não desejarem sequer aguardar a própria guerra. Como sempre, simplesmente através de sua publicação, tais revelações adquiriram vigor e exerceram forte pressão moral. Não era raro o fato de a simples aparição de um panfleto obter a satisfação total ou parcial das reivindicações dos operários.

Em uma palavra, as denúncias econômicas (das fábricas) eram e continuam a ser uma poderosa alavanca da luta econômica. E assim o será, enquanto existir o capitalismo, que impele necessariamente os operários à autodefesa. Nos países europeus mais avançados, pode-se ainda agora observar que a denúncia de condições escandalosas de trabalho em algum "ofício" em desuso, ou em um ramo de trabalho a domicílio esquecido de todos, leva ao despertar da consciência de classe, à luta sindical, e à difusão do socialismo. A grande maioria dos sociais-democratas russos, nesses últimos tempos, foi quase inteiramente absorvida pela organização dessas denúncias de fábricas. É bastante lembrar a Rabótchaia Mysl para se ver a que ponto chegou tal absorção; esquecia-se que, no fundo, essa atividade não era ainda em si mesma social-democrata, mas apenas sindical.

As denúncias referiam-se, no fundo, somente às relações dos operários de uma determinada profissão com seus patrões, e não tiveram, outro resultado senão o de ensinar àqueles que vendiam sua força de trabalho, a vender esta "mercadoria" de forma mais vantajosa, e a lutar contra o comprador no terreno de uma transação puramente comercial.

Essas denúncias (na condição de serem convenientemente utilizadas pela organização dos revolucionários) podiam servir de ponto de partida e de elemento constitutivo da ação social-democrata; mas também podiam (e até deviam, quando se inclinava diante da espontaneidade) conduzir à luta "exclusivamente profissional" e a um movimento operário,

não social-democrata. A social-democracia dirige a luta da classe operária, não apenas para obter condições vantajosas na venda da força de trabalho, mas, também, pela abolição da ordem social, que obriga os não possuidores a se venderem aos ricos.

A social-democracia representa a classe operária em suas relações não apenas com um determinado grupo de empregadores, mas com todas as classes da sociedade contemporânea, com o Estado como força política organizada. Consequentemente, portanto, os sociais-democratas não podem limitar-se à luta econômica, mas, também não podem admitir que a organização das denúncias econômicas constitua sua atividade mais definida. Devemos empreender ativamente a educação política da classe operária, trabalhar para desenvolver sua consciência política. Quanto a esse ponto, após a primeira ofensiva da Zaria e do Iskra contra o "economismo", "todos estão de acordo", agora (acordo por vezes apenas verbal, como o veremos em seguida).

A questão que se coloca é: em que, portanto, deve consistir a educação política? Podemos nos limitar a difundir a ideia de que a classe operária é hostil à autocracia? Naturalmente, não. Não é suficiente esclarecer os operários sobre sua opressão política (como não o seria esclarecê-los sobre a oposição de seus interesses em relação aos de seus patrões). É necessário fazer a agitação a propósito de cada manifestação concreta desta opressão (como fizemos em relação às manifestações concretas da opressão econômica).

Ora, como esta opressão se exerce sobre as mais diversas classes da sociedade, manifesta-se nos mais diversos aspectos da vida e da atividade profissional, civil, privada, familiar, religiosa, científica etc. etc., não se torna evidente que não realizaremos nossa tarefa que é desenvolver a consciência política dos operários, se não nos encarregarmos de organizar uma ampla campanha política de denúncia da

autocracia?

De fato, para fazer a agitação sobre as manifestações concretas da opressão, é preciso denunciar essas manifestações (da mesma forma que para conduzir a agitação econômica, era preciso denunciar os abusos cometidos nas fábricas). Acho que isto está claro. Mas verifica-se justamente que a necessidade de desenvolver amplamente a consciência política não é reconhecida "por todos", senão em palavras. Verifica-se, por exemplo, que o Rabótcheie Dielo longe de se encarregar de organizar, ele próprio, uma ampla campanha de denúncias políticas (ou de tomar a iniciativa com vistas a essa organização) põe-se a puxar para trás o Iskra, que já tinha iniciado essa tarefa. Escutem: "A luta política da classe operária é apenas" (justamente ela não é "apenas") "a forma mais desenvolvida, a forma maior e mais efetiva da luta econômica" (programa do Rabótcheie Dielo, R D., n.º 1, p. 3).

"Agora, para os sociais-democratas trata-se de saber como conferir à própria luta econômica, sempre que possível, um caráter político" (Martynov, no n.º 10, p. 42). "A luta econômica é o meio mais amplamente aplicável para levar as massas à luta política ativa" (resolução do Congresso da União e "emendas": Dois Congressos, p. 11 e 17). O Rabótcheie Dielo, como se vê, desde o seu nascimento até as últimas "instruções à redação", esteve sempre impregnado dessas teses, que evidentemente exprimem, todas, um único ponto de vista sobre a agitação e a luta política. Considerem este ponto de vista sob o ângulo da opinião que prevalece entre todos os "economistas", opinião segundo a qual à agitação política deve seguir a agitação econômica. Será verdade que a luta econômica é, em geral, "o meio mais amplamente aplicável" para levar as massas à luta política? Isto é absolutamente falso. Todas as manifestações, quaisquer que sejam elas, da opressão policial e do arbitrarismo absolutista, e não apenas as ligadas à luta econômica, constituem um meio não menos "amplamente aplicável" para tal "integração" (...).

Na realidade, a frase - "Conferir à própria luta econômica um caráter político" - implica apenas a luta pelas reformas econômicas. E o próprio Martynov poderia ter chegado a essa conclusão pouco sutil, se tivesse meditado profundamente em suas próprias palavras. "Nosso partido", diz ele apontando sua arma mais terrível contra o Iskra, "poderia e deveria exigir do governo medidas legislativas e administrativas concretas contra a exploração econômica, o desemprego, a fome etc. " (Rabótcheie Dielo. n.º 10, p. 42-43). Reivindicar medidas concretas não significa reivindicar reformas sociais?

E mais uma vez tomamos o testemunho do leitor imparcial: caluniamos nós os rabotchediérentsi - perdoem-me esta infeliz palavra em voga! - qualificando-os de bernsteinianos disfarçados, quando pretendem que seu desacordo com o Iskra repousa na necessidade de lutar por reformas econômicas? A social-democracia revolucionária sempre compreendeu e compreende em sua atividade a luta pelas reformas. Usa, porém, a agitação "econômica" não somente para exigir do governo medidas de toda espécie, mas, também (e sobretudo), para dele exigir que deixe de ser um governo autocrático.

Além disso, acredita dever apresentar ao governo essa reivindicação não somente no terreno da luta econômica, mas também no terreno de todas as manifestações, quaisquer que sejam, da vida política e social. Em uma palavra, subordina a luta pelas reformas, como a parte ao todo, à luta revolucionária pela liberdade e o socialismo. Martynov ressuscita sob uma forma diferente a teoria dos estádios e tenta prescrever à luta política que torne resolutamente um caminho por assim dizer econômico (...).

B) As Revelações Políticas e "A Educação para a Atividade Revolucionária"

Dirigindo contra o Iskra sua "teoria" da "elevação da atividade da massa operária",

Martynov revelou, na realidade, sua tendência de rebaixar essa atividade declarando que o meio melhor, de especial importância, "o mais amplamente aplicável-para suscitá-la, e o próprio campo dessa atividade era essa mesma luta econômica diante da qual prostram-se todos os "economistas". Erro característico, pois está longe de ser unicamente próprio à Martynov. Na realidade, a "elevação da atividade da massa operária" será possível unicamente se não nos limitarmos à "agitação política no terreno econômico". Ora, uma das condições essenciais para a extensão necessária da agitação política é organizar as revelações políticas em todos os aspectos. Somente essas revelações podem formar a consciência política e suscitar a atividade revolucionária das massas. Por isso essa atividade é uma das funções mais importantes de toda a social-democracia internacional, pois mesmo a liberdade política não elimina absolutamente as revelações; apenas modifica um pouco sua direção. Assim, o partido alemão, graças à constante energia com que prossegue sua campanha de revelações políticas, fortifica de modo particular suas posições e estende sua influência. A consciência da classe operária não pode ser uma consciência política verdadeira, se os operários não estiverem habituados a reagir contra todo abuso, toda manifestação de arbitrariedade, de opressão e de violência, quaisquer que sejam as classes atingidas; a reagir justamente do ponto de vista social-democrata, e não de qualquer outro ponto de vista. A consciência das massas operárias não pode ser uma consciência de classe verdadeira, se os operários não aprenderem a aproveitar os fatos e os acontecimentos políticos concretos e de grande atualidade, para observar cada uma das outras classes sociais em todas as manifestações de sua vida intelectual, moral e política; se não aprenderem a aplicar praticamente a análise e o critério materialista a todas as formas da atividade e da vida de todas as classes, categorias e grupos de população.

Todo aquele que orienta a atenção, o espírito de observação e a consciência da classe operária exclusiva ou preponderantemente para ela própria, não é um social-democrata; pois para conhecer a si própria, de fato, a classe operária deve ter um conhecimento preciso das relações recíprocas de todas as classes da sociedade contemporânea, conhecimento não apenas teórico... ou melhor: não só teórico, como fundamentado na experiência da vida política. Eis porque nossos "economistas", que pregam a luta econômica como o meio mais amplamente aplicável para integrar as massas no movimento político, realizam um trabalho profundamente prejudicial e reacionário em seus resultados práticos.

Para tornar-se um social-democrata, o operário deve ter uma ideia clara da natureza econômica, da fisionomia política e social do grande proprietário de terras e do pope, do dignatário, e do camponês, do estudante e do vagabundo, conhecer seus pontos fortes e seus pontos fracos, saber enxergar nas fórmulas correntes e sofismas de toda espécie com que cada classe e cada camada social encobre seus apetites egoístas e sua "natureza" verdadeira; saber distinguir esses ou aqueles interesses que refletem as instituições e as leis, e como as refletem. Ora, não é nos livros que o operário poderá obter essa "ideia clara": ele a encontrará apenas nas amostras vivas, nas revelações ainda recentes do que se passa em um determinado momento à nossa volta, do que todos ou cada um falam ou cochicham entre si, do que se manifesta nesses ou naqueles fatos, números, vereditos, e assim até o infinito. Essas revelações políticas abrangendo todos os aspectos são a condição necessária e fundamental para educar as massas em função de sua atividade revolucionária (...).

C) A Classe Operária como Combatente de Vanguarda pela Democracia

Vimos que a agitação política mais ampla e, por conseguinte, a organização de grandes campanhas de denúncias políticas

constituem uma tarefa absolutamente necessária, a tarefa mais imperiosamente necessária à atividade, se esta atividade for verdadeiramente social-democrata. Mas, chegamos a essa conclusão partindo unicamente da necessidade mais premente da classe operária, necessidade de conhecimentos políticos e de educação política. Ora, essa forma de colocar a questão, em si mesma, seria demasiado restrita, pois desconheceria as tarefas democráticas de toda a social-democracia em geral, e da social-democracia russa atual, em particular.

Para esclarecer essa tese, da maneira mais concreta possível, tentaremos abordar a questão do ponto de vista mais "familiar" aos "economistas", do ponto de vista prático. "Todo o mundo está de acordo" que é preciso desenvolver a consciência política da classe operária. A questão é saber como fazê-lo e o que é preciso para isso.

A luta econômica "incita" os operários "a pensar" unicamente na atitude do governo em relação à classe operária, por isso, quaisquer que sejam os esforços que façamos para "conferir à própria luta econômica um caráter político", jamais poderemos, dentro desse objetivo, desenvolver a consciência política dos operários (até o nível da consciência política social-democrata), pois, os próprios limites desse objetivo são demasiado estreitos.

A fórmula de Martynov nos é preciosa, não como ilustração do talento confuso de seu autor, mas porque traduz de forma relevante o erro capital de todos os "economistas", a saber a convicção de que se pode desenvolver a consciência política de classe dos operários, por assim dizer, a partir do interior de sua luta econômica, isto é, partindo unicamente (ou, ao menos, principalmente) dessa luta, baseando-se unicamente (ou, ao menos, principalmente) nessa luta.

Essa perspectiva é radicalmente falsa, justamente porque os "economistas",

extenuados por nossa polêmica contra eles, não querem refletir seriamente sobre a origem de nossas divergências, e sobre o que resultou disso: literalmente não nos compreendemos, e falamos línguas diferentes. A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, do exterior da luta econômica, do exterior da esfera das relações entre operários e patrões. O único domínio onde se poderá extrair esses conhecimentos é o das relações de todas as classes e categorias da população com o Estado e o governo, o domínio das relações de todas as classes entre si. Por isso, à questão: que fazer para levar aos operários os conhecimentos políticos? - não se poderia simplesmente dar a resposta com a qual se contentam, na maioria dos casos, os práticos, sem falar daqueles dentre eles que se inclinam para o "economismo", a saber: "ir até os operários". Para levar aos operários os conhecimentos políticos, os sociais-democratas devem ir a todas as classes da população, devem enviar em todas as direções os destacamentos de seu exército. Se escolhermos essa fórmula rude, se nossa linguagem é cortante, deliberadamente simplificada, não é absolutamente pelo prazer de enunciar paradoxos, mas para "incitar" os "economistas" a pensar nas tarefas que desdenham de maneira tão imperdoável, na diferença existente na política sindical e na política social-democrata, que não querem compreender. Por isso, pedimos ao leitor não se impacientar e seguir-nos atentamente até o fim. Consideremos o tipo de círculo social-democrata mais difundido nesses últimos anos e vejamos sua atividade. Tem "contatos com os operários" e se atém a isso, editando "folhas volantes" onde condena os abusos nas fábricas, o partido que o governo toma em favor dos capitalistas e violências da polícia.

Nas reuniões com, os operários, é sobre tais assuntos que se desenrola ordinariamente a conversa, sem quase sair disso; as conferências e debates sobre a história do movimento revolucionário, sobre a política

interna e externa de nosso governo, sobre a evolução econômica da Rússia e da Europa, sobre a situação dessas ou daquelas classes na sociedade contemporânea etc., constituem exceções extremas, e ninguém pensa em estabelecer e desenvolver sistematicamente relações no seio das outras classes da sociedade. Para dizer a verdade, o ideal do militante, para os membros de tal círculo, aproxima-se na maioria dos casos muito mais ao do secretário de sindicato do que do dirigente político socialista.

De fato, o secretário de um sindicato inglês, por exemplo, ajuda constantemente os operários a conduzir a luta econômica, organiza revelações sobre a vida de fábrica, explica a injustiça das leis e disposições que entravam a liberdade de greve, a liberdade dos piquetes (para prevenir a todos que há greve em uma determinada fábrica); mostra o partido tomado pelos árbitros que pertencem às classes burguesas etc. etc. Em uma palavra, todo secretário de sindicato conduz e ajuda a conduzir a "luta econômica contra os patrões e o governo".

E não seria demais insistir que isto ainda não é "social-democratismo"; que o social-democrata não deve ter por ideal o secretário do sindicato, mas o tribuno popular, que sabe reagir contra toda manifestação de arbitrariedade e de opressão, onde quer que se produza, qualquer que seja a classe ou camada social atingida, que sabe generalizar todos os fatos para compor um quadro completo da violência policial e da exploração capitalista, que sabe aproveitar a menor ocasião para expor diante de todos suas convicções socialistas e suas reivindicações democratas, para explicar a todos e a cada um o alcance histórico da luta emancipadora do proletariado (...).

Mas voltemos a nossa exposição. Como dissemos, se o social-democrata é adepto do desenvolvimento integral da consciência política do proletário, não só em palavras, deve "ir a todas as classes da população". A

questão que se coloca é: como fazer? Temos forças suficientes para isso? Existe um campo para tal trabalho em todas as outras classes? Isto não será ou não levará a um retrocesso do ponto de vista de classe? Vamos nos deter nessas questões. Devemos "ir a todas as classes da população" como teóricos, como propagandistas, como agitadores e como organizadores.

Ninguém duvida que o trabalho teórico dos sociais-democratas deva orientar-se para o estudo de todas as particularidades da situação social e política das diferentes classes. . Mas, a esse respeito muito pouco fazemos, muito pouco em comparação ao estudo das particularidades da vida na fábrica. Nos comitês e nos círculos, encontramos pessoas que se especializam até no estudo de um ramo da produção siderúrgica, mas não encontramos quase exemplos de membros de organizações que (obrigados, como ocorre frequentemente, a deixara ação prática por alguma razão) se ocuparam especialmente em coletar documentos sobre uma questão de atualidade em nossa vida social e política, podendo fornecer à social-democracia a ocasião de trabalhar nas outras categorias da população. Quando se fala da precária preparação da maioria dos dirigentes atuais do movimento operário, não é possível deixar de lembrar, igualmente, a preparação nesse sentido, pois também ela é devida à compreensão "economista" da "estreita ligação orgânica com a luta proletária". Mas o principal, evidentemente, é a propaganda e a agitação em todas as camadas do povo. Para o social-democrata do Ocidente, essa tarefa é facilitada pelas reuniões e assembleias populares assistidas por todos aqueles que o desejam, pela existência do Parlamento, onde fala diante dos deputados de todas as classes.

Não temos Parlamento, nem liberdade de reunião, mas, contudo, sabemos organizar reuniões com os operários que desejam ouvir um social-democrata. Pois não é social-democrata aquele que, na prática, esquece que os "comunistas apoiam todo

movimento revolucionário", que, por conseguinte, temos o dever de expor e de assinalar as tarefas democráticas gerais diante de todo o povo, sem dissimular um instante sequer nossas convicções socialistas.

Não é social-democrata aquele que, na prática, esquece que seu dever é ser o primeiro a colocar, despertar e resolver toda questão democrática de ordem geral. "Mas todos, sem exceção, estão de acordo com isso!", interromperá o leitor impaciente - e a nova instrução à redação do Rabótcheie Dielo, adotada no último congresso da União, declara claramente: "Devem ser utilizados para a propaganda e a agitação política todos os fenômenos e acontecimentos da vida social e política que afetam o proletariado, seja diretamente como classe à parte, seja como vanguarda de todas as forças revolucionárias em luta pela liberdade " (Dois Congressos, p. 17, grifado por nós).

De fato, estas são palavras notáveis e precisas, e dar-nos-íamos por inteiramente satisfeitos se o "Rabótcheie Dielo" as compreendesse, e não colocasse, ao mesmo tempo, outras que as contradizem. Pois, não basta dizer-se "vanguarda", destacamento avançado, - é preciso proceder de forma que todos os outros destacamentos se dêem conta e sejam obrigados a reconhecer que marchamos à frente. Portanto, perguntamos ao leitor: os representantes dos outros "destacamentos - seriam, pois, imbecis a ponto de acreditar que somos "vanguarda - só porque o dizemos? Imaginem apenas este quadro concreto: um social-democrata apresenta-se no "destacamento" dos radicais russos ou dos constitucionalistas liberais, e diz: Somos a vanguarda; "agora uma tarefa nos é colocada: como conferir, tanto quanto possível, à própria luta econômica um caráter político".

Um radical ou um constitucionalista, por pouco inteligente que seja (e há muitos homens inteligentes entre os radicais e os

constitucionalistas russos), apenas sorrirá ao ouvir isso, e dirá (para si, bem entendido, pois na maioria dos casos é um diplomata experimentado): "essa vanguarda é muito ingênua" ! Não compreende sequer que isso é tarefa nossa - a tarefa dos representantes avançados da democracia burguesa - conferir à própria luta econômica um caráter político. Porque também nós, como todos os burgueses do Ocidente, desejamos integrar os operários à política, mas apenas à política sindical, e não social-democrata. A política sindical da classe operária é precisamente a política burguesa da classe operária.



Lênin no século XXI (trechos selecionados)

A vigência do “Que Fazer?” em nossa época

Por Roberto Sáenz
(Org. Antonio Soler)

(...) O que interessa é nos dedicarmos aos “problemas de organização” precisamente pela enorme atualidade destes problemas na rica experiência da luta de classes que se está vivendo e o “déficit de partido” que a recorre. Opinamos que os problemas de construção das organizações revolucionárias devem ser colocados “na ordem do dia” para superar os agudos limites de politização e perspectiva socialista que cruzam a luta de classes mundial, e que não poderão ser resolvidos sem afrontar esta questão urgente: [a construção do partido revolucionário

O ponto de partida mais geral do debate acerca dos problemas de organização é a problemática a propósito da aquisição da consciência de classe por parte dos trabalhadores. Esta mesma problemática remete às concepções em jogo acerca da teoria do conhecimento. Aqui se impõe

fazer referência à obra de Lênin sobre a matéria: os textos *Materialismo e empiriocriticismo* (1908) e os *Cadernos filosóficos sobre a Lógica de Hegel* (1904) (...).

No primeiro trabalho, Lênin fazia parte ainda da tradição filosófica da II Internacional, apesar de que seu critério ativista, militante, determinar-lhe-ia desde o princípio – ainda que não de todo conscientemente – junto ao conjunto desta tradição. O segundo, ao contrário, é o texto de ruptura filosófica com esta tradição de materialismo mecânico e evolucionista. A avaliação dos fundamentos filosóficos do pensamento de Lênin deu lugar a disputas azedas. Há uma série de autores que centraram ridiculamente os problemas da revolução russa nos “defeitos filosóficos” da obra de Lênin (...).

Sustentaram que o materialismo de Lênin (exposto em Materialismo e empiriocriticismo, que apareceu em 1908) era dualista, que se apoiava na aceitação do ser objetivo (matéria) como independência da consciência (mente). Neste materialismo contemplativo outorga-se à matéria primazia epistemológica sobre a consciência, contradizendo de maneira direta a consideração de Marx. Portanto, a teoria do conhecimento de Lênin milita contra a unidade entre teoria e prática que encontramos em Marx. Sua concepção da teoria é tal que está se mantém em uma relação contemplativa com o objeto, a qual se lhe aplica desde fora, e a prática se converte em um resultado desta aplicação. Isto se exemplifica no Que fazer? de Lênin, obra de 1902. A tese do livro é uma elaboração da perspectiva de Plekanov de que os intelectuais marxistas aportam aos trabalhadores a teoria (a "consciência social democrata") desde "fora". Aqui se encontra o germe do substituísmo posterior do partido bolchevique no poder". (...) Com efeito, os limites de Materialismo e empiriocriticismo parecem corresponder-se com algumas formulações do Que fazer?, porém apenas formalmente, como veremos mais adiante. Entretanto, de nenhuma maneira se pode perder de vista que estes limites e unilateralidades foram superados não só por sua prática dialética e revolucionária, mas também – de maneira consciente e explícita – em seus Cadernos filosóficos sobre a Lógica de Hegel (...).

Partamos, pois, da abordagem dos elementos da teoria do conhecimento presentes no verdadeiro Lênin. Digamos que a teoria do conhecimento se move por entre dois limites gerais. Por um lado, o conhecimento deve remeter a uma realidade que é objetiva, independente do sujeito do conhecimento, daquele que conhece. O conhecimento não é nem pode ser uma mera disquisição no vazio, uma abstração, ou algo puramente subjetivo ou caprichoso. No entanto, e ao mesmo tempo, o conhecimento de nenhuma maneira poderia tratar-se de uma versão puramente

passiva ou de mero "reflexo" ou simples cópia da realidade, e necessariamente o próprio objeto em muitos casos já é um subproduto de uma atividade humana anterior. Este era o aspecto mais débil de Materialismo e Empiriocriticismo. Porque o processo mesmo do conhecimento significa uma relação ativa com o objeto: uma elaboração, uma "construção" por parte daquele que conhece. Somente conhecemos verdadeiramente o que fazemos, diz Marx (...).

A apreciação destes dois planos tem enorme importância quando se intenta estabelecer a relação com as teorias do conhecimento em voga na época de Lênin. Por um lado, no Materialismo e Empiriocriticismo, a polêmica se centrou em Bogdanov, que sustentava uma concepção que combinava um empirismo cru com um subjetivismo idealista. Contra Bogdanov, Lênin corretamente afirma o ponto de vista materialista de que o conhecimento é uma ação referida a uma realidade independente do sujeito que conhece. É esta realidade objetiva a que os mentores filosóficos de Bogdanov (Mach e Averanios) sustentam, de forma nua e crua, em abolir. Para Lênin, pelo contrário, existe uma realidade "externa" que, no entanto, é dada ao pensamento conhecer. Afirma que não há barreira insuperável entre nossas sensações e o mundo real. Que existe algum tipo de "correspondência" entre as duas: uma relação entre o processo do pensamento e o mundo real. Bogdanov (a maneira de Kant) não deixava nenhum lugar a qualquer concepção da verdade que estivesse baseada na conformidade entre os nossos juízos e essa realidade independente (...).

Aqui impactava negativamente o mundo do marxismo da II Internacional. Porque Lênin parecia assumir uma concepção reducionista e passiva do conhecimento: a teoria do conhecimento como cópia ou reflexo da realidade. Lênin insistia que as representações teóricas em nossa cabeça eram simples cópias do mundo real (...). Isto, efetivamente, era o oposto da concepção do

conhecimento em Marx. É o caso bem conhecido das “Teses sobre Feuerbach”, onde se insiste no aspecto crítico-prático-ativo do conhecimento como um processo de construção em que o sujeito tem um papel decisivo na sua interação com o mundo real. (...) E é justamente a prática o que Lênin deixa na sombra quando trata de resgatar a objetividade dissolvida pelo idealismo dos marxistas russos” (...).

A Lênin parecia que o conhecimento do mundo se alcançava simplesmente por uma reprodução mental de sua aparência imediata, perdendo de vista que o que está em jogo no conhecimento não são as formas de manifestar-se das coisas, mas suas conexões internas. De forma nua e crua, uma categoria chave ausente – a todos os efeitos práticos – em toda esta obra é a do fetichismo: isto é, a representação das coisas no mundo real de uma maneira distorcida. Esta concepção epistemológica terminava sendo, paradoxalmente, abertamente contraditória com sua própria concepção da aquisição da consciência manifestada no “Que fazer?” Porque ali Lênin mostra como o espontâneo aparece como a forma embrionária, não elaborada, da consciência; consciência que para elevar-se ao nível de consciência política socialista requer um momento de elaboração mais complexo (...). É disto que se faz imprescindível o metabolismo da classe trabalhadora com o partido. Porque qualquer teoria do conhecimento por “correspondência” – alguma versão da qual é essencial para qualquer materialismo – deve dar espaço para um esforço específico de interpretação, para um elemento teórico que intervenha entre a percepção e a consciência, superando o caráter fetichizado da realidade. Na “teoria do reflexo”, de outra forma, a consciência é reduzida a mera percepção, e este processo de elaboração ativo, este metabolismo – no limite, o partido mesmo –, desaparece (...).

No mesmo sentido, o Lênin dos Cadernos filosóficos chega a colocar que “a troca como resultado da luta entre opostos não é

externa, contudo aponta a contradição interna, ao automovimento”. Esta compreensão das relações entre essência e aparência foi fundamental para a nova concepção acerca da relação entre o pensamento e a realidade. Sua epistemologia ganhava assim em dois aspectos decisivos na hora do entendimento do problema da aquisição da consciência política de classe. Por um lado, ganhava na explicação da distinção entre a consciência imediata (sindicalista) e a consciência mediata (política). Porque o conhecimento requer um processo ativo de abstração (ou seja, uma elaboração) capaz de discriminar entre essência e aparência. Isto arroja nova luz sobre algumas das mais importantes teses do “Que fazer?” E por outro lado, porque ajudava a superar o caráter passivo e “desde fora” da aquisição da consciência, que formalmente (porém, apenas formalmente) era um limite importante do Que fazer? (...).

(...) Porque a aquisição da consciência política alude, em uma importante medida, à problemática do conhecimento político-prático, guiado pela atividade, da totalidade das relações de classe na sociedade. A escola da classe operária é, efetivamente, a luta de classes, não o colégio ou a universidade. E nesta “escola” a classe operária aprende por experiência própria (como repetia uma e mil vezes Lênin). Porém precisamente ali surge uma dificuldade, e é no terreno dessa dificuldade onde se coloca, precisamente, a imprescindível necessidade do partido (...).

Prossigamos. Este obstáculo se refere ao caráter fetichizado, “invertido”, deformado das relações sociais na sociedade. Se isto é assim, não está dado aos trabalhadores adquirir uma consciência clara e profunda acerca das circunstâncias de sua exploração e opressão mais que mediante uma elaboração, um processo no que intervêm as tradições de luta herdadas de gerações anteriores, sua própria ação “espontânea”, os elementos de aprendizagem que vêm ou se acumulam como experiência e – no

limite - o absolutamente necessário metabolismo com a organização revolucionária, sem a qual não se pode obter esta consciência política socialista. (...) Mas, em geral, o “déficit de partido” é uma expressão mais aguda deste mesmo problema: as massas trabalhadoras podem, espontaneamente, por si mesmas - o ciclo de rebeliões o demonstrou uma vez mais -, criar e desenvolver organismos de autodeterminação ou de democracia de base - assembleias populares, movimentos de trabalhadores desocupados, ocupações de fábricas, coordenadoras nacionais de resistência popular -, porém não podem chegar por si somente ao nível da consciência de classe socialista, da necessidade da transformação completa da sociedade.

(...) Efetivamente, se o fetichismo fosse um círculo completamente fechado, não haveria forma de escapar dele. (...) Porém, insistimos: a correta compreensão de que o que existe é um contínuo processo de fetichização - que por definição é aberto - não significa que se possa superar ou romper este processo continuamente recomeçado pelo próprio marco das relações sociais do capitalismo sem o metabolismo complexo da consciência socialista que implica necessariamente a relação do partido com a vanguarda operária e as massas (...).

Superação que precisamente por ser parcial, requer imprescindivelmente - e não pode deixar de requerer - para sua “totalização”, o partido. Como afirmava classicamente Lênin no “Que Fazer?”, “quanto mais poderoso é o ascenso espontâneo das massas e mais se amplia o movimento, maior é a rapidez com que aumenta a necessidade de uma elevada consciência”. Trata-se de uma dinâmica oposta ao que a colocada por todos os conselhistas que no mundo houve, que não se cansam de afirmar contra a experiência histórica mesma dos fatos que “o ascenso operário resolveria por si só os problemas da consciência” (...).

(...) Seguindo neste ponto, sugerem as análises de anos atrás do filósofo marxista francês Daniel Bensaid, que na concepção de Lênin aparecem dois planos. Por um lado, está a clássica - e correta - alusão de que a consciência socialista deve prover desde fora da relação entre patrões e operários. Aqui havia - efetivamente - um mal-entendido com respeito à leitura de Kautsky, para quem a consciência não só deveria prover desde fora da atividade mais imediata da classe trabalhadora, como também nua e cruamente era aportada por outra classe ou fração de classe: os intelectuais pequeno-burgueses como tais, qual *Deus ex-machina* (fator externo ao processo mesmo) colocado por cima da própria classe (...).

A preocupação de Lênin apontava a um problema absolutamente real, na medida em que a aquisição da consciência requer uma elaboração da experiência, que não pode ser processada de maneira simples, mecânica e direta pelo conjunto da classe (nem sequer pelo conjunto da vanguarda), mas também exige a mediação de algum elemento que tenha acumuladas ou incorporadas as ferramentas para essa elaboração (aquisição da consciência): isto é, o partido como uma síntese específica da teoria e prática da luta de classes histórica. A pertinência do pensamento de Lênin tem que ver, então, com a compreensão de que a consciência plena acerca da própria ação e as condições da ação socialista requer - insistimos - uma elaboração. (...) Porque a aquisição da consciência é um processo que tem que ver com as relações sociais “objetivas” que a determinam, porém por sua vez, é uma elaboração ativa (não uma mera cópia), por intermédio de uma ação (não uma mera reflexão passiva) o que dá lugar - precisamente - ao papel do partido e a ação transformadora socialista da realidade.

(...) O “padrão” do processo dialético do conhecimento vai desde a percepção vivida na experiência ao pensamento abstrato e daí a prática consciente, em que opera uma

fusão do entendimento intelectual e a existência objetiva. Porque na atividade humana se supera a abstração do pensamento. Porque há um ponto em que o objetivo e o subjetivo se fusionam na hora da transformação revolucionária da realidade, e desse mesmo sujeito no ato de transformá-la. Portanto, o próprio método marxista, a própria dialética materialista, implica a atividade política. Porque só se pode realmente conhecer no curso dessa atividade. (...) A realidade transformada não é, mas torna-se tal coisa. E, neste “tornar-se”, a participação do pensamento e a ação que se deduz dele é absolutamente necessária. A própria consciência de classe é uma parte ativa desta realidade.

Para o Lênin dos Cadernos filosóficos, a prática ultrapassa a distinção entre “subjetividade” e “objetividade”. E no terreno para este descobrimento foi estabelecido pela teoria do partido de Lênin, o elemento mais dialético de seu marxismo (como corretamente insiste John Rees). A necessidade de “fusionar-se” até certo ponto com as mesmas massas (como assinalava Lênin no O esquerdismo...) e ao mesmo tempo “ser específico” ao respeito do total das massas (Que fazer?) exige uma dialética que permita entender a unidade dos opostos. Isto é precisamente o que surge das determinações mais concretas do pensamento profundo de Lênin sobre o partido (...).

Em sua polêmica com os “economicistas”, Lênin diferencia veementemente “a política sindicalista” (reduzida a meras reivindicações econômicas no terreno político, como são as leis laborais) da “política socialdemocrata”, que se refere à elevação da classe ao todo, a propor-se respostas de conjunto para toda a sociedade: a revolução social. (...) Lênin colocava como orientação prática a educação da classe trabalhadora em interessar-se pelos problemas de todas as classes, por todos os problemas da sociedade. E ao se dirigir desde um ponto de vista social total, coloca-se

iverdadeiramente o problema do poder político. O que implicava – para os proletários, desde o proletariado – dirigir-se a todas as camadas da sociedade. (...) É um fazer material da consciência mediada pela própria experiência, em interação dialética com o partido revolucionário, e cujo o “veículo” é, precisamente, a política. Assim, a questão central é como os trabalhadores se movem desde a consciência de todos os dias à consciência de que é possível mudar revolucionariamente as condições terríveis em que vivem. Porém: como superar na consciência o fetichismo e a alienação? Como superar o senso comum?

Aqui é onde entra a relação metabólica do partido com a classe. Porque o “limite geral” ao desenvolvimento da consciência não se pode superar mediante a mera atividade espontânea da própria classe trabalhadora. Aqui entra a política socialista revolucionária como totalidade e como prática da totalidade (...).

(...) Se a realidade é que as massas trabalhadoras por sua só atividade espontânea não podem chegar ao nível da consciência socialista, faz falta um fator que seja ativo neste sentido e que se mova desde a perspectiva do todo, da totalidade da transformação social que é necessária para que a classe operária acabe com sua condição de explorada e oprimida.

Este fator adicional não por si mesmo é “externo”, mas propriamente uma parte específica e diferenciada da própria classe trabalhadora. (...) Isto é, para colaborar com a aquisição da consciência socialista dos trabalhadores fazia falta uma organização (política) dos revolucionários distinta à organização da luta cotidiana dos trabalhadores, isto é, distinta dos sindicatos e expressamente separada deles (...).

Martov tendia a confundir a própria organização dos trabalhadores por suas necessidades mais imediatas com a organização de um setor específico deles que se colocava a perspectiva de uma

transformação de conjunto da sociedade. (...) Porque se devia estabelecer uma separação de princípios entre partido e movimento, diferenciando-se o militante político do militante sindical. Isto é, devia operar-se um processo de selecionar, hierarquizar e promover aqueles trabalhadores e estudantes que se destacaram do resto para “profissionalizá-los”, para fazer do centro de sua vida e atividade a militância socialista. Porque, só desta maneira, “dividindo” primeiro, poder-se-ia unir mais firmemente depois os laços entre o partido e as organizações de luta dos trabalhadores. Portanto, a concepção de partido de Lênin teria dois pólos unidos dialeticamente: a) uma estrita seleção dos membros do partido sobre a base de sua consciência de classe; b) a total solidariedade com e o apoio a todos os oprimidos e explorados no seio da sociedade capitalista. Lênin insistia em que não havia que mesclar coisas distintas: era militante da organização o que efetivamente assumia um compromisso político organizado (...).

(...) Lênin se colocava contra a mescla sem princípios: o “movimento” se define por seu caráter reivindicativo parcial; o partido se define por seu programa total. E isto engendra – insistimos – tipos distintos de militante e de atividade. Porque colocar-se desde a perspectiva do todo não é algo que se desprenda “automaticamente” da luta econômica ou reivindicativa. Pelo contrário, essa luta opera de maneira contraditória: ao mesmo tempo em que libera o ingresso à vida política de dezenas de milhares, gera determinadas pressões, vinculadas às necessidades materiais imediatas e à classe ou fração de classe que se trate. E não é tão simples, assim, colocar-se desde a perspectiva da transformação social. Isto é, de maneira não imediatamente reivindicativa, desde as necessidades do conjunto da classe e os setores populares e não simplesmente da própria “corporação”.

(...) É o partido socialista o que está chamado a representar esses interesses de

conjunto, uma vez que faz parte – e não pode deixar de fazer, sob pena de converter-se em uma seita – de um sistema mais amplo de organização operárias e populares. Por outra parte, o desenvolvimento da consciência de classe sempre é desigual; a emergência de uma clara consciência nunca ocorre de um só golpe e de uma maneira coerente: inevitavelmente há vanguardas e retaguardas no seio da classe. Porque se deve compreender que sob o capitalismo e na transição socialista, o processo da aquisição da consciência de classe só pode ser desigual: nunca poderia ser em “uníssono” por parte de todas as massas laborais. Há, e não pode deixar de haver, vanguardas e retaguardas. E é tarefa imprescindível da organização revolucionária, justamente, o aportar ativamente à superação dessa desigualdade apoiando-se sempre nos elementos mais avançados.

(...) Alguns argumentos convincentes assinalam que Marx esteve relacionado – em períodos distintos – com quatro tipos de partido distintos: a Liga dos Comunistas (uma pequena “seita” alemã durante a década de 40); os inícios da social-democracia na Alemanha (décadas de 60, 70 e começos de 80); a experiência da I Internacional e os primeiros esboços do Partido Trabalhista na Inglaterra. (...) Porém, em Lênin a ideia de partido é categoricamente mais elaborada, mais madura, expressando um período distinto ao que pôde viver Marx.

Em um contexto que havia mudado, Lênin rompe com a tradição dominante do movimento socialista de seu tempo. Com a entrada em cena de um movimento operário aos fins do século XIX, o “partido socialista de massas” aparecia como uma espécie de encarnação política de toda a classe. A ideia se inspirava em certas fórmulas de Marx que insinuam que a organização progressiva do proletariado no partido político e na classe seriam “sinônimos”: seu ser social e seu ser político se uniam no partido. Lênin sublinha

muito agudamente o contrário: a ruptura da continuidade entre o conflito econômico imediato e o conflito político mediato. Busca evitar confundir o problema das classes e dos partidos. Isto é, o conteúdo social e sua expressão política. Porque a luta de classes não devia reduzir-se à luta do operário contra o patrão, mas também devia abarcar a luta contra a classe capitalista inteira e seu Estado. (...) Ao mesmo tempo, a insistência tão contínua de Lênin em diferenciar partido e classe conduz logicamente ao pensamento – despojado de toda ingenuidade – de uma pluralidade de organizações sempre em duríssima concorrência pela hegemonia (...).

O que vimos assinalando é claro no debate de Lênin em 1905 com os membros de seu próprio partido: ante o dilema sectário que colocavam estes de “soviet ou partido”, Lênin replicava afirmando a perspectiva de “soviet e partido”: “A mim me parece que para liderar a luta política, ambos, o soviet e o partido são, em um grau igual, absolutamente necessários”.

A síntese efetuada por Lênin sublinha o falso desta contraposição entre organizações de natureza distinta. Tanto as organizações de massas como o partido são imprescindíveis. Porém em nenhum caso os “movimentos” podem substituir ou cumprir o papel dos partidos: este é um ensinamento categórico. Como a experiência histórica demonstrou, são os partidos os únicos que lutam entre si desde uma perspectiva geral, por cima de qualquer demanda reivindicativa parcial. As reivindicações parciais só podem ser o eixo de organizações de massas como os sindicatos ou os diversos movimentos de trabalhadores. Porém, quando se trata do partido revolucionário, o que manda é o ponto de vista da totalidade, o conjunto dos interesses imediatos e históricos da classe.

Os ensinamentos de Lênin são de um grau de universalidade que se relacionam com as coordenadas centrais de todo partido que se preze enquanto tal, seja enquanto o partido esteja no estágio de organização de

vanguarda (e, inclusive, se é um grupo de propaganda), ou com influência entre setores das massas: “O que defendo ao longo do livro [Que fazer?], desde a primeira até a última página, são os princípios elementares de qualquer organização de partido que possa imaginar-se”. Ao mesmo tempo, o “modelo” de partido leninista em todo estágio deve possuir traços de partido de vanguarda a respeito do conjunto da classe operária (...).

Insistimos: o partido revolucionário sempre deve ser o destacamento avançado da classe (...) Liebman assinala que: “A convicção de que a revolução russa devia ser necessariamente o trabalho de um grupo de vanguarda e não de um partido de massas estava baseada não meramente nas características circunstanciais da Rússia de seu tempo, mas também na forma em que se concebia a relação entre a classe operária e o partido proletário; para ser mais preciso, desprendia-se de sua visão geral a respeito da consciência de classe que o proletário possuía o não possuía”. (...) Ao fato de que as leis específicas de uma organização em um estágio construtivo de vanguarda – isto é, que busca abrir passo não só em relação com as forças burguesas, mas também no interior mesmo da esquerda – são diversas a respeito do caso em que já está colocada a disputa pela influência entre setores das massas.

Estas leis não podem ser idênticas às que tendem a caracterizar uma organização que já é hegemônica no interior da própria esquerda e dos setores mais avançados da classe operária, e que mergulhou de cabeça no trabalho de massas. Este salto de qualidade, ao ser de uma mecânica tão complexa, foi resolvido de maneira correta apenas em poucas vezes: se quer na vida de Lênin e Trotsky à frente da III Internacional isto foi tarefa fácil. Nem se fale dentro do movimento trotskista do segundo pós-guerra. Muitíssimas experiências terminaram empatadas neste salto devido a que se as tensões das pequenas organizações revolucionárias provêm mais

do lado do sectarismo, a das organizações as quais se lhes coloca o salto às massas vêm, caracteristicamente, do oportunismo (...).

Em síntese, para além dos determinantes gerais de todo partido revolucionário que vimos acima, no que diz respeito aos estágios de construção do mesmo, operam leis diversas e o salto de qualidade de um ou outro é o desafio mais difícil e historicamente pior resolvido em matéria de construção de organização revolucionária. No entanto, no que se segue, iremos nos concentrar sobretudo na operação destas leis no caso das organizações no estágio de vanguarda e só daremos umas “pinceladas” sobre o salto às massas.

As leis de construção de uma organização no estágio de partido de vanguarda estão marcadas por um paradoxo: se sua política sempre deve estar referida às exigências objetivas da luta de classes, para responder às mesmas, de certo modo, não tem alternativa a não ser ir adiante a expensas do resto da mesma esquerda. Isto é assim devido a que o “espaço” e o terreno político objetivo mais geral que habitualmente tem a esquerda revolucionária (claro que isto varia substancialmente quando se abrem situações revolucionárias) apresenta determinadas dimensões que obrigam às correntes a se chocar umas com as outras.

(...) Os “espaços” se criam porque uma corrente “cai” e outra que vem acumulando de maneira progressiva o ocupa. Trata-se de uma sorte de “lei de seleção natural política”, de sobrevivência do mais apto, ainda que mais “lamarquiiana” que “darwinista” porque, diferentemente da natureza, na sociedade, conta o fator subjetivo da vontade. Trata-se de uma lei materialista que rege a vida das correntes revolucionárias: devem-se qualificar umas às outras; a que tem mais capacidade e é sobrevivente em um meio hostil, constrói-se: esta é a lei.

(...) Partindo do ponto de vista anterior, e

durante esta duríssima luta, que muitas vezes abarca todo um período histórico (precisamente essa foi a experiência de bolcheviques e mencheviques na Rússia pré-revolucionária) é que na hora de capitalizar acertos ou direções políticas, o mais “forte” é o que “leva mais” na hora da “divisão/partilha”: se há dez companheiros para ganhar, a corrente mais forte fica com sete, e as mais débeis “repartem”, entre elas, um cada uma.

A questão é que toda organização revolucionária que não se ajuste a estas leis objetivas de disputa, seleção e recrutamento na vanguarda se verá incapacitada para atingir um salto construtivo de qualidade. (...) É que, efetivamente, como dizia Trotsky, o problema de Luxemburgo foi que não possuiu a capacidade de visualizar que a construção da organização revolucionária está determinada por um esforço subjetivo em selecionar, recrutar, concentrar e formar os melhores elementos da vanguarda para que construam a coluna vertebral do partido.

(...) Como vínhamos assinalando, o que nos interessa é apontar como são as leis de crescimento de uma organização de vanguarda. Suas leis são dialéticas como dialéticas são as leis de movimento tanto na natureza quanto na sociedade. Refere-se a uma compreensão profunda da operação desta lei: os saltos em qualidade se produzem após uma progressão caracterizada por toneladas de esforços e desenvolvimentos quantitativos prévios. Isto é, a lei de acumulação no terreno da natureza, a economia e também da construção do partido requer uma base material, um esforço prévio, que é o que em realidade ocupa praticamente a história inteira do processo, no qual o período de acumulação quantitativo leva um longo período de desenvolvimento. Trata-se de uma lei de desenvolvimento pautada por largos períodos de acumulação quantitativos prévios aos curtos períodos de surto revolucionário qualitativo. Em síntese, toneladas de esforços reformistas são

necessários para criar as condições materiais de um salto qualitativo em matéria de construção do partido revolucionário.

Porém, há algo mais no que pertence à organização de vanguarda: trata-se da passagem de ser uma organização que depende da vontade única de seus integrantes (característica das organizações de vanguarda) em transformar-se em uma corrente, digamos, histórica. Neste sentido, Gramsci (que evidentemente tinha muitíssima sensibilidade em matéria de organização) assinalava algo muito agudo.

Ou para dizê-lo de uma maneira mais “universal”, de uma corrente política definida com uma identidade tal que introduza um matiz no conjunto do movimento revolucionário de sua época. Em definitiva, segundo Liebman, a vantagem de que gozava o bolchevismo sobre o menchevismo (para além, claro está, das diversas estratégias) se fundamentava não tanto em uma equipe teoricamente superior, mas na capacidade de se manter viva, apesar de todos os fracassos e retrocessos, e inclusive apesar das mais difíceis condições, uma organização de partido que em período de reação e desmoralização que viram o colapso dos mencheviques salvaguardar o essencial é assegurar um futuro para a social democracia russa.

Começaremos despejando questões básicas. A primeira é que sempre os problemas de organização (e o regime de partido de partido dentre eles) se seguem dialeticamente da política. É a todas as luzes evidente que um partido direcionado à mera atividade eleitoral terá um tipo de regime muito diverso ao de uma organização revolucionária cuja atividade principal é intervir cotidianamente na luta de classe. Nesta intervenção, o que deve mandar são sempre as exigências que coloca a luta. Isto é, não há como resolver os problemas da intervenção do partido por uma via de onde se imponham interesses

estranhos aos da mesma luta. Os irrevogáveis interesses do partido devem fazer-se valer de uma maneira que contribuam para o desenvolvimento, politização e triunfo dessa mesma luta. O contrário seria instrumentalismo e nada mais que instrumentalismo, que fraco favor faria aos trabalhadores e ao progresso de sua consciência de classe. O regime de partido é passível de outro tipo de reducionismo: o de fazer uma interpretação do mesmo em chave formalista. É dizer, crer que o regime pode ficar preso na aplicação formal de um estatuto que condena o partido a inação, liquidando o desenvolvimento de sua vida militante em toda sua riqueza e diversidade. (...) No mesmo sentido, Marcel Liebman insiste uma e outra vez, de maneira convincente, que, sobretudo em condições de ascenso revolucionário (quando há retrocesso, necessariamente, regem outras leis, mais “fechadas” no que tange a vida da organização), o “partido de Lênin” é um [partido, CER] extremadamente flexível e aberto à pressão revolucionária proveniente desde baixo, como veremos mais adiante.

Ainda que venham dialeticamente dos problemas políticos, está claro que há e não pode deixar de haver uma especificidade nos problemas de regime de partido. Esta especificidade refere-se a várias leis de funcionamento da organização: trata-se das questões que se relacionam com o federalismo ou centralismo em matéria de organização e a combinação da livre discussão com a férrea unidade na ação. Interessa-nos começar pelo federalismo: historicamente, este foi o reflexo organizativo do economicismo: uma expressão pouco madura no terreno político; um marcar o passo com o mais atrasado da classe; o fazer valer os interesses “particularistas” contra o conjunto; um critério de despolitização. Enfim: vários dos temas caros à corrente anarquista-autonomista.

Precisamente, o debate entre concepções federalistas e centralistas em matéria de

organização se deu já nos primeiros tempos da I Internacional. É conhecido que Marx era partidário do centralismo. O partidário do federalismo era Bakunin. Este acusava Marx de “socialista burocrático” (...) Porém, como assinalava Lênin, em matéria de organização partidária, o federalismo é um “câncer”: uma trava organizativista ao livre debate e decisão política no conjunto do partido. Porque o federalismo supõe uma luta de relações de forças no seio da organização que não depende das posições políticas lançadas ao livre debate e a criação de maiorias e minorias políticas, mas de fazer valer nos debates supostas ‘quotas’ da mesma organização.

(...) No entanto, quando se trata de partido, fala-se de outra coisa muito distinta: o federalismo se converte em uma trava organizativista que impede a unidade da organização em sua ação revolucionária, que se põe acima de toda decisão política. Trata-se não de um critério de democracia partidária, mas de algo muito distinto: um critério de aparato, de “quotificação” do regime partido (...).

Em segundo lugar está a famosa questão de como estabelecer a combinação dos critérios de centralização na ação com a livre discussão democrática no interior da organização. Esta combinação, historicamente, expressou-se em uma fórmula proposta por Lênin em 1906 no interior do POSDR: o centralismo democrático. Classicamente, alude – como seu nome indica – a um par dialético, em que estão combinadas duas exigências distintas. Por um lado, a exigência de um amplo espectro de democracia e livre debate no interior da organização: os militantes partidários não são “autômatos”, mas companheiros dotados de consciência crítica que devem poder exercer seus direitos de opinião e, inclusive, de decisão autônoma (...).

Precisamente: junto com o elemento de absoluta liberdade na discussão deve-se sublinhar que não há organização de luta –

e o partido o é – que possa funcionar frente ao caráter centralizado do Estado capitalista e a patronal de uma maneira que não implique a mais férrea unidade na ação da organização. (...) Aqui se coloca outro agudo problema: nenhuma organização revolucionária pode dirigir-se à intervenção na luta de classes sustentando duas políticas. Isto a condenaria à impotência mais escandalosa. Daí que, chegado a um ponto, o debate no interior do partido – em qualquer de seus organismos – deve resolver-se para passar ao plano da ação. Porque sem essa ação o partido perde seu atributo de partido militante: em seu seio, o debate democrático e, inclusive, a elaboração teórico-política, devem estar ao serviço – em última instância – da ação: de exercer uma ação militante transformadora sobre a realidade. Assim, a unidade de teoria e prática, a práxis em matéria de um regime de partido militante, resolve-se na condenação do federalismo e no impulso da mais livre democracia na discussão e na mais férrea unidade na ação (...).

(...) Aqui há várias questões, porém a primeira que se deve assinalar é que na operação das “leis” antes assinaladas há, evidentemente, uma transformação. Isto ocorre tanto em matéria das leis de crescimento do partido como no que tange inclusive ao regime interno do partido. Porque se a organização de vanguarda é até certo ponto uma sorte de “brigada de combate”, um partido que está se lançando na influência entre setores das massas, evidentemente deve ter um série de critérios próprios em matéria de organização e funcionamento que configuram em muitos casos uma sorte de “inversão dialética” das leis que regem o estágio de vanguarda. Isto não obsta para que em todos os estágios rejam leis de desenvolvimento desigual e combinado.

(...) Os multiplicadores no que pertence à quantidade de militantes, inserção e envergadura política e organizativa do partido numa época revolucionária, evidentemente, variam substancialmente

em relação ao período em que a organização é um partido de vanguarda. Trata-se de outras leis as quais regem o salto às massas: aqui operam leis de multiplicação.

(...) Porém se não há partido organizado previamente, há um ditado que pinta de corpo inteiro a impotência desta situação: é como “tomar sopa com um garfo”. O mesmo se passa com a situação do partido: o salto às massas requer uma acumulação anterior, sob pena de que, inclusive, se existe um veículo à mão para dar esse salto, não possa concretizar-se.

Aqui há um terceiro problema: a variação das leis de construção no caso do partido que se lança a ter influência de massas, que muitas vezes o leva a chocar-se contra a parede. Pode-se dar o caso de que se tenha tanto o “veículo” como certa acumulação partidária para acometê-lo. É muito distinto o grau de politização da militância do partido de vanguarda; são muito distintos também os métodos de direção mais “personalizados” que caracterizam a organização de vanguarda. Porém quando o partido se faz realmente “impessoal” e tudo descansa nos quadros, no grau de educação que os mesmos receberam, e em sua capacidade de atuação autônoma (ainda que dentro dos parâmetros da política geral da organização), este elemento da acumulação de quadros prévia se transforma no elemento chave. Além disso, o partido transformado já – até certo ponto – em um “fato objetivo” tem a tendência de desenvolver interesses “próprios” de uma maneira muito forte, o que coloca a questão de que nunca se deve pensar o partido independentemente da luta de classes.

(...) Isto é, deve-se estabelecer um correto balanço entre a vida interna do partido e sua vida habitual, que está dirigida, e não pode deixar de estar, ao serviço da luta de classes. Vejamos o quarto problema: o das “âncoras” do partido. Aqui nos referimos aos contrapesos para que as pressões sociais que começam a exercer um setor das

massas sobre a organização – com todos seus elementos de atraso – não a faça desabar.

Estas âncoras são: o grau de politização de seu núcleo partidário, sua composição social, a autoridade de sua direção, as tarefas as que habitualmente se dedica (não será o mesmo se o cotidiano for a intervenção nas lutas operárias ou se a sua atividade básica for a eleitoral), o quadro teórico estratégico da organização e seu caráter internacionalista. Porque, caracteristicamente, e ligado dialeticamente ao anterior, há outro ponto chave: o grau de flexibilidade do partido em matéria de nutrir-se do melhor da jovem geração que entra em luta. O partido deve deixar para trás toda inércia conservadora e lançar-se de todo em intervir política e construtivamente na luta de classe incrementada. É aqui onde entra a capacidade de adaptação do partido, sua flexibilidade revolucionária, sua capacidade de livrar-se de toda inércia conservadora, toda estrutura inflexível que não seja capaz de nutrir-se dos impulsos revolucionários da realidade. Aqui há outra exigência ainda. Em situações de ascenso da luta de classes, o partido corre o risco de ficar por detrás da situação – tanto política como organizativamente – em vez de ser vanguarda.

(...) Isto ocorre quando há um ascenso revolucionário: o partido deve livrar-se de toda a inércia, revolucionar-se junto à classe. Há, até certo ponto, e como já assinalamos, uma “inversão” dos princípios enunciados mais acima. Porém, para que este salto não seja ao vazio, o estágio de partido de vanguarda deve ter sido resolvido de uma maneira satisfatória. O partido manterá seu caráter geral revolucionário só se quando se “fusão” com as massas (como assinala Lênin em O esquerdismo...) tem firmes suas colunas vertebrais enquanto organização revolucionária. Aí já se estaria fechando todo um círculo dialético em que até agora só o bolchevismo foi capaz de transitar satisfatoriamente, porém que seguramente terá novos capítulos neste século XXI.



Foto: Reprodução da internet

Ciência e Arte da Política Revolucionária (trechos selecionados)

O que todo militante deve saber sobre a política revolucionária

Por Roberto Sáenz
(Org. Antonio Soler)

2. O que é a política revolucionária

Queremos começar respondendo à questão que guia este material e que é o seu primeiro e mais geral start: o que é a política revolucionária? Em nossa visão, a política revolucionária não é outra coisa do que um ponto de apoio para a ação; um instrumento da intervenção no campo das relações sociais: a política é a afirmação dos interesses específicos como “gerais”. Sua especificidade é como se verbalizam ou traduzem a esse plano (seja mediante reivindicações, consignas, programas ou por intermédio do instrumento que seja) determinados interesses de classe. Dito de outra maneira: a política revolucionária é uma ação para impor os interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora exatamente no campo em que esses interesses são conflituosos, o campo da política.

Nas mais diversas circunstâncias nas quais as classes sociais ou as frações de classe se manifestam, uma simples reivindicação salarial, que a classe capitalista queira impor determinado regime de exploração de trabalho, que os burgueses agrários defendam determinado regime de propriedade da terra, que um governo legisle sobre um investimento estrangeiro, uma lei eleitoral ou o que seja, em todos os casos o que está ocorrendo é uma ação política de defesa – direta ou indireta, aberta ou camuflada – de um determinado interesse de classe (seja este interesse econômico, social, especificamente político ou, inclusive, no terreno das relações entre Estados). Porque a política é, precisamente, esse exercício: a procura de fazer valer determinados interesses sociais mediante uma intervenção no âmbito da generalização dos seus interesses particulares.

Ressaltemos, além disso, que o campo da política tem instituições que lhes são próprias que as explicitam, “traduzem” ou defendem estes interesses das classes em luta: os partidos políticos, sejam burgueses ou não; o Estado, que defende os interesses gerais da classe capitalista através de um e ou outro governo; os sindicatos (ainda que apareçam circunscritos apenas às relações “econômicas” entre operários e patrões); o parlamento e a justiça; as forças armadas; os meios de comunicação, tão importantes hoje, e outras.

Estas instituições em geral defendem os interesses da classe capitalista e suas diversas frações (apesar de apontar aqui também os sindicatos, que de uma maneira ou outra são expressão ou “representação” da classe trabalhadora) (...).

Voltando ao nosso argumento, assinalamos que a política revolucionária é, precisamente, a ferramenta utilizada por uma determinada vanguarda ou setor dos trabalhadores, organizada na maioria das vezes em partido (ou algum tipo de organização), para intervir de uma forma ou de outra nesse campo da disputa dos interesses sociais. Em última instância, a política revolucionária é impulsionadora da ação no campo político dos interesses das classes em luta através de algum coletivo dos trabalhadores, em sua maioria sob a forma partido.

2.1 Política como economia concentrada

Esta ideia nos remete, imediatamente, à conhecida definição leninista da política como “economia concentrada”. Trata-se de uma forma brilhante e sintética de esclarecer o ponto. Lênin quer dizer que a política, como conceito, move-se entre dois limites. Por um lado, afirma que a política ou, mais precisamente, as superestruturas jurídicas, política e ideológicas, não é terreno independente que se move nas nuvens do fetichismo ou da religião; trata-se de um conceito “subordinado”, determinado dialeticamente pelas relações econômico-sociais que lhe dão o seu conteúdo material

Em última instância, todo partido político, todo governo ou inclusive, toda religião (neste último caso, de maneira muito mais complexa e indireta), o que pensam, expressam ou defendem, são determinados interesses de classe. É a partir daí que Lênin explica a política como economia concentrada.

No entanto, nunca se pode perder de vista que a política tem a sua própria especificidade, suas próprias leis de funcionamento; se não fosse assim, não se justificaria como plano próprio da realidade social, não teria razão de ser ou existir. Porque é a própria realidade social fragmentada e fetichizada sob o capitalismo que faz da política um campo dialeticamente “separado”. Porém, um campo em que, no fundo, afirmam-se interesses sociais e de classe; onde estes interesses se traduzem e adquirem voz e generalização. Em suma, um campo que funciona mediante dinâmicas e formações complexas que não se reduzem à mera “mecânica” proveniente da economia, ainda que seja ela que, em última análise, acabe dando o conteúdo às coisas. O que não é mais do que dizer que em geral as formas políticas, os partidos, as políticas, qualquer uma de que se trate, não se apresentam em seu próprio nome (tratando os interesses de classe que realmente defendem), mas mediante algum tipo de disfarce.

Acontece que sob o capitalismo a política é um terreno que aparece fetichizado ou invertido, dissimulando interesses particulares como se fossem gerais. Afirma, por exemplo, que “a soberania está no povo”, quando este mesmo povo não decide nada, apenas quem será o verdugo a cada tantos anos (como afirmava Lênin em O Estado e a revolução sobre as eleições na democracia burguesa).

Por isso mesmo, uma das tarefas da revolução e da autêntica transição socialista é a de acabar com esta divisão, tendendo reabsorver a política, a direção dos assuntos gerais, ao corpo social como tal. Daí a

conhecida frase de Engels que dizia que no comunismo se passaria do “governo das pessoas à administração das coisas”, dando a entender que a política como instância separada desaparecia no contexto de uma administração comum dos assuntos por parte de uma sociedade de iguais e auto organizada, sem uma instância separada da sociedade como é hoje o aparato do Estado.

Em todo caso, sob o capitalismo, e também na transição ao socialismo, a política opera sob uma série de leis de condensação (por oposição à dispersão) que lhes são próprias e que fazem da intervenção no terreno político uma tarefa obrigatória e imprescindível para os revolucionários. A este respeito, é importante entender que a política refere-se, em última instância, ao Estado, que no capitalismo aparece como instância centralizadora. Essa instância tem esse poder de condensação que coloca as mais importantes questões no centro da cena, em oposição à fragmentação da miríade de conflitos no terreno estritamente econômico ou da “sociedade civil”. Daí que a intervenção no terreno político tenha a possibilidade de contribuir para formulação de reivindicações gerais, de conjunto.

A ação política deve ser entendida como intervenção no âmbito dos assuntos gerais, dos programas, das perspectivas de conjunto e o elevar-se a ela. Tal é a tarefa própria dos revolucionários, em contraste com a fragmentação e parcialidade a que estão submetidos os explorados nas lutas cotidianas (no terreno econômico). Por isso, Lênin falava da necessidade de “elevar-se à luta política de conjunto”, a um campo que transcenda a mera luta reivindicativa entre operários e patrões (que, no entanto, é o ponto de partida na maioria dos casos).

Esta dialética coloca a necessidade prévia da classe operária elevar-se plenamente ao plano político para que, por meio da revolução socialista e da transição, possa abolir a política como âmbito separado (este aspecto nos separa dos anarquistas e das correntes “antipolíticas”). E esta elevação

política revolucionária é imprescindível porque o campo político é uma esfera objetiva da realidade social, a esfera da generalização dos interesses de classe. E a classe operária deve elevar-se a este plano: lutar no plano dos “interesses gerais” para, com sua política revolucionária, impor-se e ganhar hegemonia sobre as demais camadas exploradas e oprimidas.

2.2 A política revolucionária como ciência e arte

Como a insurreição ou mesmo a guerra, a política revolucionária é, e não pode deixar de ser, uma ciência e uma arte. Como dizia Lênin e antes dele o militar prussiano hegeliano Clausewitz, toda ação humana sobre um objetivo determinado requer capacidades da ciência e da arte, de conhecimento e intuição, os dotes do cientista e do criador. E na política e na guerra ainda mais do que em outras áreas.

A dimensão científica tem a ver com o estudo, a análise, os princípios elementares e as leis que regem qualquer fenômeno. Sem esta investigação, sem este estudo prévio, sem os princípios gerais da ciência particular à qual se refere, a ação seria um puro empirismo, um mero proceder “inconsciente” (e inconsistente) sobre as coisas, em geral condenado ao fracasso. Porém, ao mesmo tempo, a política tem elementos de apreciação das coisas à primeira vista. É um terreno no qual a intuição se move com certa liberdade, porque a dinâmica da realidade muitas vezes deixa pouco espaço temporal para a reflexão cuidadosa. Gramsci define a intuição como “a rapidez com que se relacionam fatos aparentemente alheios entre si”.

Nesse terreno, inevitavelmente, operam tanto o acaso como a lógica das probabilidades. Quer dizer, a dimensão “artística” e uma determinada “mecânica dos processos”. Nessa “dimensão artística” ou intuitiva, tem enorme peso a experiência anterior, o ter passado várias vezes por

circunstâncias similares. A intuição não é uma iluminação mística, mas sim que se forja a partir de uma acumulação de experiências, ainda que essas experiências não estejam expressamente racionalizadas. É o subproduto de uma experiência que fica internalizada e que nem sempre se assume conscientemente, mas que se coloca na forma de reflexo.

A combinação destas características científicas e intuitivas, desta ciência e desta arte da política, faz as características do “gênio político” (Clausewitz falava, agudamente, do “gênio” guerreiro); quer dizer, a capacidade de conseguir a apreciação justa das circunstâncias. Característica que apenas se obtém mediante a combinação do estudo e a experiência, que não é outra coisa que o conceito de práxis de Marx.

Em resumo: a política revolucionária como aplicação “subjetiva” (no sentido de que é feita por um sujeito em um campo de determinações objetivas) pode mover montanhas na medida em que adquire terrenalidade, deduzindo-se logicamente de suas próprias premissas; ou, como queria Lênin em suas Notas filosóficas sobre Hegel, capturando os elos mais débeis da cadeia da realidade. Daí o lugar central que a política tem na ação dos socialistas revolucionários e que a partir da nossa corrente queremos reivindicar como central na nossa atividade: fazer política revolucionária com centro na ação para transformar a realidade tomando como referência não o nosso próprio (umbigo (como fazem muitas seitas que confundem seus desejos com a realidade, um autoengano demagógico em que acabam sendo a primeira vítima), mas as determinações mais profundas e objetivas das tendências sociais e políticas.

2.3 HISTÓRIA E POLÍTICA

Em Gramsci é muito aguda a definição da política como momento criador, transformador; como história considerada como acontecimento que se desenvolve no mesmo momento em que se realiza. Gramsci recupera a dimensão da política não como algo meramente passivo, mas como verdadeira ação criadora da realidade histórica a partir de determinadas circunstâncias. Por isso, quando fala do Príncipe Moderno (em alusão a Maquiavel) esse vem encarnado no partido político revolucionário como agente à cabeça da classe operária que realiza essa política criadora da história. É a partir daí que considera a política como a “única história em ato, a única filosofia em ato, a única política”.

A contemporaneidade da história não deve ser vista como algo puramente “objetivo” que ocorre paralelamente aos sujeitos, mas como um quefazer que, ainda que parta de circunstâncias determinadas, herdadas das gerações anteriores, nos implica, implica às classes fundamentais e sua política, implica a ação que os sujeitos sociais realizam no campo da luta de classes e transforma, para o bem ou para o mal, a realidade das coisas.

Por isso, Gramsci tem em alta consideração a política revolucionária (e o partido político como seu instrumento por excelência) e a concebeu como o instrumento de transformação da realidade dada. Daí, também, desprende uma concepção particular da história, no sentido não de algo que ocorre apesar de nós ou lançada à inexorabilidade das coisas (ou mero estudo do passado), mas que se faz na história contemporânea, na história que se desenvolve sob nossos olhos, um campo para a intervenção revolucionária para transformar o curso das coisas no sentido da emancipação dos explorados e oprimidos.

1. O Partido como força permanente

Por Roberto Sáenz / Revisão: Maria Cordeiro

Fragmento do curso "Lo que todo militante debe saber sobre la política revolucionaria" do Nuevo Mas, organização irmã da SoB na Argentina.

A crise mundial em curso e a extensão universal de um ciclo de rebeliões populares estão criando melhores condições para a construção de partidos revolucionários internacionalmente. Aqui abordaremos apenas um aspecto do problema: aprender a **afirmar os interesses do partido como um fator organizado permanente.**

O partido não reúne os trabalhadores por sua condição como tais, mas **apenas aqueles que avançaram na compreensão** de que a solução para os problemas está na revolução socialista: **o partido reúne revolucionários e não trabalhadores como membros da classe trabalhadora** (a maioria esmagadora dos quais é burguesa, reformista e não revolucionária em sua ideologia). Aqueles que se reúnem sob o mesmo programa constituem um partido. Mas se seus militantes não constroem o partido, ninguém o constrói: **o partido é a coisa menos objetiva e espontânea que existe em termos de formas de organização dos trabalhadores. Pelo contrário: ele exige um esforço consciente e adicional, com suas próprias leis.**

Um problema muito importante é o da **combinação dos interesses do movimento em geral e os do partido em particular** quando se trata de intervenção política. Um erro comum é sacrificar um no altar do outro. **No caso das tendências (ou seitas) mais burocráticas, são os interesses mais gerais dos trabalhadores que são sacrificados aos do próprio aparato** (Marx já argumentava que os comunistas só se caracterizavam como

aqueles que, em cada caso, afirmavam os interesses gerais do movimento).

Mas também, **é uma concepção falsa acreditar que os interesses do próprio partido nunca contam**, que apenas o interesse supostamente "geral" conta, sacrificando ingenuamente os interesses do próprio partido em nome dos "interesses comuns". **Isso torna impossível construir o partido, cuja mecânica é no mínimo "natural".** Justamente por isso, **é necessário aprender a apoiar ambos os interesses:** as condições gerais da luta e a construção do partido com base nelas.

Além disso, é necessário saber como **avaliar qual interesse está em jogo em cada caso.** Nunca se pode correr atrás de cada luta, de cada evento; nenhum partido pode fazer isso, a menos que seja realmente um partido de massas (e talvez nem mesmo assim). Mas quando se trata de organizações de propaganda, ou mesmo de organizações de vanguarda, é preciso escolher. **É preciso estabelecer uma hierarquia, levando em conta tanto o peso do fato objetivo, quanto às possibilidades reais do partido de responder a essa experiência e construir-se a partir dela.**

Isso significa que a agenda do partido nem sempre é ordenada em torno da agenda "objetiva" da realidade. Também é necessário considerar a agenda da própria organização ao construir a si mesma, ter suas próprias iniciativas. É claro que isso tem certos parâmetros. **Uma organização que define sua agenda exclusiva ou essencialmente de acordo com suas próprias necessidades e independentemente da realidade não seria mais um partido, mas uma seita** (e há muitas delas). Mas **também não será um partido (ou seja, nunca se tornará um) se, em todos os casos, juntamente com os interesses gerais, não conseguir afirmar seus próprios imperativos de construção.**

Como já dissemos, essa construção é a coisa

menos "objetiva" que existe mas, no entanto, é a mais essencial na hora de se produzir os eventos históricos. Gramsci explica: "A observação mais importante que pode ser feita sobre **qualquer análise concreta da correlação de forças é que essas análises não podem e não devem ser análises em si mesmas** (a menos que um capítulo da história do passado seja escrito), mas **só adquirem significado se servirem para justificar uma atividade prática, uma iniciativa da vontade**. Elas mostram **quais são os pontos de menor resistência em que a força de vontade pode ser aplicada de forma mais proveitosa; sugerem operações táticas imediatas; indicam como uma campanha de agitação política pode ser melhor planejada, que linguagem as multidões entenderão melhor** e assim por diante. **O elemento decisivo em todas as situações é a força permanentemente organizada e disposta há muito tempo, que pode avançar quando uma situação é considerada favorável (e só é favorável na medida em que essa força existe e está cheia de ardor militante)**; por essa razão, **a tarefa essencial é procurar sistemática e pacientemente formar, desenvolver, tornar essa força [ou seja, o partido] cada vez mais homogênea, mais compacta e mais autoconsciente"** (Gramsci, cit., pp. 116-7).

Está se tornando cada vez mais claro **que tempos de uma luta de classes mais feroz, mais dura e mais polarizada estão chegando**. É para esse cenário que concebemos este texto que estamos disponibilizando para a educação das novas gerações. Pois **o que está no horizonte é o ressurgimento da época de crises, guerras e revoluções, e uma lenta, mas sistemática, acumulação de condições para o relançamento da luta pela revolução socialista no século XXI**.

2. Como formular uma política revolucionária?

Por José Luiz Rojo / Revisão: Maria Cordeiro

(Orientação geral aos militantes do Nuevo MAS, Argentina, acerca da formulação política para as eleições. NT)

APRENDER A ESCUTAR

A primeira regra geral para a formulação de uma política revolucionária é partir da realidade objetiva, daquilo que existe de maneira independente de nosso partido.

Isso que existe são as condições gerais de nossa atuação (economia, Estado, governo), assim como as classes e relações de força entre elas, seus partidos e demais representações, e, por fim, as tendências mais gerais que denotam cada ciclo político (internacional e nacional). Todas estas determinações endereçam às condições objetivas de nossa ação.

Mas existe uma segunda "lei" ou regra fundamental na hora de formular a política. A realidade sempre está determinada por tendências progressivas e conservadoras, e é óbvio que o partido deve saber apropriar-se, ter a sensibilidade de apoiar-se nessas tendências objetivas que lhes podem ser favoráveis para opor-se às outras, as conservadoras.

A formulação de uma política revolucionária (o mesmo que a construção partidária) seria impossível sem essa relação com a realidade, caso a realidade aparecesse como uma "caixa fechada", algo imodificável e não sulcada por estas tendências contraditórias nas quais há que saber apoiar-se para construir o partido e transformar a realidade.

Uma política que não partisse desta riqueza da realidade, de suas contradições, seria um mero exercício de **laboratório** e não o que deve ser: **um diálogo do partido com a classe**

(que é outra das determinações de uma política revolucionária).

Este era – como destacava Trotsky – um dos aspectos mais fortes de Lenin: **saber escutar** (estando inclusive a milhares de quilômetros da Rússia), **com a maior profundidade, o que animava os sentimentos das massas laboriosas.**

Os maiores revolucionários têm insistido sempre que a única maneira de formular uma política correta é partindo de escutar o que “dizem” as massas. Em uma recente conferência nacional de nosso partido – atendendo aos traços juvenis de nossa organização – insistimos na importância de que nossa militância aprendesse a **escutar** a nossa classe; que antes de “falar” (antes de formular a sua política) **partisse de saber o que opina, o que sente a classe trabalhadora.**

Parte disto é algo já assinalado: ter sensibilidade frente às tendências mais dinâmicas da realidade (não só nacional, senão internacionalmente), **saber utilizá-las como um ponto de apoio em nossa ação.**

Sublinhamos as tendências internacionais e não só as nacionais, porque a construção de nossos partidos tem colocado sempre como necessidade o que estamos mencionando: saber como marcha o mundo, compreender que o localismo é **cego**, que somente o internacionalismo permite ver mais além e compreender as tendências esboçadas nacionalmente como parte de algo mais global.

A formulação da política revolucionária é assim um “diálogo”: diálogo entre o partido e a realidade, diálogo entre o partido e a classe operária. E nunca um “monólogo”, que é uma das marcas do fio condutor que tornam a uma organização **estéril, sem força transformadora.**

MASSAS E VANGUARDA

Outro elemento importante nesta discussão é a abordagem das relações do partido com as massas e com a vanguarda. Em relação a quais destas duas determinações se formula a nossa política?

Este é outro debate recorrente que parte do assinalado e é evidente para o marxismo: **sempre se parte da realidade, do que é mais objetivo.**

E o mais objetivo são as classes e os partidos majoritários que a “representam”: as grandes forças burguesas e burocráticas. Logo depois disso entram no quadro de avaliação a vanguarda e suas organizações.

Isto mesmo vale para as relações gerais entre as massas e a vanguarda. Porque a vanguarda é, enfim, definitivamente, **uma expressão específica da própria classe.** Uma expressão que se refere, ao fim, a essa mesma classe, que é sempre o agrupamento maior.

Nahuel Moreno, nos anos 70 (em sua luta contra o guerrilheirismo), levava demasiado longe esta expressão (a extrapolava até quase dissolver a vanguarda) quando afirmava que a vanguarda era um “fenômeno” e que a classe era o objetivo, o que sempre persistia, o “ser ou essência” da coisa.

Mas, se havia uma grama de verdade nesta afirmação, o problema estava em que depois o morenismo se caracterizou por cometer um erro simétrico pelo lado oposto: **perder de vista a importância estratégica da luta na vanguarda como uma engrenagem indispensável do partido revolucionário,** como uma “alavanca” indispensável para o acesso às massas maiores (aquelas que não podem ser conquistadas de maneira orgânica a não ser pela ação da vanguarda mesma, seus organismos e partidos).

A vanguarda é uma alavanca para que o

partido conquiste as massas. No entanto, a formulação da política deve sempre remeter – para seja correta – às tarefas colocadas pelas mesmas classes sociais na arena dos grandes acontecimentos.

Se não for assim essa política será estéril, taticista, carecendo de verdadeira força material.

OPORTUNISMO E SECTARISMO

Vejamos agora a consequência do que estamos assinalando na hora da formulação de uma política revolucionária.

Regra geral, o oportunismo em política significa **adaptar-se passivamente às circunstâncias**, não ter uma abordagem crítica destas, algo que resulta em **renunciar a transformá-las**.

O não adaptar-se à realidade (algo que não nega que devamos partir dela tal e qual é) se expressa na forma revolucionária em que intervimos, a partir de uma posição estratégica, que os meios devam ser adequados aos fins, que os passos que damos devem servir ao objetivo da transformação social.

A partir disso, fica claro que não podemos fazer, por exemplo, frentes eleitorais com qualquer força (somente são admissíveis frentes de independência de classe), ou que não podemos adotar uma estratégia de obter cargos parlamentares, renunciando à nossa política revolucionária.

O sectarismo, por sua parte, significa crer que a política pode ser formulada independentemente das circunstâncias de tempo e lugar: ou seja, sob um enfoque que poderíamos chamar de “laboratório”, abstrato, geral.

O erro de não partir do mais objetivo, das condições mais gerais, pode expressar-se na hora de formular uma política que não seja regida pelas grandes forças de classe, senão somente pela disputa na vanguarda; ou que

confunda o conteúdo de nossa política (inegociável) com a forma acessível, ou flexível, de formulá-la para os mais amplos setores.

A política revolucionária não é sectária, nem oportunista, é revolucionária. Parte criticamente da realidade, das condições tal qual são, mas sempre para transformá-la. **Se apoia nos elementos mais dinâmicos para combater os mais conservadores. E arranca sempre de um diálogo com nossa classe para tentar formulá-la da maneira mais acessível possível (nunca para adaptá-la ao nível estritamente reivindicativo ou sindicalista).**

Nossa política não é de laboratório, não é doutrinária, se forja na realidade da luta cotidiana de nossa classe, partindo das condições tal qual são e aposta sempre em transformá-las.

3. A formação marxista

Por José Luis Rojo / Revisão: Ana Paula Scandola

***"Em cada estágio há um resultado material, uma soma de forças de produção, uma relação historicamente criada com a natureza e dos indivíduos entre si, que é transmitida a cada geração pela anterior, uma classe de forças produtivas, capital e circunstâncias que, é claro, é modificado, por um lado, pela nova geração, mas que, por outro lado, prescreve a eles suas próprias condições de vida e lhes dá um desenvolvimento particular, um caráter especial; Em outras palavras, as circunstâncias determinam os homens tanto quanto os homens fazem as circunstâncias"** (Marx, citado por Ernst Bloch em "O princípio esperança").*

Nesta edição, voltamos à coluna habitual sobre os problemas da construção do partido, desta vez abordando os problemas da formação marxista da militância partidária. Vamos nos apressar em apontar que a formação marxista básica - além do

que já apontamos aqui, que a primeira e principal escola de militância é a luta de classes do proletariado - tem dois pontos de apoio que se combinam dinamicamente. Não estamos nos referindo tanto à formação política, mas sim à formação teórica em marxismo: **a abordagem materialista e dialética das questões**, tão escassa hoje em dia no cenário das organizações políticas da esquerda revolucionária, caracterizada por egocentrismo, subjetividade, autoproclamação e outras aberrações.

MATERIALISMO E DIALÉTICA

O primeiro ponto de referência é a abordagem materialista. Precisamente, a mudança copernicana que Marx e Engels introduziram na compreensão da história e da sociedade é que **são as condições materiais de existência de suas classes sociais (sua produção e reprodução material) que determinam suas representações ideológicas e formas políticas**, que dão substância às lutas que se desenvolvem entre elas: quem fica com o excedente social (o excedente econômico). Eles chamaram isso de **concepção materialista da história**, que é o fundamento último dos acontecimentos: **a "luta pela existência" travada pelas classes sociais exploradoras e exploradas para se apropriar do produto da riqueza, que não surge mais que da aplicação do trabalho da sociedade à exploração da natureza**.

Por isso, Marx apontou que **não é a consciência que determina a existência (interpretação idealista), mas, ao contrário, são as próprias condições de existência material das pessoas e das classes que determinam suas formas de consciência ou representações**. Ou que, em última análise, é a estrutura material da sociedade (a maneira como ela é organizada para a produção e a extração do trabalho não remunerado dos trabalhadores) que determina as formas de representação e

poder que são configuradas política, jurídica e ideologicamente (as formas de estado, instituições, partidos políticos etc.).

Mas no solo granítico da interpretação materialista das coisas e dos eventos (uma base que corresponde à dialética do desenvolvimento da sociedade, bem como da natureza, cujas leis são semelhantes), outro elemento de grande importância é introduzido. Nenhuma dessas relações de correspondência entre fatores materiais ou "ideais", entre fatores objetivos e subjetivos, é mecânica. A lógica do desenvolvimento social e natural é regida por uma certa dialética; **todo processo histórico e natural é caracterizado por contradições, desenvolvimentos desiguais, saltos da quantidade para a qualidade, e assim por diante**. E também com o fato de que a dinâmica entre o que é e a forma como as coisas são representadas é complexa. **Há uma dificuldade em ter uma consciência real das circunstâncias, do que deriva a complexidade da "forma partido"**.

É por isso que **o marxismo lutou incansavelmente contra a interpretação idealista e religiosa dos fenômenos sociais e naturais, mas ao mesmo tempo advertiu contra uma abordagem mecânica que perderia de vista as relações mutuamente determinantes entre fatores materiais e ideais, objetivos e subjetivos, que são o que, em última análise, como subproduto deles, dão origem à história social e natural**.

SUJEITO E OBJETO

Parte do que temos apontado no campo da filosofia em geral e da filosofia marxista em particular são **as relações estabelecidas entre as condições materiais econômicas e políticas objetivas e os sujeitos que atuam nessa realidade; determinados por ela, mas também determinando sua transformação em outra coisa**. Esse é um debate que se estende por toda a história do marxismo. **Houve variantes crassamente objetivistas e mecânicas**: Althusser,

ideólogo do PC francês, chegou a dizer que "a história seria um processo sem sujeito ou fins"; mas o fato de não ter fins teleológicos, ou seja, externos às próprias condições da luta, não pode significar **que não tenha um sujeito!** E também **houve as subjetivistas, que perdem de vista as determinações materiais e objetivas nas quais os sujeitos agem**, sem ver que uma lógica voluntarista não consegue mudar a realidade: **as gerações presentes levam suas condições transformadas às gerações futuras, que objetivamente iniciam sua ação a partir de condições não criadas por elas.**

A melhor abordagem dessa dialética foi deixada não apenas por Marx e Engels em textos brilhantes como as "Teses sobre Feuerbach" ou a "Dialética da Natureza", **mas pelos próprios Lênin e Trotsky** nas "Notas Filosóficas sobre a Lógica de Hegel", do primeiro, ou nos "Fragmentos sobre a Dialética", do segundo, no início da década de 1930. Deles decorre uma abordagem metodológica na qual, embora tanto Lênin quanto Trotsky sejam insuperáveis em sua abordagem materialista, terrena e realista das questões envolvidas na luta de classes, ao mesmo tempo eles não são caracterizados por nenhum mecanicismo e nenhuma teleologia: **o resultado das lutas históricas das classes sociais depende das próprias lutas e, portanto, da ação das classes sociais, de suas organizações, partidos e programas na disputa da história.**

O mesmo aconteceu com Rosa Luxemburgo, quando insistiu no prognóstico alternativo para a dinâmica do capitalismo: **socialismo ou barbárie**, bem como nas notas críticas de **Gramsci** a Bukharin, onde, mesmo à custa de alguma unilateralidade, definiu a política como "história em ato": **a história não como algo predeterminado ou localizado "post festum" no passado, mas como estrategicamente se realizando por meio da ação de sujeitos históricos em determinadas circunstâncias.**

O MOTOR DA HISTÓRIA

Indo a graus menores de abstração, pode-se dizer que **um par clássico na formação marxista é a relação entre economia e política, economia e luta de classes.** Aqui, podemos apenas apontar rapidamente que não se trata nem de perder a base material das relações entre as classes, que cria a própria economia (forças produtivas e relações de produção nas quais os homens reproduzem suas relações de existência; seu metabolismo inescapável com a natureza para sua reprodução biológica, material e social), nem de **fazer da economia um motor independente que por si só poderia mover a roda da história.** Marx já apontava que "a história não faz nada, é o homem que produz e luta", bem como a contrapartida dialética dessa afirmação, que diz que "os homens fazem a história, apenas sob determinadas condições".

O contraste entre essa abordagem marxista e a imensa grosseria das abordagens objetivistas e catastrofistas, que acreditam que as próprias condições materiais podem fazer tudo no lugar das classes em luta, é óbvio. Não é à toa que a mola material da história é o desenvolvimento das forças produtivas, mas, **como disse Marx no Manifesto Comunista, o "motor da história é a luta de classes".**

Isso nos leva a outra característica problemática da ação política: **a capacidade de avaliar cada circunstância e fenômeno em suas devidas proporções, sem se deixar impressionar.** Isso é fundamental porque qualquer ação política, desde a mais elementar até a insurreição, exige uma apreciação objetiva das questões, sem se deixar impressionar **pelo inimigo de classe ou pelo adversário da esquerda; é uma ciência e é uma arte, de conhecimento e intuição.**

A militância se desenvolve no seio da luta de classes; o partido se constrói dentro dela. E essa luta de classes por interesses materiais opostos e irreconciliáveis, como

Lênin apontou, significa todos os tipos de pressões sociais, econômicas, políticas e ideológicas. **Armados com as armas do marxismo revolucionário, o partido e seus membros militantes devem abrir caminho através das muitas contradições e pressões sociais que são criadas em toda luta, sem se deixar impressionar e sem perder a fonte da vontade racional.**

Não se deixar impressionar significa **nunca perder de vista o fato de que a realidade é mais rica do que parece à primeira vista; ela sempre tem mais contradições e relevos do que parece na superfície das coisas.** Ao mesmo tempo, **não perder o impulso da vontade refere-se ao entendimento materialista de que a realidade sempre nos dá pontos de apoio para a ação.** Como disse Lênin (Trotsky repetiu que isso era característico dele desde a juventude), na ação política é sempre uma questão de tentar agarrar o elo central da corrente para tentar, a partir daí, assumir o controle da corrente como um todo, transformando a realidade.

Aprender a ser marxista, avaliar as circunstâncias em suas devidas proporções, saber como partir das condições materiais de existência das coisas, saber que não há nada mecanicamente determinado na dinâmica da luta de classes, que os processos são, em última análise, definidos apenas pela própria luta, e que a política pode mover montanhas quando se torna força material ao compreender os elos centrais da realidade e quando está organizada em um partido revolucionário, são alguns dos ensinamentos gerais da educação marxista que todo militante deve assimilar.

4. A construção do partido revolucionário

Por Roberto Sáenz / Revisão: Ana Paula Scandola

Há algumas edições não publicamos nossa coluna habitual sobre os problemas da construção do partido. Queremos retomar um assunto de enorme importância para os revolucionários: como lidar com situações desfavoráveis?

A REALIDADE É SEMPRE MAIS RICA

O primeiro aspecto tem a ver com a realidade, com o que é objetivo para nós como revolucionários, **com o que compõe o contexto de nossa ação.**

Muitas vezes somos confrontados com situações adversas, situações que parecem não ter saída e que, portanto, podem desmoralizar certos militantes.

Um dos jovens secretários de Trotsky no exílio na década de 1930, Jean van Heijenoort, relatou em sua obra biográfica, "De Prinkipo a Coyoacán", como Trotsky respondeu à questão de como os revolucionários deveriam lidar com os cenários adversos da realidade.

Ele usou uma metáfora muito perspicaz que nos chamou a atenção: apontou o que acontecia quando um grupo de alpinistas chegava **a uma parede de montanha que parecia completamente lisa, plana,** e lhes era dito que não conseguiriam escalá-la.

Ele ressaltou que, à medida que os alpinistas se aproximavam da parede, começaram a ver algo nela que não haviam imaginado de longe: que **a superfície era "mais áspera" do que pensavam,** que tinha saliências nas quais se agarrar e que, com ousadia, mas também com moderação (ou seja, sem insensatez), eles poderiam encontrar os pontos de apoio para escalá-la.

A QUE ESSA METÁFORA SE REFERE?

É óbvio: ao fato de que **a realidade é sempre mais rica do que parece à primeira vista**, tem mais desvios e nos oferece mais alternativas do que pensamos na primeira observação. E que, para avaliar isso, **é preciso transcender a superfície das coisas e chegar ao cerne da questão, levando em conta as contradições que toda realidade sempre possui e encontrando nelas os fundamentos para a ação.**

Moral: a realidade sempre oferece alternativas, desde que saibamos avaliá-la adequadamente: não como um "pacote fechado", mas dialeticamente.

QUEM NÃO LUTA ESTÁ MORTO

Mas, do terreno objetivo das coisas, **devemos agora passar para o fator subjetivo**, que entre os revolucionários diz respeito à sua política para mudar essa realidade.

Já escrevemos em outro lugar que a política revolucionária, quando baseada em certos pressupostos materiais, quando os encontra, pode mover montanhas. Marx já havia apontado em "A Sagrada Família" que toda ideia verdadeiramente revolucionária acaba "tomando conta das massas" e consegue fazê-lo precisamente porque é radical, porque vai à raiz, aos fundamentos das coisas.

Isso não significa que se possa construir "castelos no ar"; nada disso. Significa simplesmente que **qualquer política revolucionária, se conseguir se apoiar nos elementos mais dinâmicos da realidade, se conseguir ser "radical", se conseguir captar os elos centrais da corrente** (como Lênin também insistiu), se conseguir identificá-los, **pode transformar uma realidade** por mais adversa que ela possa parecer à primeira vista.

Portanto, pode-se afirmar que não há

situações absolutamente irreversíveis (Lênin disse isso para a burguesia, mas podemos estendê-lo - até certo ponto - como algo de validade geral). Sejamos claros: o fato de a realidade não ser determinada mecanicamente não significa que, em determinadas circunstâncias, no final, apesar de todos os esforços, uma derrota não possa ser evitada.

Mas, mesmo nesse ponto, há um longo caminho a ser percorrido; e quando se luta, sempre encontram-se muito mais alternativas do que se pensava à primeira vista, precisamente por causa dos dois polos da realidade aos quais estamos nos referindo aqui.

Porque **a realidade oferece mais alternativas do que acreditamos quando a avaliamos abstratamente** e, ao mesmo tempo, porque uma política revolucionária (que, por definição, não desiste diante do "fato consumado") **sempre encontra pontos de apoio para a ação, para avançar em algo a fim de modificar a adversidade.**

Como digressão, é interessante colocar aqui algumas das reflexões de **Trotsky sobre a derrota da Oposição de Esquerda contra Stalin** e se não teria sido mais fácil para ele dar um golpe de Estado para derrotá-lo, já que estava à frente do Exército Vermelho.

Sobre esse ponto (que não desenvolveremos longamente aqui), Trotsky simplesmente apontou que, **se ele tivesse dado um golpe, se tivesse tentado confiar não na classe operária, mas no exército, ele mesmo teria incentivado todas as tendências burocráticas que a oposição havia se proposto a combater.**

Mas aqui estamos interessados em desenvolver o outro aspecto de sua reflexão, aquele que respondia à ideia de que a derrota da oposição era "inevitável". Trotsky insistiu que **foi o conjunto de condições objetivas que tornou possível a ascensão de Stalin.**

Após as enormes despesas da guerra civil e em vista das derrotas da revolução no mundo, a classe operária e as massas populares da URSS queriam um "descanso"; **isso é o que Stalin parecia estar propondo a elas** (e que a virada da década de 1930 desmentiu): **a ideia consoladora da "construção do socialismo em um país" e não as perspectivas de uma revolução interminável e "permanente"...**

Perguntando a Trotsky, então, se a derrota da oposição havia sido "inevitável", ele respondeu que não: por mais difícil que seja uma luta (a do trotskismo na década de 1930 na URSS ou em qualquer outra), o que decide as coisas é a própria luta, a luta que deve ser travada e ver o que acontece!

AS NOVAS GERAÇÕES

Isso nos leva a um último ponto que tem a ver com a recusa do marxismo revolucionário em adorar o fato consumado. Trotsky disse que **a força da inércia histórica era uma de suas características mais marcantes.**

Ele estava se referindo ao **"peso gravitacional" do estabelecido**, de como o mundo existente permaneceu fixo na retina dos trabalhadores, de sempre ter sido a "raspa do tacho" e da incapacidade de ver o que estava acontecendo diante de seus olhos: que esse mundo poderia estar mudando.

Na realidade, foi mais o **Lukács** de "História e Consciência de Classe" (o revolucionário, não aquele que mais tarde se voltaria até mesmo "criticamente" para o stalinismo) que, sob o impacto da derrota da revolução alemã, **apontou que, como um subproduto do caráter conservador da consciência, na representação dos trabalhadores sobreviveu um mundo que, na realidade, já estava passando, mas que eles acreditavam estar estabelecido como tal e para sempre.**

De certa forma, são esses tipos de representações que muitas vezes são fixadas nas antigas gerações de militantes, que, como subproduto do acúmulo de muitas derrotas, sentem que a realidade não pode ser mudada.

Trotsky destacou com acuidade que o movimento revolucionário é renovado por gerações (livres de derrotas passadas), tendo em mente (no caso de sua experiência na década de 1930) o significado para a geração revolucionária de outubro da ascensão do stalinismo e a aposta na fundação da Quarta Internacional em uma nova geração militante para se livrar do peso morto dessa derrota.

Uma nova geração operária e uma nova geração militante estão surgindo em nosso país e no mundo todo. São eles que devem tomar a tocha das mãos das antigas gerações para, com base no fato de se tornarem marxistas e acumularem experiência dentro do proletariado, relançar a luta pelo socialismo neste novo século.

5. Como adquirir o ofício construtivo?

Por Roberto Sáenz / Revisão: Ana Paula Scandola

"(...) Vladimir herdou de seu pai a capacidade de se misturar facilmente com pessoas de diferentes categorias sociais, de diferentes níveis. Sem se irritar, sem violência, muitas vezes sem objetivos preconcebidos, ele sabia, em virtude de uma curiosidade irreprimível e de uma intuição quase infalível, como extrair de cada possível interlocutor o que precisava. É por isso que ele ouvia com tanta alegria enquanto os outros estavam entediados e ninguém ao seu redor adivinhava que, por trás de sua tagarelice, havia uma grande quantidade de trabalho subconsciente: as impressões eram coletadas e selecionadas, os buracos da memória eram preenchidos

com material factual de valor inestimável, pequenos fatos serviam para verificar grandes generalizações. Assim, as divisórias entre os livros e a vida desapareceram e Vladimir, já naquela época, começou a usar o marxismo como um carpinteiro usa uma serra e um machado" (Leon Trotsky, "Lênin").

Nesta nova edição sobre problemas organizacionais, queremos nos referir à aquisição de experiência pelas novas gerações do partido, como as que caracterizam hoje nosso partido e corrente. A reflexão sobre como o partido está amadurecendo a maneira de enfrentar os problemas construtivos é a razão deste artigo.

A ESCOLA DA LUTA DE CLASSES

A primeira coisa a se destacar é que, **quando se trata de formação militante, não há escola melhor do que aquela que vem da luta da classe trabalhadora.** Somos organizações revolucionárias em um período em que, embora uma nova geração de trabalhadores esteja surgindo, **a maior parte da "máquina partidária" é composta por jovens estudantes.** É verdade que as organizações com maior acúmulo histórico têm mais vasos comunicantes com o "mundo da classe trabalhadora", bem como um certo número de camaradas da classe trabalhadora mais velhos e mais estruturados, o que lhes dá uma maior experiência global.

Também é verdade que **a luta de classes das últimas décadas não foi tão radicalizada quanto a dos anos 1970,** embora tenha havido uma recuperação das experiências de luta a partir dos anos 2000: bloqueios de estradas, ocupações de fábricas, retomadas de sindicatos, assembleias populares, movimentos piqueteiros militantes, confrontos com a polícia e repressão.

Todas essas experiências, colocando em

primeiro lugar a luta cotidiana da classe trabalhadora industrial, são uma escola de imensa riqueza: **o melhor que a militância pode receber, especialmente quando é jovem e vem do meio estudantil.**

Dito isso, o outro plano decisivo no treinamento de militantes é o teórico e político. A educação política parece ser mais difícil para as novas gerações do que para as gerações anteriores. **Muitos companheiros acham a política "abstrata", ao contrário dos mais velhos que estavam acostumados a ler jornais, por exemplo.** Era até comum que o jornal (não o Olé) estivesse em todos os locais de trabalho nas grandes fábricas, o que ainda é o caso entre a geração mais velha de trabalhadores.

Essa "complicada arte de ler jornais", como Trotsky a chamou, nestes tempos de apropriação "epidérmica" da realidade por meio da mídia eletrônica e da falta de qualquer "consciência histórica" nas novas gerações, **é uma tarefa árdua a ser enfrentada, superando o tipo de "cretinismo político-topográfico"** que é característico das novas gerações.

O complexo problema do treinamento teórico marxista é um desdobramento do que foi dito acima, mas com sua própria especificidade. **Há uma série de obstáculos a serem enfrentados aqui.** Se for uma questão de camaradas universitários, **a maneira pós-moderna e fragmentária de pensar e raciocinar que a universidade inocula diariamente deve ser superada,** bem como **seu desprezo aberto pelo marxismo clássico e revolucionário em nome do "novismo"** (a última moda intelectual), **na maioria das vezes uma maneira rebaixada de pensar que não contribui em nada, mas confunde muito.**

Essa tarefa também se torna mais difícil porque o nível de leitura das novas gerações é mais baixo do que o das gerações anteriores; **o ensino médio e universitário não incentiva o estudo de clássicos literários ou de qualquer outro tipo, e na**

universidade não há livros para ler: **apenas fotocópias, fotocópias e mais fotocópias.**

Dedicar-se ao estudo teórico, que tem um aspecto indesculpável de esforço individual **(as escolas do partido são muito importantes, mas não resolvem o problema)**, é algo que devemos incentivar incansavelmente entre a nova militância do partido.

Em suma: **esse "ataque concêntrico teórico, político e prático" (como dizia o velho Engels) é um aspecto que, em sua globalidade, visa à formação militante.**

O OFÍCIO LABORAL E CONSTRUTIVO

Além do exposto acima, neste artigo queremos nos concentrar em um aspecto específico, mas de importância decisiva quando se trata do **"saber-fazer" da militância partidária: a aquisição do ofício militante**, que tem a ver com tudo o que foi mencionado acima, mas, acima de tudo, com **a experiência adquirida ao longo do tempo.**

O que queremos dizer quando falamos de "ofício construtivo"? Simples: como qualquer outro ofício, **refere-se à "maestria" quando se trata de realizar uma determinada tarefa.** No trabalho diário do movimento operário, sabe-se que os companheiros que têm "ofício" são aqueles que têm mais experiência na execução de uma determinada tarefa. Na classe operária do século XIX, os trabalhadores com "ofício" eram aqueles que resumiam o "saber-fazer" da produção, auxiliados apenas por determinadas ferramentas.

Na segunda ou terceira revolução industrial, com a linha de montagem fordista, o "corpo da produção" deixaria de ser "orgânico" (ou seja, nas mãos do próprio ofício dos trabalhadores) e se tornaria "inorgânico": o "sistema de máquinas" seria a espinha dorsal da produção, e o trabalhador seria reduzido a uma espécie de "adereço" para ele. Essa é a metáfora pintada em "Tempos

Modernos", de Chaplin, em que, numa brilhante representação do que significa a exploração capitalista, os trabalhadores são destituídos de todo o controle sobre o processo de produção.

No entanto, não é verdade que não existam elementos de ofício entre os trabalhadores. Se o filme de Chaplin reduz a exploração do trabalho ao absurdo (trabalhadores transformados em autômatos), qualquer companheiro sabe que seu trabalho é fundamental para o sucesso da produção em quase toda a fábrica. Seja entre os trabalhadores da manutenção, nos sistemas de controle numérico, operando qualquer máquina, no maçarico ou na solda, até mesmo na embalagem e no armazenamento, não faz diferença para os capitalistas se o trabalhador é experiente ou não. **Trata-se de uma profissão que, por ser natural - além da antiguidade e das diferentes categorias -, não é reconhecida nos salários pagos pelos patrões.**

Qual é o objetivo dessa longa digressão sobre o ofício dos operários? Nós a colocamos como **uma representação do significado da experiência em geral e da construção do partido em particular.** No caso dos problemas de construção do partido, obviamente não se trata de uma linha de produção, mas **do ofício individual e coletivo da organização quando se trata de "fazer números", recrutar novos militantes, trabalhar com o jornal, finanças do partido e outros aspectos da construção do partido**, que não pode avançar se esse ofício maior não for coletivo entre seus membros.

Como se adquire o ofício entre os trabalhadores? Simples: **executando uma determinada tarefa repetidamente**, milhares de vezes. Não é apenas o caráter "repetitivo" ou mecânico de um determinado trabalho, mas o fato de que, ao passar pela mesma experiência várias vezes, tanto o trabalhador quanto a organização em geral, e o militante em particular, são educados. O ofício produtivo - como o

político-construtivo - tem uma "condição material" incontornável: um aprendizado que só pode vir da experiência; e essa experiência requer, para ser tal, ter sido realizada várias vezes.

O aprendizado adquirido dessa forma significa que o militante não é mais um "iniciante" quando se trata de lidar com a tarefa em questão: **ele será capaz de dominar a tarefa em sua totalidade, minimizando os fatores que poderiam levá-lo ao erro.**

OFÍCIO, IMAGINAÇÃO REALISTA E BALANÇO DE ATIVIDADES

Junto com a experiência, há outra condição indispensável para a aquisição do ofício de militante: **a reflexão consciente** sobre ele. Nas organizações revolucionárias, a experiência militante não deve ser vivida como uma mera experiência "pragmática" que não dá origem a nenhuma reflexão, mas **deve ser objeto de uma reflexão que coloque o partido e a militância em outro nível: um aprendizado consciente sobre sua própria prática.**

O problema que existe **nas organizações revolucionárias jovens é que ninguém pode ter um "ofício" em algo que não tenha praticado anteriormente;** de qualquer forma, **enfrentar novas circunstâncias exige uma enorme capacidade criativa** - como Trotsky disse que caracterizava Lênin quando enfrentava novos problemas - **que dá origem a elementos de intuição política e até mesmo de imaginação criativa. [1]**

A reflexão sobre a experiência que está emergindo pode ser um fator "acelerador" na aquisição do ofício de militante, e isso tem um nome claro: **fazer um balanço de suas atividades.**

6. Os problemas de organização

Por Roberto Sáenz / Revisão: Cecília Loures

"Era muito mais claro e fácil abordar todos os problemas do ponto de vista dos princípios e da utilidade política do que do ponto de vista organizacional" (Leon Trotsky, "À Memória de Sverdlov", 1925).

Os chamados **"problemas organizacionais"** são geralmente aqueles que têm a ver com a construção do partido. Marcel Liebman, que já citamos nesta coluna, apontou em seu estudo sobre Lênin que uma enorme parte de sua força foi dedicada aos problemas de organização: **a organização do partido, a organização da tomada do poder, a organização da transição para o socialismo: a insistência na necessidade absoluta de organização pode ser encontrada em todos os escritos de Lênin** e em toda a sua carreira.

Aqui, no entanto, não queremos lidar com o problema de forma tão ampla, mas abordar **o problema da organização do ponto de vista dos problemas "organizativos"** colocados pela construção do partido revolucionário e que estão atualmente em discussão na construção do Nuevo MAS e da corrente internacional Socialismo ou Barbárie (SoB).

POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO

A citação de Trotsky no início desta nota é aguda e faz parte de sua homenagem a Sverdlov, o grande organizador do partido bolchevique no primeiro período no poder. Ele morreu muito jovem e, quando faleceu, Lênin observou que **sua estatura como militante era tão grande que três pessoas não eram suficientes para substituí-lo** em seu posto de forma eficiente.

Trotsky apontou em seu artigo dois aspectos que podem ser "universalizáveis":

um, que resolver um problema político de forma prática é, em grande medida, a parte mais difícil da questão, e que Sverdlof se caracterizava pelo lado prático e organizacional de qualquer decisão política tomada pelos bolcheviques; ele era o tipo definitivo de organizador político de partido.

Por que isso acontece? Estamos levantando essa questão justamente porque **a dinâmica atual de crescimento do nosso partido está deixando os problemas de organização em evidência**. Problemas que exigem o surgimento de companheiros que sejam "organizadores políticos". Ou seja, aqueles que têm a capacidade de lidar de forma prática com questões elementares que fazem parte do funcionamento do partido e que exigem tempo e dedicação especiais para lidar com elas: distribuir e recolher os jornais, cuidar das finanças do partido em sua equipe ou região, acompanhar os companheiros que estão se aproximando do partido, centralizar os endereços, números de telefone e e-mails daqueles que contatamos em uma atividade, e assim por diante.

Mas **vamos nos aprofundar um pouco mais no que é um organizador político**. Entre os quadros do partido, há pessoas de várias personalidades, características e dedicações. À medida que o partido se desenvolve, há uma tendência de se estabelecer uma certa divisão de tarefas, como acontece com qualquer organização que esteja crescendo e precise lidar com os problemas de forma menos artesanal. **Essa divisão de tarefas deve evitar perder de vista a globalidade das questões ou cair em uma perspectiva estreita, o que significaria um desvio "organizativista"**. [2]

No entanto, um certo tipo de especialização entre a direção e os quadros do partido, uma divisão cada vez maior de tarefas, **não ser "tarefeiros" (fazer tudo, mas nada até o fim), é fundamental para poder avançar**

e construir, para amadurecer como organização. Um organizador político é justamente aquele camarada que tem as virtudes para resolver o lado prático das coisas: encontrar o camarada certo que possa realizar tal tarefa, propor soluções para organizar novas equipes e regiões, realizar as finanças e a coleta do jornal e dos vários materiais que o partido produz, o acompanhamento do recrutamento e assim por diante.

Acontece que, **sem organizadores políticos, a atividade partidária se torna "espontânea": há confiança de que a política certa é "suficiente", e todo o resto vem como um "bônus"**. Nada poderia estar mais errado do que isso. Já salientamos em outro lugar que não há nada menos espontâneo na vida política revolucionária do que a construção do partido. A política correta deve ser conscientemente organizada e colocada em prática da forma mais científica e sistemática possível, de modo a produzir resultados construtivos concretos.

Sverdlof, como o "tipo ideal" de organizador político, de acordo com Trotsky, era capaz de fazer tudo o que apontamos aqui e muito mais (ele era o principal organizador em uma época em que o partido bolchevique estava organizando o poder!) com base em uma série de qualidades, entre as quais ele enfatizou suas **habilidades criativas para resolver problemas sempre novos, uma "intuição psicológica especial" para encontrar os melhores candidatos para uma determinada tarefa e um otimismo insuperável na ação**, considerando que todo problema poderia e deveria ser resolvido.

O crescimento do Nuevo MAS e da corrente SoB nos apresenta o desafio concreto de formar camaradas organizadores políticos: nossos Sverdlovs. Camaradas que saibam ser sistemáticos e **tomem em suas próprias mãos as tarefas específicas da construção do partido, entre elas o recrutamento de novos**

camaradas. Somente com esse esforço, e somente com isso, já teremos um aumento nas fileiras do partido, um aumento de novos militantes **que já está acontecendo, mas que deve ser organizado conscientemente para que não escapem como "água entre os dedos".**

A FORMAÇÃO DOS QUADROS

Os problemas de construção do partido revolucionário nos levam a outro problema: o da formação de quadros. O fato é que **os partidos de vanguarda são, no final das contas, partidos de quadros;** isso no sentido de **camaradas que se destacam no contexto de uma situação que não é revolucionária e que, portanto, são politicamente avançados em relação à média da sociedade.**

Ao mesmo tempo, porém, **ninguém nasce um "quadro"** no sentido adequado do termo. E quando nos referimos a um quadro, o que queremos dizer é **um camarada que assume a responsabilidade por si mesmo e que, de alguma forma, se torna um dirigente na tarefa que tem de assumir.** Esse passo à frente de um novo grupo de membros do partido para se tornarem dirigentes é de vida ou morte quando o crescimento do partido está ocorrendo. **Se os novos quadros não forem treinados, não haverá como dirigir uma organização que almeja uma dimensão maior.**

Por outro lado, e em um sentido geral, pode-se dizer o seguinte: **um dirigente é aquele que treina novos dirigentes.** Ou seja, **não há tarefa específica mais importante para uma direção - no sentido construtivo do termo - do que treinar novos quadros e dirigentes.** Porque, além disso, **como Gramsci afirmou com precisão, alguns oficiais podem formar um exército, mas um grande número de soldados rasos, se não tiverem oficiais, nunca conseguirão fazê-lo.** Em termos partidários: o que cria a base para o crescimento e o futuro da

organização partidária, para as possibilidades de seu desenvolvimento e extensão, é, em última análise, o número de quadros que ela possui.

Isso nos leva ao problema específico da **formação de quadros, que obviamente não é tão mecânico quanto pode parecer à primeira vista,** mas uma das tarefas construtivas mais difíceis na construção de organizações revolucionárias.

Há vários problemas aqui que se referem a uma série de **circunstâncias, objetivas e subjetivas. Objetivas são as circunstâncias da luta de classes;** é óbvio que uma luta de classes mais aguda, em que experiências mais profundas podem ser desenvolvidas, ensina mais. Uma formação que, além disso, **tem elementos "geracionais",** porque certas circunstâncias históricas não são algo conjuntural, mas se referem a certos estágios da luta de classes e esses estágios têm características definidas que se estendem por vários anos. É evidente, por exemplo, que **a formação que se podia obter na década de 1970 era superior à que se pode obter hoje, em condições menos radicalizadas, embora ascendentes.**

Em segundo lugar, **o tamanho do partido também é, até certo ponto, um fator "objetivo" para cada camarada que o integra.** Uma organização maior, com maiores responsabilidades na luta de classes, com maiores demandas construtivas e organizacionais, é obviamente mais formativa em geral.

Entretanto, **há obviamente fatores subjetivos na formação dos quadros,** fatores que são de imensa importância do ponto de vista político.

O fato é que **os dois fatores mencionados como "objetivos" podem ser contrabalançados em parte, na medida em que o partido, mesmo que seja menor e construído em condições menos radicalizadas, dê forte centralidade à**

política de sua militância, à abordagem política de cada problema em primeiro lugar e também a uma formação teórica fortemente enraizada nos clássicos; mas uma formação que não seja doutrinária, mas que ensine cada camarada a pensar por si mesmo.

Embora o que seja mais formativo seja uma ampla experiência prática que, ao mesmo tempo, seja **objeto de reflexão consciente dentro do partido** (e não algo assumido empiricamente), é fato que o grau de política da organização, sua amplitude de visão, **o fato de a discussão política e teórica ter hierarquia, é um fator fundamental na política da militância.** Essa política também decorre, e não menos importante, da maneira sistemática pela qual a luta de tendências é realizada, ou seja, ter de "medir-se" contra os militantes das organizações socialistas adversárias. [3]

Em tudo isso, **também é necessário contrabalançar, entre as gerações mais jovens, os tempos atuais**, em que o grau de política da sociedade e o nível cultural são muito mais baixos do que no passado, na medida em que - como já apontamos em outro lugar - a "ligação" com os fatos da realidade é muitas vezes o "fast food" da mídia eletrônica, e o hábito de ler jornais (para não mencionar o estudo teórico e político sistemático) foi quase completamente perdido.

TOMAR AS TAREFAS DE CONSTRUÇÃO DO PARTIDO EM NOSSAS PRÓPRIAS MÃOS

De qualquer forma, está claro que **a escola mais importante é a da luta de classes** e isso deve estar na mente de todo novo companheiro: **não há substituto para a experiência prática na luta da classe operária.** Portanto, toda oportunidade de participar de uma luta dos trabalhadores ou das atividades de apoio, aprendendo com ela e com o contato com os trabalhadores, é vida ou morte, **ainda mais quando se trata, como no nosso caso, de uma**

organização caracterizada por uma nova geração do partido.

Dentro disso, uma das questões mais difíceis no momento é justamente a formação de organizadores políticos. Ou seja, de **um tipo específico de quadro partidário que tem a ver com uma organização que está crescendo, que foi construída com base na força da política partidária, mas que é menos habilidosa em questões construtivas.** Uma das tarefas do momento é, portanto, levar em conta a necessidade de especializar os camaradas nas tarefas organizativas gerais do partido.

7. A importância de fazer cálculos

Por Roberto Sáenz / Revisão: Cecília Loures

"Em Vpered (nº 5, 11 de dezembro de 1906) [4], foi publicada uma divisão regional dos membros do POSDR, que apresentava os seguintes números: 6.000 em São Petersburgo, 6.700 em Moscou, 13.500 na região central, 3.000 em Kazan, Samara e Saratov, 25.000 no sul da Rússia, 16.000 no Cáucaso, 3.000 no noroeste da Rússia, 1.000 no Turquestão, 6.000 nos Urais e 1.500 na Sibéria: um total de 81.000 membros (...) Em 1907, o número total de membros havia aumentado para 150.000: 46.143 bolcheviques, 38.174 mencheviques, 25.468 bundistas, 25.654 para a seção polonesa e 13.000 para os países bálticos" (David Lane, "Las raíces del comunismo. Un estudio social e histórico de la socialdemocracia rusa 1989-1907") [5].

Nesta quarta parte de nossa coluna sobre a construção do partido revolucionário, queremos nos dedicar **à importância de fazer um balanço da atividade do partido** e, sobretudo, à importância específica de quantificar cada atividade que realizamos, um aspecto essencial quando se trata da construção do partido.

Entre as organizações com forte tradição em assuntos construtivos, **fazer balanços e números de cada atividade é um uso e costume estabelecido que se impõe como algo natural.** Mas esse não é o caso das organizações que são, em sua maioria, jovens, caracterizadas pela falta de experiência, a experiência que vem de ter realizado uma atividade semelhante várias vezes. [6]

A FORMAÇÃO DOS QUADROS

Os balanços implicam que **toda atividade realizada pelo partido deve ser avaliada qualitativa e quantitativamente. A avaliação qualitativa refere-se ao fato de a atividade ter sido bem-sucedida do ponto de vista político. Por exemplo, se o partido conseguiu impor sua política diante de uma determinada luta operária ou estudantil, se deu a resposta certa a uma determinada situação política, se a participação em uma determinada marcha foi correta, se os eixos de uma intervenção eleitoral foram os corretos e outras avaliações do mesmo tipo** no número infinito de atividades realizadas pela organização.

Mas também é **uma questão de fazer uma avaliação numérica** de cada atividade: **quantas pessoas compareceram a uma determinada coluna ou evento partidário; quantos exemplares do jornal ou revista foram vendidos; se os fundos planejados foram arrecadados em uma festa, almoço ou atividade financeira, e assim por diante. Em outras palavras: é uma questão de aprender a quantificar o balanço político de uma atividade: medir com um critério objetivo e racional como nos saímos do ponto de vista dos índices críticos da construção do partido: o número de pessoas que compareceram à atividade, o número de jornais vendidos, o número de companheiros que estamos tentando reunir, e assim por diante.**

O fato é que o partido, independentemente de seu tamanho, precisa avançar em sua

construção. Em outras palavras: toda atividade **toda atividade realizada deve ter um lado prático e construtivo**, não apenas a apresentação de uma posição política: ela deve resultar na construção efetiva do partido. E a maneira de medir cientificamente a eficácia construtiva de uma política é por meio de uma avaliação numérica que se expressa em um aumento das fileiras do partido.

Um exemplo é representativo disso, um discurso que Lênin fez em Paris no início de 1903, lembrado por Trotsky na obra que escreveu sobre ele logo após sua morte: "*O discurso foi sobre o programa agrário que o Iskra mantinha naquela época e, particularmente, sobre a restituição às comunas das terras divididas. Não me lembro dos nomes de seus oponentes, mas lembro que Vladimir foi maravilhoso em seu discurso final. Um dos camaradas parisienses do Iskra me disse na saída: "Hoje Lênin se superou". Como era de costume, os camaradas foram com o orador até o café. Todos estavam muito felizes, e o próprio orador tinha um ar de agradável satisfação. O tesoureiro do grupo teve o prazer de nos informar sobre a quantia que a conferência havia trazido para o caixa do Iskra: entre 75 e 100 francos, uma soma nada desprezível. Isso foi no início de 1903*" ("*Lênin*", Leon Trotsky).

O que é significativo aqui não é apenas o retrato que Trotsky faz de Lênin no período imediatamente anterior ao histórico Congresso de 1903, mas **a naturalidade com que ele introduz o balanço financeiro da atividade.**

O fato é que a abordagem dos **problemas de construção do partido leva ao problema numérico por excelência, o das finanças do partido.** Essa nunca é uma discussão simples com novos companheiros. É preciso explicar essa necessidade, que surge do fato de que a organização revolucionária não depende da contribuição de nenhum setor patronal ou do estado capitalista e, portanto, **só pode ser sustentada por seus próprios membros e pelo apelo à classe**

trabalhadora em geral por meio de coletas, rifas, contribuições ou o que quer que seja.

Como acabamos de observar com o exemplo espontâneo de Trotsky [7], não apenas a avaliação numérica de uma atividade em geral, mas que a avaliação financeira é de vida ou morte. As finanças do partido são a condição material para a construção do partido: sem finanças não há desenvolvimento do partido em quaisquer termos possíveis, e isso começa com a contribuição pessoal de cada um de seus militantes.

Em síntese: antes de cada atividade que o partido realiza, é preciso fazer uma avaliação qualitativa e política da mesma; essa é a primeira e principal coisa, e é o que dá o tom ao balanço como um todo. Mas essa atividade deve necessariamente ter seu lado numérico ligado a resultados construtivos. Se um resultado construtivo positivo, em geral, não pode surgir de uma política errada, o inverso, no entanto, não é correto e não tem automatismo: a política pode ser muito correta, mas se não houver uma tensão construtiva consciente, nenhum centímetro de progresso construtivo será feito com base nessa conquista. Isso já aconteceu não uma, mas milhares de vezes em organizações dos mais diversos tamanhos, épocas e lugares, e é chamado de sindicalismo, e apenas sindicalismo, do qual se deve fugir como da peste.

OS LIMITES DO SINDICALISMO

"O partido está sujeito a uma dupla tensão: por um lado, é ou deve ser um instrumento a serviço do desenvolvimento das lutas, mas por outro lado, como organização específica e fator permanente de organização, deve proceder à sua própria construção porque não há ninguém que o faça por ele: sua construção é a coisa menos 'objetiva' e 'espontânea' que existe" (R. Sáenz. "Anatomia de la esquerda sindical").

Vamos nos voltar agora para o lado político do problema numérico, que diz respeito ao sindicalismo. Sejam claros: não queremos dizer com esse termo a necessidade de o partido assumir a responsabilidade pela condução das organizações de massa, sejam elas comissões internas, órgãos de delegados, sindicatos, centros estudantis, federações e assim por diante. Qualquer organização revolucionária que se recuse a fazer isso seria simplesmente uma seita que renuncia à luta pelas necessidades básicas dos explorados e oprimidos, condenando-se à irrelevância e à marginalidade.

No entanto, é bem diferente abordar a luta por demandas imediatas e pelo lugar de direção que uma organização revolucionária busca ocupar à frente das organizações de massa, desvinculada da luta pelos objetivos gerais de poder e socialismo, ou seja, desvinculada de uma luta política.

O último é muito comum quando a organização assume responsabilidades sindicais cada vez maiores e a pressão das tarefas de liderança desses organismos (ou mesmo do poder do próprio estado proletário; essas são essencialmente as mesmas pressões) enfraquece a abordagem política geral dos problemas. O resultado é uma atividade frenética que não deixa nenhum rastro construtivo.

Acredite ou não, o simples fato de ser obrigado a "fazer números" em termos de construção partidária (de camaradas em recrutamento, de contatos, de jornais ou folhetos distribuídos, de contribuintes e de arrecadação financeira de uma atividade etc., o que exige um ponto específico em cada reunião dos organismos partidários) já atua como um contrapeso ao sindicalismo, definido, repetimos, como uma atividade frenética desvinculada da construção partidária.

Essas pressões não são difíceis de explicar: os trabalhadores ou estudantes agrupados em um sindicato, movimento ou organização de massa consideram que isso

é suficiente, que não há nada além das demandas elementares. É por isso que nem sequer lhes ocorre ingressar nas fileiras de um partido revolucionário, que seria apagado em sua especificidade política, algo que pode parecer abstrato para o trabalhador ou estudante comum. É por isso que insistimos que a formação de partidos é a coisa menos espontânea que existe.

O contrapeso ao sindicalismo é a capacidade de apresentar o partido como um todo, de fazer com que as pessoas entendam que é necessário ir além das demandas imediatas para alcançar soluções fundamentais, e isso envolve o estabelecimento de algum tipo de vínculo com o partido como tal, até o ponto de ingressar nele como militante.

Saber como resistir às inevitáveis pressões sindicalistas em uma organização que está assumindo responsabilidades cada vez maiores nas frentes em que atua à medida que se fortalece e estabelecer numericamente os índices críticos que contribuem para a construção do partido é outra chave para o avanço do crescimento da organização revolucionária. Todos os organismos partidários precisam aprender a fazer as contas e reservar um tempo orgânico para isso.

8. O que significa assumir a militância como uma profissão?

Por Roberto Sáenz / Revisão: Karen Rezende

Uma nova geração de militantes está entrando em nosso partido; o mesmo está acontecendo em alguns núcleos de nossa corrente internacional. Essa é a razão pela qual estamos realizando essa coluna dedicada aos problemas da construção partidária: ela tem o objetivo de transmitir lições que fortaleçam o salto construtivo que estamos experimentando. Como parte desse esforço, dessa vez vamos nos dedicar a uma série de problemas "sensíveis": as

contribuições dos membros, o salto de camaradas para quadros do partido e, acima de tudo, a assunção da militância como um projeto de vida.

Uma nova geração de militantes está entrando em nosso partido; o mesmo está acontecendo em alguns núcleos de nossa corrente internacional. Essa é a razão pela qual estamos realizando essa coluna dedicada aos problemas da construção partidária: ela tem o objetivo de transmitir lições que fortaleçam o salto construtivo que estamos experimentando. Como parte desse esforço, dessa vez vamos nos dedicar a uma série de problemas "sensíveis": as contribuições dos membros, o salto de camaradas para quadros do partido e, acima de tudo, a assunção da militância como um projeto de vida.

AO PARTIDO O "BANCAMOS" TODOS

Quando um novo companheiro se filia ao partido, uma das primeiras discussões é sobre sua cotização. Isso não é casual: **as contribuições pessoais são a base material da existência do partido.** Seu critério de princípio é óbvio: **ao contrário dos partidos dos patrões, as organizações revolucionárias, como organizações políticas da classe trabalhadora, só podem ser financiadas pelos próprios trabalhadores, em especial os membros do partido.**

A questão das cotizações **nunca é fácil para os novos companheiros.** Esse é um "reflexo" que vem da sociedade em geral e está ligado aos "direitos" e "obrigações" para com a organização como um todo. Para qualquer novo companheiro - especialmente se ele for estudante.

Entre os trabalhadores, as circunstâncias são muito diferentes - a adesão a uma organização revolucionária é sentida como uma perda de sua "individualidade": um "cerceamento" do "*fazer o que quero, quando quero e onde quero*".

Entretanto, está claro que esse é um reflexo ilusório, porque qualquer posição de classe na sociedade sempre significa certas obrigações, sem mencionar as obrigações decorrentes da exploração do trabalho.

No entanto, **na arena política, a experiência é que entrar para o partido significa uma espécie de limitação da "liberdade política individual"**. Esse é um sentimento comum entre os companheiros que ainda não ingressaram na organização; **depois que o fazem, esse sentimento se dissipa imediatamente**.

O fato é que o capitalismo e a democracia liberal transmitem uma ideia unilateral e individualista de liberdade individual. Marx sempre remarcou que **a perspectiva do comunismo é a de uma sociedade "onde o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos"**. Mas essa perspectiva é visualizada como um **subproduto de um trabalho coletivo** em que cada personalidade se desenvolve - **o oposto do stalinismo, em que a personalidade individual é negada e esmagada pela bota burocrática** - como **parte de uma experiência que é social, coletiva, realizada dentro da luta de classes e do partido** e que implica tanto em direitos quanto em obrigações conscientemente assumidas.

A questão da cotização aparece como um "segundo escalão" nesse processo. Porque **significa algum tipo de "sacrifício" (por mínimo que seja) na disposição dos próprios fundos para colaborar com o empreendimento coletivo que é o partido**.

Essa sensação se dissipa assim que o camarada se dá conta de que a construção e a intervenção política do partido envolvem enormes despesas e que **não há como uma organização socialista revolucionária funcionar sem uma base financeira criada pela contribuição da militância**.

Mais ainda: muitíssimas vezes é a própria

militância que se encontra na defensiva com os novos companheiros nessa discussão. Dadas as suas próprias características, é provável que o novo militante tenha clareza de que não há empreendimento possível nesse sistema que não tenha suas próprias finanças, e parece natural para ele que seja solicitado a contribuir financeiramente - talvez porque os companheiros já tenham uma vida profissional ou por qualquer motivo que seja.

Uma discussão educativa com cada companheiro que ingressa na organização é **fundamental não apenas para as finanças do partido, mas também para a formação do próprio militante**, para quem, de uma forma ou de outra, "cai no colo" o fato de que ele acabou de ingressar em um "coletivo de vontades" e que, portanto, tem direitos e obrigações para com a organização como um todo.

AS FINANÇAS DO PARTIDO EM SEU CONJUNTO

O problema das contribuições dos membros nos leva à **questão mais geral das finanças do partido**. Em linhas gerais, há dois tipos de finanças partidárias: **ordinárias e extraordinárias**. **As ordinárias** têm a ver com as **contribuições da militância, as campanhas de finanças e até mesmo com as contribuições especiais** que são feitas regularmente ou em períodos de campanha em que, por determinados motivos (herança, demissão do trabalho, contribuição de uma pessoa que, por qualquer motivo, queira contribuir com grandes quantias), se contribui com uma quantia maior do que o normal para as finanças do partido. Isso **também inclui a cobrança do jornal e das publicações em geral, bem como todos os tipos de iniciativas financeiras regulares**.

As finanças ordinárias são a base de todo o sistema financeiro da organização, na medida em que **combinam critérios financeiros e construtivos**: é a militância que banca o partido! Isso não significa que

não existam outras fontes de financiamento, ainda mais importantes do ponto de vista financeiro do que as normais. Estamos falando de **finanças extraordinárias**, que vão desde a **renda obtida por meio da legalidade**, fundos que podem ser obtidos **arrancando certos financiamentos do Estado, negócios comerciais**, bem como tantas outras **formas sobre as quais Lênin havia explanado e que exigem uma avaliação rigorosa de tempo e lugar para serem realizadas** [8].

O REVOLUCIONAMENTO DA PERSONALIDADE INTEIRA NA MILITÂNCIA

Mas aqui gostaríamos de nos voltar para outra questão, uma questão crucial na vida de todo militante: **o problema da "militância profissional"**. O que queremos dizer com essa questão? "Simples": **tem a ver com aquilo a que o militante dedicará sua vida**. É claro que **existem graus e graus de militância: camaradas de base, quadros e dirigentes nacionais, para resumir**. O militante pode desenvolver toda essa experiência em sua plenitude ou, por qualquer motivo, permanecer em um determinado estágio. **Isso tem a ver com várias questões, não apenas subjetivas, mas também objetivas**, que convergem - ou não - na perspectiva de assumir cada vez mais a militância como uma "profissão". **As objetivas têm a ver, sobretudo, com os companheiros que vêm da classe trabalhadora e que, antes de entrar no partido, criaram para si uma série de obrigações** às quais não podem dizer "obrigado, não fumo"; entre elas, **a mais clássica: ter uma família com filhos para sustentar**. Se, em geral, o trabalhador não pode escolher se quer ou não trabalhar em tempo integral na fábrica, em qualquer caso, **para o companheiro estudante** - mesmo que ele tenha que trabalhar de qualquer maneira - as definições muitas vezes têm a ver com aspectos mais "ideais": **a encruzilhada em torno de ter uma série de alternativas em mãos e ter que escolher qual direção tomar na vida; o**

o que ganhar e também o que "sacrificar".

É nesse ponto que surge o problema da "militância profissional". Há o problema de **como o partido pode ajudar o camarada trabalhador a superar o jugo do trabalho explorador diário e a se desenvolver como um quadro do partido**. Isso não é fácil nas organizações de vanguarda, onde o número real de companheiros de trabalho pode ser contado nos "dedos de uma mão" e, portanto, **não é possível "desimplantar" os trabalhadores, como resultaria de uma leitura mecânica do "O que fazer?"**. De qualquer forma, o partido terá de ver como pode ajudar esses companheiros de uma maneira especial [9].

Há também o problema dos **companheiros que vêm do mundo estudantil**. Nesses casos, o problema é mais uma questão de decisão de vida. Ou seja: **se ele decide se dedicar de forma central à militância revolucionária**. Daí o conceito de "profissão" de Lênin, que tem a ver com a **dedicação dada a ela**: assumi-la como uma profissão diz respeito a essa dedicação[10]. Um problema aqui é **que muitos companheiros acreditam que isso é, mais uma vez, algum tipo de "restrição" de suas possibilidades de desenvolvimento**.

Mas o que se perde de vista é que **essa é uma contraposição formal entre "possibilidades ideais" e o desenvolvimento real da personalidade total de cada militante revolucionado** pela atividade revolucionária. Essa foi a abordagem adotada por Georg Lukács (antes de se tornar stalinista) em "*História e Consciência de Classe*", em que ele postulava de maneira aguda **que a personalidade era "absorvida" pela militância revolucionária**. Mas, acrescentamos nós, **uma "absorção" revolucionária em que a personalidade é revolucionada e desenvolvida até limites insuspeitados**; não há um camarada antigo que não diga que o partido não o mudou. Trotsky estudou isso em seus textos sobre a evolução da

própria personalidade de Lênin: **"Esse prodigioso maquinista da revolução tinha em vista uma coisa e apenas uma coisa, não apenas na política, mas também em seus trabalhos teóricos, em seus estudos filosóficos, bem como no estudo de línguas estrangeiras e em suas conversas: o objetivo final.** Ele foi talvez o utilitarista mais intransigente que o laboratório da história já produziu. Mas **como seu utilitarismo foi combinado com a mais ampla visão histórica, sua personalidade não foi diminuída nem empobrecida por isso; pelo contrário, ela se desenvolveu e se enriqueceu incessantemente, à medida que sua experiência de vida aumentava e sua esfera de ação se ampliava"** (Trotsky, *"Lenin"*) [11].

A personalidade não é algo "fixo" para toda a vida, rígido ou cujas limitações não possam ser superadas: ela é revolucionada de cima a baixo no próprio curso da luta revolucionária e da construção do partido. A militância revolucionária é **a profissão mais empolgante e revolucionária que existe!**

AS RESPONSABILIDADES DOS COMPANHEIROS REMUNERADOS

Deve-se fazer uma distinção entre assumir a militância como uma profissão e os companheiros que são pagos, ou seja, que vivem economicamente por conta do partido. **Esses são dois aspectos diferentes, mesmo que estejam relacionados em alguns casos.**

Em geral, dá-se a impressão superficialmente (especialmente pela palavra "profissão") de que o primeiro é reduzido ao segundo. Isso é um erro. Quando falamos em **assumir a militância como uma profissão, o que estamos apontando é se essa atividade é colocada no centro de nossas vidas;** isso é completamente **independente de sermos pagos ou não.** O fato é que geralmente os quadros do partido - à medida que se tornam quadros do partido - tendem a

tomar a militância como o centro de sua atividade geral, mas apenas uma minoria deles se desafia a isso.

Quando falamos de companheiros "pagos", estamos falando de outra coisa: aqueles companheiros que são indispensáveis ao partido em um determinado momento de seu desenvolvimento e que, devido ao caráter de suas atividades, não poderiam realizá-las - de forma geral, porque há muitos casos que não são assim - se estivessem trabalhando[12].

É claro que aqui **há um conjunto de determinações** relativas à proporção de remunerados em uma organização: **o tamanho do partido, suas relações orgânicas com a classe trabalhadora, as circunstâncias da luta de classes e assim por diante.** Essas são condições que devem ser avaliadas em cada caso concreto.

Isso pode dar origem a dois desequilíbrios característicos: que o partido, devido à falta de finanças suficientes ou a equívocos, não tenha os militantes remunerados necessários para seu desenvolvimento; ou que, por oposição, seja estabelecido um desequilíbrio total em que "todos" estejam remunerados [13].

Ao mesmo tempo, é preciso estar ciente de que a questão da remuneração é um problema real para o próprio companheiro remunerado. **É preciso ter uma certa autodisciplina, uma dedicação ao trabalho. É preciso "honrar" a remuneração todos os dias: é preciso fazer a atividade funcionar quando o militante ou o quadro remunerado não tem um "chefe" para controlar seu tempo.** Além disso, a remuneração "desenraíza" até certo ponto, especialmente quando se trata de organizações pequenas ou com um movimento de trabalhadores que não é socialista.

E, no entanto, a remuneração **é imprescindível** se quisermos avançar na

construção do partido e seu limite último é algo muito material e nada "idealista": **que haja companheiros que possam se dedicar em tempo integral à construção e à atividade do partido; e ninguém pode ter esse tempo integral se trabalhar 8 ou 12 horas todos os dias.**

9. A arte do recrutamento

Por Roberto Sáenz / Revisão: Karen Rezende

O objetivo desta nota é refletir sobre as lições que aprendemos no recrutamento de novos militantes. Uma tarefa de primeira ordem é aproveitar os sucessos políticos para dar um salto construtivo no sentido de se tornar uma forte organização de vanguarda revolucionária, uma questão que também envolve a expansão qualitativa das fileiras do partido.

Trata-se de recrutar novos companheiros e companheiras, formar novos núcleos e regionais, ampliar a estrutura de ação do partido e inseri-lo em novas regiões e em novas estruturas de trabalhadores e estudantes.

UMA ARTE A SE APRENDER

Os saltos construtivos têm um conjunto de "índices" para se materializarem, e aqui nos dedicaremos apenas a uma dessas tarefas: o que no jargão partidário chamamos de **"recrutamento"**.

O problema se apresenta pelo fato de que nosso partido, **sendo composto por uma geração jovem, não tem acúmulo suficiente** de experiência em assuntos que, para os militantes mais antigos, são o ABC: por exemplo, **a entrada de companheiros e companheiras na organização.**

O recrutamento não é uma questão simples. Sua dificuldade **varia de acordo com a "força de atração" da organização**, que

será maior quanto maior for a organização, **bem como o momento político ou o ambiente geral da luta de classes que está ocorrendo.** O "multiplicador" de recrutamento variará em cada caso: enquanto as organizações menores, que não têm nenhuma "força gravitacional" objetiva, recrutam indivíduos, quanto maior a organização, o multiplicador muda: não é de um, mas de dezenas, centenas, milhares e até dezenas de milhares. É claro que o último caso - as dezenas de milhares - ocorre apenas em condições revolucionárias e quando se tratam de organizações com influência de massa já "instalada": em casos de uma verdadeira revolução. [14]

Atualmente, um processo de radicalização política dessa magnitude ainda não está em andamento. Mas **se vive uma movimentação político-eleitoral à esquerda de um grupo minoritário de ex-eleitores kirchneristas**; um grupo que inclui setores mais amplos do que o normal e que, eleitoralmente, ultrapassou a cifra nada desprezível de um milhão de votos! **Mas votos não significam afiliação militante**, especialmente nos tempos "descrentes" e "pós-modernos" em que vivemos em todo o mundo, onde a perspectiva de **uma mudança revolucionária é considerada, em sua maior parte, uma "abstração"**.

No entanto, a ampla vanguarda de trabalhadores, estudantes, jovens e o movimento de mulheres não é estúpida: todos tomaram nota do **progresso que a esquerda revolucionária vem fazendo em nosso país e como, à medida que suas conquistas crescem, ela se torna mais atraente.** Como dissemos no editorial desta edição, *"o que por cima são dezenas e centenas de milhares de votos, por baixo é a possibilidade de organizar centenas e milhares de trabalhadores e estudantes que simpatizam com a esquerda classista"*.

Para além do que foi dito acima, o recrutamento de novos companheiros tem várias "regras da arte" que devem ser

reconhecidas. A mais importante é: **todo recrutamento tem seu momento exato, não deve acontecer antes ou depois.**

Essa tarefa **faz parte de uma luta com as outras tendências políticas, sobretudo do mesmo espaço** (...) Essa luta de tendências é uma parte essencial das tarefas para a transformação de votos em construção orgânica do próprio partido e o recrutamento de novos e novas camaradas para a própria organização em disputa com seus concorrentes.

A IMPORTÂNCIA DO MOMENTO CERTO

Trotsky observou que, na política, os tempos são mais importantes do que na gramática [15]. É claro que é desagradável ler um texto mal escrito, mas **a ação política prematura ou tardia tem consequências piores.** Isso é verdade tanto para os grandes eventos (confrontos de classe importantes) quanto para os "pequenos" (campanha eleitoral). Isso tem seu momento: **se for prematuro, pode ser abortado; se o momento for deixado passar, o companheiro ou companheira pode ir para outra organização ou dar outro rumo à sua vida.**

Aqui, uma série de **circunstâncias objetivas e subjetivas se colocam em fina correlação**, as quais têm o poder de se "condensar" em um determinado momento e, se não forem aproveitadas, se "dissipam". Essas circunstâncias objetivas e subjetivas têm a ver com: a) **o impulso de eventos que vêm "de fora"**, mais objetivamente da luta de classes, **e que "prestigiam" ou tornam a militância atraente**; b) que **a organização partidária é vista com simpatia** por "tais e tais" razões; c) finalmente, que subjetivamente **se considera que a militância pode ser uma opção para um projeto de vida** e que se está pronto para fazer a experiência.

No entanto, **isso carece de um "plus", que é a ação do partido, do quadro ou do militante sobre o companheiro ou grupo**

a ser recrutado. Não é que não existam processos de "auto-recrutamento". Eles ocorrem com mais uência quanto maior for o partido e mais rica for a situação política.

Quando o partido tem ampla influência entre as massas, ele recruta quase que "objetivamente"; mas geralmente **a lei que rege as organizações de vanguarda tem a ver com um impulso subjetivo da vontade militante e até mesmo com iniciativas amplas para influenciar e, finalmente, recrutar.** [16]

Portanto, independentemente do número a ser recrutado, **é essencial que o partido tome a iniciativa e convide essa pessoa a se juntar à organização.** Na medida em que esses "momentos de condensação" são relativamente "efêmeros" (embora não haja nenhum esquema nisso: muitos passam longos períodos de tempo refletindo antes de começarem a se filiar a uma organização), **se se aborda prematuramente esse momento ou, pior, se se deixa passar, a oportunidade será perdida.**

Portanto, esta é uma regra fundamental da captação: **deixar-se levar ou ficar aturdido pode ser "mortal"**; mais a primeira do que a segunda. Como qualquer arte, a arte do recrutamento requer experiência; experiência acumulada que se torna um ofício: **uma prática que, por sua repetição e reflexão consciente sobre ela, ensina.** As organizações mais jovens são aquelas que têm "pouca habilidade", simplesmente porque têm pouca experiência. E, de qualquer forma, nessa área como em muitas outras, **é precisamente por meio da experiência que se aprende.**

Todos os militantes do Nuevo MAS e da corrente SoB devem entender que **estamos entrando em um novo momento construtivo** e mergulhar com todas as suas forças nessa tarefa que é central hoje: **aprender a atrair e fazer entrar uma nova geração de membros do partido.**

10. O trabalho com os simpatizantes (padrão)

Por José Luis Rojo / Revisão: Danilo Moreira

Nesta edição, retomamos a série de artigos que estamos publicando sobre os problemas da construção do partido. Desta vez, vamos nos concentrar no trabalho com o registro de membros, ou seja, a atenção sistemática dos simpatizantes pelo partido, a venda do jornal, o convite para determinados eventos e sua conclusão lógica: o convite para que eles se juntem à organização como militantes.

ESTÁGIOS CONSTRUTIVOS

As leis da construção de organizações não são as mesmas para pequenos núcleos revolucionários e para partidos com dezenas ou centenas de milhares de militantes. Existem núcleos fundacionais, partidos de propaganda, partidos de vanguarda ou partidos com ampla influência entre as massas, com toda a série de desenvolvimentos desiguais e combinações possíveis entre eles.

Mesmo historicamente, esse tem sido o caso desde as primeiras "seitas socialistas" quando Marx e Engels eram jovens, a Primeira Internacional, os partidos socialistas de massa da Segunda Internacional, as organizações revolucionárias com influência de massa da Terceira Internacional na época de Lênin e Trotsky, ou os grupos de vanguarda que caracterizaram o movimento trotskista.

Esses vários estágios construtivos obviamente envolvem diferentes relações entre a militância e aqueles que simpatizam com a organização, cujo caráter será diferente dependendo não apenas do tamanho do partido, mas também do contexto político geral.

QUANDO TROTSKY TEVE QUE ARREGAÇAR AS MANGAS PARA CAPTAR

À medida que o partido cresce, especialmente quando dá um salto de qualidade, ele se torna um fator cada vez mais objetivo. Ou seja, por sua própria existência, pelas posições políticas que defende, até mesmo pelo lugar histórico que conquistou na organização política do país como um todo, sua capacidade de atração é tamanha, sua força gravitacional é tamanha, que consegue incorporar novas camadas de militantes quase como um fenômeno que ocorre por si só, "espontaneamente".

Como uma digressão, vamos destacar o paradoxo que Trotsky viveu na questão da construção partidária, o que mostra que nada na história, nenhum processo no reino da realidade, é mecânico ou linear. Quando se lê Minha Vida, percebe-se que, em sua militância na juventude, especialmente quando deixou a Rússia após a Revolução de 1905, Trotsky não se preocupava com a formação de partidos. Ele participava dos debates, reuniões e até mesmo dos "encontros" da social-democracia (especialmente da social-democracia austríaca) como se fosse um ambiente que tivesse sua própria entidade, já formada de forma construtiva. Logicamente, esses eram partidos socialistas de massa. Mesmo na época da Revolução Russa de 1917, o partido já estava formado. Trotsky juntou-se a ele como dirigente, empenhando-se em outras tarefas de dimensão histórica, como a formação do Exército Vermelho.

O paradoxo foi, de qualquer forma, que Trotsky viveu as leis da construção dos núcleos fundacionais (o recrutamento individual da militância) no último terço de sua vida, quando a Oposição de Esquerda estava sendo criada e a Quarta Internacional estava sendo fundada. Por isso, ele recebeu em seu escritório os mais diversos interlocutores, que tentou ganhar para seu movimento. Assim, ele fez o caminho inverso, passando da liderança da maior revolução da história para a tarefa de

recrutamento individual.

SELEÇÃO DE MILITANTES

Voltando à questão da relação entre o partido e sua capacidade de recrutar novos militantes, há altos e baixos, dependendo, também, da variação das situações políticas e das situações, mesmo que se trate de uma grande organização. Se a luta de classes estiver em ascensão, se o partido estiver na vanguarda, se tiver uma política correta que lhe dê prestígio, é óbvio que seu poder de atração será enorme.

De qualquer forma, continuará a haver um filtro necessário ligado ao fato de que nem todos se juntam a uma organização revolucionária em um momento em que as coisas estão radicalizadas e a própria vida pode ser colocada em risco. Por esse motivo, mesmo que o partido esteja crescendo, aqueles que gostariam de se juntar a ele por puro carreirismo ainda estarão à espreita.

Esse último aspecto obviamente muda quando o partido já está no poder. Nesse caso, há uma inversão total das leis acima mencionadas: em vez de apostar em trazer novos militantes para o partido, trata-se de ter uma atitude vigilante, trazendo o melhor das novas gerações, mas evitando a adesão dos setores que o fazem por puro oportunismo.

Sabe-se que parte das razões para a degeneração do Partido Bolchevique foram iniciativas como a Leva Lenin, em 1925, em "homenagem" ao líder revolucionário morto, que consistiu em uma manobra organizativa de Stalin para trazer para o partido toda uma nova camada de "militantes" carreiristas que, por definição, estariam destinados a servir ao aparato de forma disciplinada.

Portanto, à medida que a organização revolucionária cresce, uma série de condições deve ser estabelecida para a transformação dos novos camaradas em

militantes plenos. É claro que isso não pode ser uma operação de culto. A seleção ocorre "naturalmente" quando se trata de uma organização pequena, pelo simples fato de ser uma organização pequena; ser membro de um partido como esse é um peso e uma responsabilidade, uma luta e um esforço consideráveis que só podem ter satisfações "ideais".

Outra coisa é que a entrada de novos companheiros na organização, à medida que ela se consolida e se fortalece, assume um conjunto de critérios de militância (estabelecidos por Lênin em 1903): reunir-se em um órgão do partido, contribuir para as finanças, passar o jornal do partido e disciplinar-se de acordo com o que o partido define como sua linha política.

Esses critérios básicos de militância são assumidos de forma mais consistente à medida que o partido se consolida, cresce, assume maiores responsabilidades e, também, à medida que a luta de classes se torna mais aguda e um critério construtivo fraco pode deixá-lo exposto aos golpes da repressão. É nesse ponto que o caráter militante do partido entra em cena.

ROMPER A INÉRCIA

As "leis de recrutamento" que apontamos para organizações com ampla influência orgânica entre as massas ainda não refletem o estágio construtivo da generalidade das correntes atuais. Existem as maiores e as menores, e as maiores têm uma força gravitacional superior.

Entretanto, mesmo no caso delas, a necessidade de atividade de recrutamento para a nova militância está na ordem do dia.

É aí que entra o problema de trabalhar com o padrão. O "padrão" é o nome dado ao grupo de simpatizantes que cada equipe partidária, cada militante, tem ao seu redor. É possível que esses simpatizantes venham para o partido porque concordam com suas

posições, ou que o partido tenha realizado uma campanha em um determinado campo de sua atividade e, como resultado disso, tenham aparecido pessoas que simpatizam com a organização. Mas aqui estamos interessados em apontar outra coisa: a importância do esforço subjetivo sistemático para conquistar simpatizantes por parte da organização, ter a iniciativa para esse fim e que isso resulte no comparecimento desses simpatizantes, por exemplo, a determinados eventos, marchas, atividades partidárias ou o que quer que seja.

O partido de vanguarda (ou aquele que está em um estágio construtivo ainda não desenvolvido) ainda não é um fator objetivo; como tal, não é facilmente "elegível" por aqueles que estão fora dele. Além disso, o partido sempre atua em um campo político caracterizado pela concorrência com outros partidos e tendências socialistas, que também competem pela atenção das pessoas mais ativas. Assim, se não houver um esforço subjetivo, consciente e organizado por parte da militância do partido para atrair essas pessoas, elas simplesmente voltarão sua atenção para outras organizações.

É claro que, quanto menor for a organização em questão, maior será o esforço subjetivo da vontade da militância para trazer novos trabalhadores e estudantes, simplesmente porque sua força gravitacional, sua atratividade, será menor do que a das outras organizações que competem politicamente no recrutamento.

Daí o esforço específico (que tem sua dimensão organizacional) do trabalho com o padrão, que começa com uma lista de simpatizantes e contatos de cada companheiro, bem como uma caracterização, uma definição de suas características políticas.

Se quisermos transformar esse padrão em novos militantes, se quisermos que eles girem cada vez mais em torno do partido, se

quisermos que o partido cresça em tamanho, devemos realizar uma atividade organizada, sistemática e não aleatória em torno dele.

Resumindo: é necessário um esforço e uma iniciativa específicos para aumentar o número de membros, para aproveitar cada oportunidade, cada lampejo de luta, para se cercar de novos militantes. Ou seja, ter a coragem de estabelecer contato, romper a timidez nessa questão: passar o jornal, pegar o telefone, o e-mail, acompanhar sistematicamente cada novo companheiro e companheira... Em suma, não se deixar levar pelo fluxo pós-moderno da inércia das coisas, mas ter uma atitude ativa, militante, organizadora em torno do padrão e do convite para participar de cada nova atividade que o partido realiza.

11. O trabalho com o jornal

Por José Luis Rojo / Revisão: Danilo Moreira

"Foi no Iskra que Lênin desenvolveu suas ideias sobre os requisitos que a organização revolucionária tinha de satisfazer para adquirir um certo grau de eficiência. Como ele escreveu (...): 'Um jornal não é apenas um propagandista coletivo e um agitador coletivo, é também um organizador coletivo'" (*"Leninismo bajo Lenin", Marcel Liebman*).

Em nosso artigo anterior, apresentamos algumas das "regras da arte" de recrutar novos companheiros para os partidos revolucionários. Desta vez, queremos nos dedicar ao problema do jornal e sua importância na construção do partido.

ORGANIZADOR COLETIVO

A definição clássica do papel do jornal nas organizações revolucionárias foi dada por Lênin há um século, quando ele disse que o

jornal deveria ser seu "organizador coletivo". O que ele quis dizer com essa definição? A circunstância era que, em toda a Rússia czarista, havia uma série de círculos socialistas dispersos que realizavam uma atividade bastante sindicalista, ligada à luta diária dos trabalhadores, mas que não tinham nenhuma ferramenta para unificá-los e dar-lhes um ponto de centralização política como organização.

Naquela época, Lênin propôs que a ferramenta que deveria cumprir esse papel unificador deveria ser um jornal que, trabalhando nacionalmente, organizaria coletivamente esses núcleos socialistas dispersos, dando-lhes a unidade e a centralização de um único partido. [17]

Implicitamente, havia uma ideia aqui que não deixou de ser um clássico, mas que ainda é muito relevante. A organização comum sempre decorre de uma política comum, mesmo que também exija uma série de medidas específicas, como a realização de congressos e conferências, a votação para uma liderança comum, o estabelecimento de um mecanismo coletivo de funcionamento (que na tradição socialista revolucionária é chamado de "centralismo democrático"), e assim por diante.

Mas tudo isso decorre, em primeiro lugar, do estabelecimento de uma política comum e unificada em relação à luta de classes, e o instrumento para transmitir essa política foi (e ainda é) esse jornal trabalhado em escala nacional. Daí o conceito de "organizador coletivo", porque com base nesse instrumento que transmitia e socializava uma política comum (e que, além disso, constituía uma luta até a morte contra outras políticas, de outras frações políticas), um partido comum poderia ser organizado.

CEM ANOS DEPOIS

Cem anos depois dessa discussão, fica claro que muitas coisas mudaram. Os meios de informação e disseminação foram

revolucionários várias vezes desde então, com novas mídias eletrônicas, como as várias redes sociais - Facebook, Twitter e muitas outras - que agora dominam em grande medida.

Entretanto, há uma mídia que continua sendo fundamental para as organizações revolucionárias como instrumento por excelência para transmitir e socializar uma política revolucionária comum: o jornal. [18]

Há vários motivos para isso. A primeira é que o "fast food" da mídia eletrônica não substitui a importância da palavra escrita. Mesmo que você leia a imprensa na Internet, não é a mesma coisa que tê-la em suas mãos no papel: o lugar ocupado por cada artigo e seu tamanho, a capa e a contracapa, a página central, a tipografia das manchetes etc., tudo isso cria uma ordem de hierarquias políticas que não é menor.

Em segundo lugar, o jornal mantém sua "agilidade" e "versatilidade", o que o torna um instrumento adaptado à conjuntura, à formulação da política revolucionária, e que tem um status diferente da literatura teórica ou das revistas que têm um formato menos periódico. Tal é o dinamismo imposto pela política e pela luta de classes que um jornal quinzenal, semanal ou, mesmo nas organizações revolucionárias de massa, diário, torna-se indispensável para dar as respostas políticas diárias que devem ser dadas aos flagelos do capitalismo e à luta de classes dos explorados e oprimidos.

INSTRUMENTO DE COMBATE

Dito isso, podemos passar para um nível mais concreto de trabalho com o jornal. Esse nível concreto é que, no trabalho diário com o jornal, em sua venda nas portas das fábricas, nas faculdades, nas escolas, nas mobilizações, o jornal é o instrumento privilegiado para transmitir a política revolucionária do partido: esse é o nível de "propagandista e agitador coletivo".

Essa política é definida em relação a duas ordens de relações. Primeiro, em relação aos inimigos de classe: o governo dos patrões, a oposição burguesa e as várias burocracias sindicais, religiosas e outras. Segundo, em relação às correntes reformistas e concorrentes dentro da própria esquerda revolucionária, sendo o jornal o instrumento de combate para afirmar suas próprias respostas políticas em relação aos outros. [19]

O jornal serve como estrutura política e treinamento para a própria militância; portanto, deve ser estudado semanalmente com dedicação. Serve também, justamente, como organizador coletivo de novos núcleos partidários, mesmo em lugares onde não há militantes no momento; uma experiência que estamos vivendo atualmente a partir do Nuevo MAS naqueles lugares do interior do país onde novos ou antigos militantes estão se filiando e o partido não tinha implantação.

E essa é desde já a ferramenta privilegiada para trazer novos companheiros, ou seja, para o recrutamento. O fato é que a razão mais importante (embora existam outras) para trazer novos companheiros é sempre, em primeiro lugar, as posições políticas que eles têm. E o jornal é aquele que transmite essas posições, aquele que educa e informa sobre os acontecimentos, e o instrumento privilegiado para aqueles que vêm para saber o que a organização pensa sobre cada uma das coisas importantes no trabalho nacional e internacional da luta de classes.

A AMPLIAÇÃO DO TRABALHO COM SOCIALISMO OU BARBÁRIE

Nas páginas de nosso jornal, desde que ele se tornou semanal, temos publicado uma série de artigos que dão continuidade ao trabalho com ele. O objetivo aqui não é especificamente esse, mas dar uma visão geral do lugar do jornal na construção de organizações revolucionárias em geral e de nosso partido em particular. Entretanto, não deixaremos de insistir aqui na importância d

e incentivar sistematicamente o trabalho com nosso jornal no período do salto construtivo de nosso partido.

No momento, estão sendo criadas experiências de venda sistemática (piquetes) do jornal nos portões de fábricas, hospitais, escolas, faculdades, universidades, mobilizações e assim por diante. Essas experiências devem ser incentivadas e desenvolvidas sistematicamente. E, juntamente com isso, estamos planejando incorporar, de forma muito mais consistente do que temos feito até agora, a venda "homem a homem" do nosso jornal. Esse é um instrumento privilegiado para divulgar nossas posições revolucionárias e para facilitar ou ser o "gancho" para o recrutamento de todos os novos companheiros que nos acompanharam com seu voto em agosto, que votaram em nós na UBA, que nos seguem em nossa luta pela reintegração de Maxi na Firestone, que foram impactados pela experiência de Las Rojas, que entraram em contato com nossos jovens do ensino médio de Tinta Roja e tantos outros que estamos desenvolvendo atualmente.

Oferecer o jornal e vendê-lo deve ser um dos "ganchos" para tornar orgânico o trabalho do nosso partido, para alcançar muitos daqueles que acabaram de se juntar a nós na PASO, mas que não conhecemos, para dar o salto do Nuevo MAS que estamos fazendo para uma organização maior.

12. O trabalho no movimento operário

Por Roberto Sáenz / Revisão: Marcos Vieira

"É necessário saber como enfrentar tudo, estar pronto para fazer todos os sacrifícios e até mesmo - se necessário - recorrer a vários estratégias, astúcias e procedimentos ilegais, evasões e subterfúgios, a fim de entrar nos sindicatos, permanecer neles e realizar o trabalho comunista lá, custe o que

custar" (Lênin, "Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo").

Em conexão com a reintegração de "Maxi" Cisneros na Firestone, dedicaremos nossa coluna do partido nesta semana às questões do trabalho dos revolucionários no movimento trabalhista.

AS CONDIÇÕES GERAIS

A primeira coisa a ser estabelecida são as condições gerais de nosso trabalho dentro da classe operária. Em comparação com um século atrás, essas condições mudaram em mais de um aspecto. **No início dos anos 1900, o movimento socialista era massivo entre a classe operária dos países europeus. As correntes reformistas eram a maioria; até mesmo em alguns países o anarquismo era a maioria.** Mas os socialistas revolucionários tinham seu peso entre amplas seções da própria classe operária. Em alguns casos organizados em um partido (Lênin), em outros não (Rosa Luxemburgo), mas em qualquer caso com acesso direto aos meios da classe operária [20].

Entretanto, **após a burocratização da URSS, isso mudou radicalmente.** A social-democracia e o stalinismo passaram a monopolizar de forma quase absoluta a representação política e sindical da classe operária europeia e, nos países do "terceiro mundo", surgiram correntes nacionalistas burguesas de massa; o trotskismo permaneceu, em sua maior parte, "externo" aos batalhões centrais da classe operária, uma minoria extrema [21].

Com o colapso do stalinismo, o trotskismo tendeu a se dispersar, assim como a social-democracia passou por um processo de conversão em um partido burguês, embora

ambas as correntes, assim como os partidos "nacionalistas", como o peronismo, mantivessem suas raízes entre grandes parcelas dos trabalhadores.

Concomitantemente a isso, um processo lento, mas profundo, de recomposição operária teve início no plano internacional; um lento acúmulo de experiências **que vem abrindo maiores possibilidades para que as correntes do socialismo revolucionário** ganhem espaço entre os trabalhadores. Entretanto, como contrapeso a isso, há a questão de que **o processo de recomposição operária é mais "sindical" ou "antiburocrático", mais ligado à experiência de luta e à democracia de base,** do que a expressão de uma radicalização política.

Isso é verdade, mesmo que a novidade seja que em vários países estejam começando a se manifestar "reflexos políticos" importantes no campo eleitoral, mas que ainda não constituem um fenômeno orgânico em direção à esquerda de amplas camadas de trabalhadores.

Destacamos algumas das condições históricas dessa "externalidade" inicial. Esse é um fato que tem alguma regularidade e que se torna evidente quando se entende que **as correntes de massa que dirigiram os batalhões pesados da classe operária mundial durante décadas foram a social-democracia, os partidos comunistas e os nacionalistas burgueses do tipo peronista.** Diante desses imensos aparatos de massa, **o trotskismo teve uma existência como corrente minoritária e de vanguarda que o obrigou a dar a si mesmo uma orientação "especial" para se firmar na classe operária,** algo que os bolcheviques não precisaram fazer da mesma forma [22].

É verdade que a descrição que estamos

apontando é muito geral e que, nas circunstâncias do surgimento das lutas da classe operária, esses "diques de contenção" estabelecidos por **essas organizações e suas burocracias em torno da classe operária tenderam a ceder e o classismo e a esquerda revolucionária a ganhar posições** não apenas nos sindicatos, mas, o que é mais difícil e ainda mais importante, politicamente. [23] Isso aconteceu na **Argentina no início da década de 1970 com o surgimento do chamado classismo**, mas não apenas aqui. Uma experiência semelhante foi vivida em outros países latino-americanos ou na França, entre outros casos europeus.

No entanto, a derrota subsequente desse processo de luta fez as coisas retrocederem, de tal forma que a questão do avanço da esquerda revolucionária dentro da classe operária teve de ser recolocada várias vezes.

Sem ir mais longe, e **depois da derrota das experiências um tanto "sindicalistas" do velho MAS na década de 1980, é fato que com o Argentinazo de 2001 começou um novo ciclo dessa experiência**, e hoje estamos vivendo o **que chamamos de processo de recomposição operária de uma ampla vanguarda** que, a essa altura, já **desperta preocupação na burocracia sindical** em todas as suas expressões, e isso foi reforçado pelo recente voto da esquerda. Esse medo tem nome e sobrenome e é chamado de **"preocupação com o avanço do trotskismo nas organizações de base da classe operária"**.

PROLETARIZAÇÃO

O fato de o fenômeno de recomposição operária acima estar ocorrendo **não significa que as condições de nossa ação entre os trabalhadores tenham mudado completamente**. Se o voto da esquerda

indicou que algo revolucionário está acontecendo nas mentes de setores da classe trabalhadora, a realidade é que **esse processo ainda não expressa uma radicalização política em direção à esquerda**, nem o surgimento de correntes operárias independentes que, de maneira objetiva, voltem-se para a esquerda de uma forma mais global. **Esse processo pode ser um prenúncio, mas ainda não é a tônica**.

A tônica é o **acúmulo de novas experiências e lutas organizacionais que expressam um tipo de reinício histórico do qual a esquerda revolucionária tem o desafio de fazer parte** e encabeçar para que se concretize; um processo que ainda é mais antiburocrático e "sindicalista" do que político.

Em suma, as condições acima são as que estabelecem as regras do jogo para nossa ação. E aquelas que **dão atualidade a uma orientação que é clássica e que tem a ver com os primeiros passos para "desembarcar" na classe operária industrial: a proletarização de companheiros de origem mais ou menos estudantil**.

Historicamente, essa proletarização se referia precisamente à dificuldade causada por esse "desenraizamento" entre o partido e sua própria classe criado pelas circunstâncias históricas, e que tornava (e ainda torna) **muito difícil progredir dentro da classe com base no trabalho político realizado estritamente "de fora" da inserção física e social nos grandes contingentes operários**.

É claro que **esse trabalho político de ir às fábricas e se voltar para as lutas é a primeira grande tarefa clássica do trabalho operário da esquerda revolucionária**, por assim dizer; é por isso

que trataremos dele a seguir. Mas, em geral, **e como disse um camarada recentemente proletarizado do nosso partido, a dificuldade continua sendo que, se você está fora do local de trabalho, não pode estar lá desde o início de um processo de luta ou reorganização - um processo que é sempre molecular e, de fora, "inobservável" em seu início -, mas apenas a partir do momento em que começa**, o que dá uma enorme vantagem aos nossos adversários burocráticos, que têm inserção em massa e sempre se alimentam dessas novas gerações com sua ingenuidade inicial [24].

Entre outras coisas, é isso que a inserção de companheiros para trabalhar na fábrica pretende resolver: que um grupo de militantes comece a vivenciar sua classe a partir do próprio coração do local de trabalho, a partir do início de um processo de luta e recomposição.

Se no passado, além disso, essa orientação era característica dos companheiros provenientes do meio estudantil, hoje isso é ratificado (porque não devemos perder de vista o fato de que a esquerda revolucionária, historicamente, é alimentada em primeiro lugar pelo meio estudantil), ao mesmo tempo em que adquire uma certa nuance: **é que até mesmo os companheiros provenientes da classe trabalhadora hoje vão para as escolas e universidades; é possível que lá eles se conectem com a esquerda, e que a partir do partido nós os encorajamos a ir trabalhar não apenas em qualquer lugar, mas nas maiores fábricas de sua região.**

É claro que ninguém poderá supor que os bolcheviques tivessem algum problema de "proletarização". Isso era "outro mundo" e, no "Que fazer?", **Lênin incentivou a retirada de qualquer companheiro que se**

destacasse da fábrica para profissionalizá-lo. Mas nenhuma direção de partido em sua consciência hoje pensaria em tal absurdo; pelo menos não até que nós, correntes revolucionárias, realmente adquiramos uma ampla influência entre as massas operárias.

TRABALHO CLANDESTINO

A proletarização dos companheiros em particular e o progresso do partido no trabalho operário em geral são seguidos por outra **condição para a existência dessa atividade: seu caráter clandestino inicial.** Isso ocorre porque o "regime político" que prevalece nos locais de trabalho, especialmente nas fábricas (não é assim no caso do emprego estatal), é o de uma ditadura, nem mesmo de uma democracia burguesa. Ou seja, geralmente as decisões da empresa são executadas, não são discutidas: os patrões são donos dos meios de produção e fazem e desfazem o que bem entendem, evidentemente sem consultar os trabalhadores [25].

Isso tem uma derivação extremamente importante, que é **o papel da burocracia sindical, formalmente representativa dos operários.** Historicamente, essa burocracia se tornou o cão de guarda da empresa dentro da classe operária. O controle dos patrões sobre os trabalhadores significa que eles **são capazes de detectar a tempo os "dissidentes", aqueles que questionam o estado das coisas, o grau de exploração do trabalho, os baixos salários, o pagamento insuficiente de "prêmios" e assim por diante.** A burocracia sindical, que tem sua razão de ser na manutenção do controle da base operária e que **deixa de ser útil ao sistema quando é superada de baixo para cima**, tem o mesmo interesse que a empresa em "descartar" e expulsar os companheiros que se destacam por suas opiniões, por sua

vivacidade, por seu nível cultural. Em suma, a empresa em "descartar" e expulsar os companheiros que se destacam por suas opiniões, por sua vivacidade, por seu nível cultural. Em suma, por sua amplitude de visão além do mero salário diário, com uma visão que não é apenas "economicista", mas que questiona - de uma forma ou de outra - a exploração como tal e a falta de tempo livre, a falta de controle sobre suas próprias vidas, a prisão e o confinamento na fábrica [26].

É por isso que o trabalho consciente dos revolucionários dentro da classe operária e dos sindicatos deve sempre começar e ter como um de seus atributos a clandestinidade. O que isso significa? Que **não deve ser feito "às claras", que não deve ser "descoberto"; é uma questão de entender que se está sob uma ditadura e não sob alguma forma de "democracia"** (como eventualmente prevalece no resto do país) pela qual se poderia proclamar sua identidade sem maiores problemas. Entenda, também, que a maioria dos companheiros não entende isso; que na classe há muitos elementos de ingenuidade e que, assim que eles veem que um companheiro se destaca, é muito comum que digam ao militante - sem qualquer malícia -: "ei, você é de esquerda, o que você acha de fulano de tal"... O suficiente para que a burocracia ou os chefes marquem o companheiro imediatamente e o coloquem "na rua no dia seguinte"!

É claro que essas condições de clandestinidade - ou parte delas, uma vez que sempre deve haver um aspecto clandestino em nosso trabalho na fábrica - variam quando surge uma luta aberta contra os patrões ou um processo antiburocrático; ou quando são conquistadas posições de representação sindical, como órgãos de delegados, comissões internas, seccionais

ou, sem mencionar, sindicatos nacionais. Aqui já é o próprio processo de organização que "protege" e defende os companheiros que se destacam, os quais, de qualquer forma, estarão sempre sob o cerco da burocracia patronal, pois são considerados inimigos da estabilidade da exploração capitalista.

Em suma, **esse trabalho clandestino em particular, e o trabalho operário no sentido mais amplo do termo em geral, são uma imensa escola para a militância revolucionária.** A escola mais importante que as novas gerações do partido podem receber e que as faz "aterrissar" politicamente, tornar-se materialistas dialéticos, tornar-se concretas ao lidar com as duras condições da luta de classes, superando o mero "romantismo" inicial e, acima de tudo, a tremenda ingenuidade que nos desarma e nos torna "idiotas" diante do inimigo de classe.

TRABALHO POLÍTICO DE FORA E VOLTADO PARA AS LUTAS

Como acabamos de salientar, juntamente com a proletarização dos companheiros, outra alavanca tradicional de nosso trabalho no movimento operário é o trabalho político e sindical fora do local de trabalho. Esse é um complemento essencial para a orientação de proletarização dos companheiros, que também deve fazer parte da atividade diária de qualquer partido que pretenda ser revolucionário e não apenas uma seita estudantil.

Indo ainda mais longe, não podemos nos cansar de enfatizar a importância estratégica dessa orientação para o partido; e em um duplo sentido. Em primeiro lugar, embora as condições mais gerais sejam as descritas acima, não pode haver nada de esquemático em nosso trabalho dentro da classe operária.

Todos sabem (Lênin insistiu nisso repetidas vezes) que **a classe operária aprende, em primeiro lugar, por meio de sua própria experiência**; e que essa experiência nunca avança a não ser no curso de suas lutas, que trazem seus inimigos de classe, sejam eles os patrões, o governo, a burocracia, o Ministério do Trabalho, a Igreja e assim por diante, para ver sua realidade. É por isso que o momento da luta é o momento de romper os esquemas nas cabeças dos companheiros, e onde as organizações de esquerda podem se firmar nessa luta e entre os trabalhadores.

Como se aplica igualmente às revoluções e a toda luta real operária, **os trabalhadores aprendem mais em poucos dias do que em anos. O ritmo de sua experiência política se acelera, eles rompem com o ritmo cansativo de sempre, e a realidade como ela é aparece para eles despida de seus antigos véus, como uma "revelação"**, mas não uma revelação mística ou religiosa, e sim uma revelação obtida a partir de sua própria experiência de luta.

Isso, no entanto, não enfraquece a importância decisiva do trabalho "quantitativo" anterior de acumulação: **o imenso significado do trabalho regular com o jornal no portão da fábrica; e como uma organização que realiza esse trabalho regularmente ganha a confiança de seus companheiros de trabalho: mais de uma experiência de construção revolucionária dentro da classe operária foi realizada, ou cimentada, dessa forma** [27].

É evidente que essa confiança só se constrói com o tempo, por meio de atividades regulares que, na superfície, parecem "rotineiras" e quantitativas, mas que, como subproduto do esforço regular, realizado dia após dia sem dormir, pode levar a

resultados qualitativos quando uma grande luta eclode, tornando o trabalho do partido um salto revolucionário.

Agora, **isso não tem nada a ver com a ideia fácil de que, pelo fato de a esquerda estar "conquistando votos", acontece que, de fora, sem um esforço sistemático de trabalho dentro da classe, poderia haver progresso qualitativo.** Essa é uma maneira rasteira de abordar o problema, que se esquece de que entre os trabalhadores há instituições muito fortes que agem diariamente na direção oposta aos revolucionários. É por isso que falamos da necessidade de a esquerda avançar em seu trabalho orgânico; porque os companheiros podem votar em nós na cabine de votação, mas o dia a dia nos locais de trabalho, o controle da empresa, aquele exercido pela burocracia, sua "tomada" dos sindicatos operários e assim por diante, é outra coisa completamente diferente. Não senhor: sem um esforço específico, pela mera "arte mágica" do voto ou da influência eleitoral, não será possível avançar um centímetro dentro da classe operária, embora essa influência geral possa ajudar muito se "arregaçarmos as mangas" para fazer o trabalho diário que precisa ser feito.

A EDUCAÇÃO DO PARTIDO

Há uma última determinação que gostaríamos de mencionar brevemente aqui e que tem características estratégicas para os partidos revolucionários, especialmente quando se trata de organizações de vanguarda e de base juvenil. **Trata-se da importância educacional que o trabalho dentro da classe operária tem para a militância.** Um partido que não realiza esse trabalho é "abstrato", "ideológico" no sentido ruim da palavra, não reflete a classe e seus problemas, a maneira dos trabalhadores lidarem com as questões, sua vida cotidiana.

Em suma, ele nem sequer sabe como "falar" com os trabalhadores em seu próprio idioma, o que é um pré-requisito para tentar levá-los" mais longe.

Essa falta de experiência em "falar" a língua dos operários é conatural às novas gerações militantes, que nunca poderiam ser formadas por "geração espontânea"; não há necessidade de nenhum sectarismo ridículo a esse respeito.

Portanto, essa "conexão" com a classe operária, com suas vicissitudes e lutas diárias, com seus locais de trabalho e moradia, a fusão, até certo ponto, com a mesma classe, como Lênin exigia, é de importância estratégica para a formação de qualquer partido revolucionário de vanguarda que aspire a ser tal, deixando de ser uma mera liga de propaganda. Essa é uma responsabilidade das lideranças de tal partido, que nunca poderia ser resolvida de maneira sectária e ultimativista, mas que deve estar entre seus primeiros deveres, e essa "tensão" na vida do partido deve ser levada adiante como um trabalho constante.

13. A legalidade nacional e a extensão nacional do partido

Por Roberto Sáenz / Revisão: Marcos Vieira

"É pouco conhecido no exterior que o bolchevismo foi formado, fortalecido e temperado em longos anos de luta contra o revolucionarismo pequeno-burguês, que se assemelha ao anarquismo ou tomou algo emprestado dele, e que, em todos os problemas essenciais, negligencia as condições e exigências de uma luta de classes consistentemente proletária" ("Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo", V.I. Lênin).

Estamos interessados em fazer aqui uma reflexão sobre o uso revolucionário da legalidade partidária.

A questão é a seguinte: quando as eleições estão estabelecidas entre amplos setores de massas como a forma característica de política, **não participar delas é infantil e "esquerdista": um tiro no pé que o partido dá em si mesmo.**

Sem deixar de ser um recurso tático, é de enorme importância e pode ajudar a dar um salto de qualidade na construção e na influência da organização revolucionária. Porque **a campanha eleitoral dá ao partido a oportunidade de chegar a setores mais amplos do que o habitual**; de poder chegar a setores de massa com suas propostas quando seu público habitual se limita à vanguarda.

E de chegar, **no caso das eleições presidenciais, fazendo propostas gerais porque**, em qualquer caso, o partido tem sua candidatura presidencial e, portanto, está instalado no contexto das "ofertas eleitorais" gerais, **que dizem respeito aos problemas gerais do curso da sociedade.**

Insistimos: **o fato da participação eleitoral ser tática não significa, dialeticamente, que ela não possa ser de enorme importância**: que ela sirva de trampolim para colocar o partido em um degrau mais alto de seu desenvolvimento, **consequindo atingir e impactar com sua política setores que estariam totalmente fora de seu raio de ação habitual** sem o ponto de apoio que pode ser a campanha eleitoral e os meios que ela coloca à sua disposição.

Mas a isso, que é amplamente conhecido, gostaríamos de acrescentar outro aspecto: **a importância de obter a legalidade nacional para a extensão nacional da**

organização revolucionária. A legalidade nacional também é a "condição técnica" para que se possa apresentar candidaturas presidenciais.

O que se passa, é que o partido geralmente não atinge todas as províncias ou estados do país. Ele se concentra no centro do país ou, no máximo, em algumas das províncias mais importantes. Mas quando o reconhecimento eleitoral nacional é alcançado, quando uma candidatura presidencial é lançada, ele pode chegar, por assim dizer, aos cantos mais distantes do país. **O bolchevismo utilizou todas as brechas da legalidade para participar da Duma czarista (uma espécie de câmara parlamentar ultra adaptada e antidemocrática) a fim de estender sua influência entre as massas trabalhadoras da Rússia naquela época.** Fez isso lutando contra as tendências de ultraesquerda do partido, que se recusavam a participar de eleições parlamentares mesmo quando a maré revolucionária de 1905 havia diminuído e um período reacionário havia se instalado.

Mas não se trata apenas do bolchevismo: **na tradição do trotskismo antes e depois da Segunda Guerra Mundial, as eleições eram um veículo para a construção de organizações revolucionárias, desde que, é claro, seu uso fosse revolucionário e não levasse a uma adaptação eleitoralista.**

Talvez os jovens militantes não saibam, por exemplo, **que no distante ano de 1938 a organização trotskista do Vietnã (em um acordo heterodoxo com as forças stalinistas daquele país), sob a candidatura de Ta Tu Tao, ganhou a prefeitura de Saigon.** Infelizmente, esse triunfo não pôde ser mantido porque o socialismo revolucionário era organicamente fraco e o stalinismo rompeu essa aliança "antinatural", chegando ao ponto de, no

início da década de 1940, assassinar o próprio Tao como trotskista (foi Ho Chi Min quem ordenou esse crime).

Mais perto no tempo, **o PST morenista da década de 1970 fez um uso revolucionário da participação eleitoral em 1973 para transformar essa organização em um partido nacional.** Os militantes daqueles anos conheciam muitas curiosidades acerca dos quadros que foram enviados para abrir - por meio da campanha eleitoral - novas províncias e regiões das formas mais improváveis.

De qualquer forma, está claro que obter a legalização nacional para qualquer organização revolucionária é uma enorme conquista e uma alavanca construtiva que a coloca em outro patamar sob todos os pontos de vista. O fato de participar das eleições presidenciais, de ter uma candidatura presidencial, já a coloca diante do público em geral como uma organização nacional, "uma das grandes", tornando-a visível como uma organização nacional.

Mas isso se agiganta nas atuais condições históricas observadas internacionalmente, onde, **apesar do surgimento de um ciclo de rebeliões populares, as eleições continuam a ser valorizadas pela grande maioria como o momento político por excelência.** Nesses casos, qualquer partido revolucionário que se preze deve se esforçar para alcançar a legalidade nacional a fim de poder enfrentar a participação eleitoral. Não fazer isso seria criminoso para suas próprias possibilidades políticas.

Mas isso tem sua expressão no campo construtivo: a participação eleitoral nacional (independentemente dos votos obtidos) é uma enorme alavanca para o avanço da construção nacional do partido. Duas coordenadas se combinam aqui. Por um

lado, é claro que a legalidade nacional e a candidatura presidencial permitem que o partido se estenda nacionalmente, chegue a todos os cantos do país, "plante" núcleos partidários ali. Mas, ao mesmo tempo, permite algo mais estratégico: **possibilita atingir setores mais amplos do que o normal; se trata de organizações com muito peso de jovens e estudantes, possibilita, de qualquer forma, atingir os locais de trabalho por meio de uma campanha eleitoral realizada de forma sistemática, que se torna orgânica e estrutural na porta das fábricas e de outros locais de trabalho.** Isso sem prejuízo da extensão territorial que toda campanha eleitoral exige; das tarefas de agitação entre amplos setores que a caracterizam.

Em resumo, a legalidade nacional é uma ferramenta extraordinária para a extensão nacional do partido e deve ser entendida como tal por toda a militância. É uma ferramenta que deve ser explorada ao máximo por meio da **realização de uma campanha eleitoral socialista e revolucionária que lute para que a consciência dos trabalhadores vá além de suas limitações habituais de demandas e estabeleça a luta pela independência política da classe.**

Notas

[1] Uma das variedades mais preciosas da imaginação consiste na faculdade de descrever pessoas, coisas e fenômenos como eles realmente são, mesmo que nunca tenham sido vistos. Usando toda a experiência de vida e princípios teóricos, combinando observações, informações dispersas obtidas de improviso, elaborando-as, unindo-as em um todo, completando-as de acordo com certas leis de correspondência ainda não formuladas, e assim reconstruindo, em toda a sua realidade concreta, uma determinada fase da vida humana: esse tipo de imaginação é o que não pode faltar a um dirigente (...), especialmente em tempos de revolução. A força de Lênin reside em grande parte na força de sua imaginação realista" (Leon Trotsky, "Lênin").

[2] "Organizativismo" é o nome dado a uma visão que reduz todos os problemas à mera organização, reduzindo assim a abordagem política a eles e despolitizando seriamente o partido em questão. Esse desvio era característico do antigo MAS na época de seu declínio e tende a ser caracterizado por um esvaziamento político dos debates nos organismos partidários. É claro, no entanto, que no estágio atual do Nuevo MAS estamos quase nos antípodas: somos caracterizados por uma tradição "politicista" que devemos manter, mas que é insuficiente para fazer progressos construtivos hoje.

[3] Isso é algo bem conhecido na tradição das correntes revolucionárias, mas não menos importante por isso: dependendo não apenas do número de militantes, mas também do número de quadros com os quais o partido chega a uma determinada situação política, essa será uma das chaves para saber até que ponto ele será capaz de aproveitá-la; e isso vale para o partido em geral, mas também para cada uma de suas regiões e os desafios específicos que elas enfrentam.

[4] Um periódico editado por Lênin a partir de 4 de janeiro de 1905 por alguns anos, cujo título significa "Avante"

[5] É um trabalho sociológico ianque no estilo dos que estavam em voga no segundo pós-guerra, cujo apêndice estatístico fornece dados interessantes.

[6] Notemos aqui a questão da composição geracional do partido. Lane aponta que, ao pesquisar as fileiras da social-democracia russa no início do século passado, os bolcheviques eram mais jovens do que os mencheviques nos níveis mais baixos da organização (na base), e ainda mais entre os ativistas que eles influenciavam. Ele ressalta corretamente que isso indica uma estrutura organizacional mais flexível, que permitia que os jovens avançassem para posições de responsabilidade com mais facilidade, o que tornava a primeira fração mais dinâmica do que a segunda.

[7] Dizemos "espontâneo" porque o balanço financeiro da atividade salta aos olhos de Trotsky quase que automaticamente, por reflexo, já que o texto não se referia de forma alguma à questão financeira, mas ao salto maturacional de Lênin naquele ano.

[8] Lênin chegou ao ponto de planejar assaltos a bancos para financiar o partido; de qualquer forma, ações desse tipo são obviamente muito perigosas: na maioria das vezes, acabam dando errado porque geram uma reação contra o partido. Na história do morenismo, o roubo de um banco no Peru na década de 1960 - uma ação contra a qual Moreno se opunha - deixou vários militantes na prisão por vários anos.

[9] Além do fato de que Lênin defendia "liberar" economicamente esses camaradas e colocá-los conta do partido (algo impossível e desaconselhável nas

atuais circunstâncias históricas), há um enorme trabalho educativo que o partido deve realizar, ligado a facilitar e lutar para que o camarada operário amplie suas perspectivas, se projete em atividades além daquelas especificamente de sua fábrica, grêmio ou puramente sindical, bem como também ajudá-lo economicamente a liberar parte de sua carga de trabalho, mesmo que permaneça na fábrica.

[10] Profissão vem do latim, *professio*: exercer um ofício, ciência ou arte. A profissão pode ser abordada como um trabalho que alguém realiza e pelo qual recebe remuneração financeira, mas não há uma relação mecânica entre os dois. As profissões geralmente exigem conhecimento especializado e formal, normalmente adquirido por meio de treinamento educacional. Os ofícios, por outro lado, geralmente consistem em atividades "informais" e são aprendidos na prática. De qualquer forma, a fronteira entre profissão e ofício é tênue

[11] Entende-se aqui que Trotsky usa a palavra "utilitarista" não no sentido pragmático e estreito atual, mas no sentido da personalidade "prática" que sabe como colocar toda a sua personalidade a serviço de um objetivo e que revoluciona sua personalidade de cima a baixo nessa atividade. Uma atividade que, em nosso caso, é a mais empolgante que existe: a revolução socialista.

[12] As remunerações apresentam uma série de dificuldades, pois se por um lado libera o militante do trabalho formal para assumir as responsabilidades necessárias com dedicação suficiente, por outro lado tende a gerar uma certa "dependência", principalmente quando se estendem no tempo. Por isso, a questão é delicada e sempre se deve ter um "equilíbrio" com relação à sua duração.

[13] Esse desvio foi sofrido pelo velho MAS quando corretamente fez o giro para fazer a campanha eleitoral em 1983, acabou criando um "exército de remunerados". O fato é que as proporções relativas devem ser respeitadas, pois se a nata dos quadros partidários for remunerada, surge o problema de o partido se desvincular da realidade e começar a viver uma vida própria, o que leva a desvios políticos de todos os tipos.

[14] A esse respeito, é interessante estudar como o fator "multiplicador" do bolchevismo aumentou e diminuiu de acordo com o desenvolvimento das condições objetivas da luta de classes e a correção da política e da orientação do partido; em última análise, como um subproduto do desenvolvimento das condições revolucionárias como um todo. O recrutamento de dezenas de milhares ocorreu somente no ano da revolução, 1917. Já quando ocorreu o recrutamento de centenas de milhares, as coisas tiveram sua "dialética reversa": elas se

tornaram complicadas porque a entrada irrestrita de novos militantes quando se está "no poder" e todos querem estar lá, baseia-se não apenas em razões políticas, mas também carreiristas... Mas esse é outro assunto que será tratado em outro momento.

[15] A esse respeito, é interessante estudar como o fator "multiplicador" do bolchevismo aumentou e diminuiu de acordo com o desenvolvimento das condições objetivas da luta de classes e a correção da política e da orientação do partido; em última análise, como um subproduto do desenvolvimento das condições revolucionárias como um todo. O recrutamento de dezenas de milhares ocorreu somente no ano da revolução, 1917. Já quando ocorreu o recrutamento de centenas de milhares, as coisas tiveram sua "dialética reversa": elas se tornaram complicadas porque a entrada irrestrita de novos militantes quando se está "no poder" e todos querem estar lá, baseia-se não apenas em razões políticas, mas também carreiristas... Mas esse é outro assunto que será tratado em outro momento.

[16] Referimo-nos aqui ao que podem ser iniciativas amplas e construtivas do partido, mas que não são o foco específico desta nota.

[17] No caso de Lênin, esse jornal se chamava *Iskra*, "A Centelha", tendo dado Lênin, no Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo (1903), uma imensa luta para ter uma maioria bolchevique em sua redação, a fim de garantir sua coerência como instrumento político revolucionário em uma luta muito dura contra a fração reformista (mencheviques) do partido.

[18] Em papel, ou pelo menos em pdf, que é uma impressão que respeita essas proporções políticas nas quais os textos são expressos no jornal, proporções que são tão importantes quanto os próprios artigos individuais.

[19] "O *Iskra* empregava um estilo polêmico (...) no qual Lênin era especialmente talentoso. Como Martov [feroz oponente reformista de Lênin, mas amigo honesto de Lênin, [J.L.R.], seus editores se esforçavam 'para garantir que tudo o que fosse ridículo aparecesse em uma forma ridícula' e para expor 'o núcleo reacionário que se escondia por trás de uma fraseologia revolucionária' (...) Os oponentes do *Iskra* condenavam os métodos polêmicos desse jornal, que foi acusado, tomando um testemunho de Trotsky na época [lembra-se de que o jovem Trotsky ainda não era bolchevique naquele momento, [J. L. R.], 'de ser um bolchevique'. [J. L.R.], 'de lutar não tanto contra a autocracia, mas contra as outras frações do movimento revolucionário.'" Marcel Liebman, *idem*. Em outras palavras, Lênin concebeu corretamente o jornal como o instrumento privilegiado de uma luta implacável de tendências.

[20] Com a tomada do poder em outubro de 1917 e a criação da Terceira Internacional, o bolchevismo tendeu a ser uma corrente de massa que liderou o primeiro estado operário da história, e não em qualquer país, mas em uma potência - abrangente e total - na Europa e na Ásia. Isso não significa que, nos países da Europa Ocidental, o bolchevismo tenha se tornado a principal força da classe operária; o reformismo permaneceu assim em grande parte. O stalinismo foi diferente, ele se consolidou como uma força de massa até a queda do Muro de Berlim; mas isso aconteceu com base em "outras leis", beneficiando-se do controle do aparato de vários estados onde a burguesia havia sido expropriada e tocando "acordes" conservadores que "sintonizavam" a consciência de demandas da classe operária na ausência de condições revolucionárias.

[21] Isso não excluiu as enormes experiências do trotskismo entre os trabalhadores nos mais diversos países (EUA, França, Argentina, Vietnã e um longo etc.), mas que não conseguiram superar seu caráter amplamente fragmentário ou "episódico" na disputa pela direção da classe operária.

[22] Lênin fez um grande esforço no Esquerdismo para fazer com que os partidos comunistas minoritários no Ocidente ganhassem uma base de apoio nos sindicatos operários para disputar a direção da social-democracia. Entretanto, o ponto de partida do bolchevismo naquele momento histórico em suas relações com a classe operária era de um "pisso" qualitativamente mais alto do que o trotskismo teve de pisar desde o segundo pós-guerra. No entanto, a retomada histórica da experiência da classe operária no novo século parece estar criando as condições para nos colocar em um patamar mais elevado.

[23] Por causa do peso do peronismo, lembramos aqui como Nahuel Moreno insistiu que, devido à sua tradição de luta, a classe operária argentina havia criado organismos de base potencialmente revolucionários, como as comissões internas, e como a esquerda revolucionária conseguiu assumir o controle de várias delas. Mas o problema era que, politicamente, os trabalhadores seguiam a direção burguesa tradicional. Hoje isso mudou muito, a identidade peronista foi esvaziada, especialmente entre as novas gerações. O que permanece, entretanto, é que a consciência média operária é reivindicativa e não diretamente política: não é uma verdadeira consciência política de classe e, portanto, socialista. Por isso, o trabalho político é muito mais difícil do que o trabalho sindical, mesmo que seja um fato que as "fronteiras" entre os dois estejam começando a ceder, como foi expresso de forma eleitoral. Veremos a continuidade desse processo

revolucionário na cabeça dos trabalhadores, o que dependerá de um salto na luta de classes.

[24] Nesse ponto, não devemos ser sectários. Foi em nosso país, e com a recuperação do emprego na última década, que uma nova geração começou a trabalhar e, em sua inexperiência política e baixo grau de politização inicial, alimentou - até mesmo, na maioria das vezes, ingenuamente - as fileiras da burocracia. Como contraponto, há o "ferrão" permanente das desigualdades sociais e das condições de exploração na fábrica em que essas novas gerações vivem, o que lhes dá uma espécie de "reação espontânea" a essas injustiças, levando ao descontentamento, aos protestos e à luta, muitos dos membros dessas novas gerações tendem a se organizar com a esquerda.

[25] É claro que isso muda quando há "condições revolucionárias" dentro da fábrica ou do sindicato, quando há uma nova direção bem reconhecida que consegue impor limites aos patrões ou, ainda mais, quando algum tipo de controle da produção pelos operários é formalizado. Aí, a gestão do processo produtivo já está em disputa, há uma espécie de dualidade de poder que não pode durar muito tempo, porque, por definição, no capitalismo, é a classe burguesa que detém os meios de produção e controla o processo de trabalho.

[26] Esta última é outra enorme determinação do trabalho fabril, especialmente da proletarização: a experiência da perda de seu próprio tempo e a entrega dele aos patrões que controlam o "tempo de vida" dos trabalhadores. É também por isso que as fábricas são vistas como "instituições de confinamento", onde a vida dos trabalhadores é consumida dentro delas, "aprisionada" nelas. Especialmente, além disso, quando as horas extras levam à extrema falta de tempo livre para os trabalhadores; tempo livre que para Marx - e Lênin no caso da democracia socialista sob a ditadura do proletariado - era a medida ou o grau de emancipação da classe operária do trabalho, o aumento ou a diminuição do grau geral de exploração

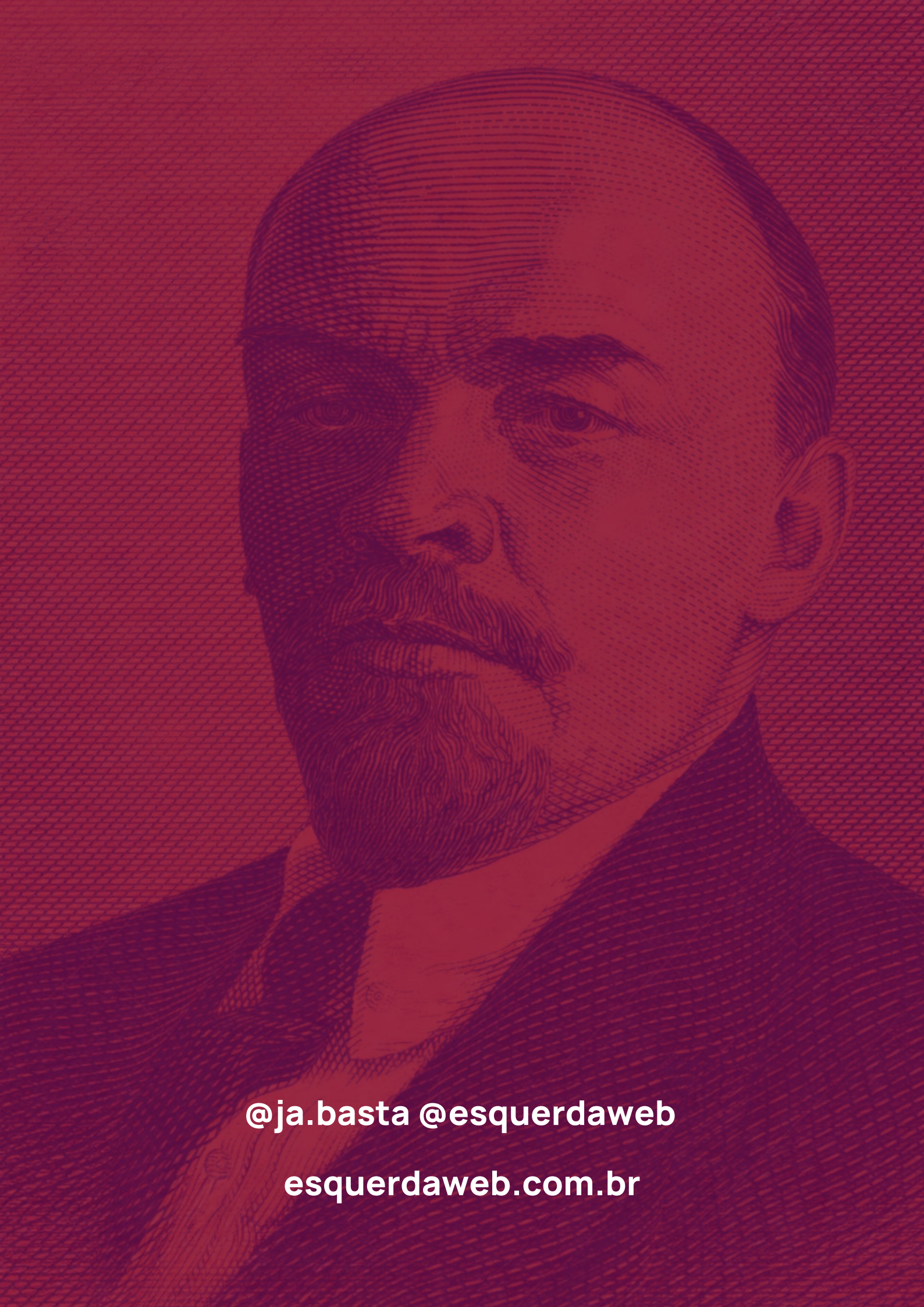
[27] Aqui nos lembramos de um exemplo de stalinismo que, para todos os fins práticos, segue as mesmas leis. Trata-se da década de 1930 na Costa Rica e de como o Partido Comunista daquele país ganhou espaço entre a classe operária bananeira e se transformou em uma força de massa, a partir de um trabalho inicial e sistemático com o jornal. É claro que, mais tarde, isso foi associado a um aumento nas lutas do que era então o principal núcleo da classe operária da Costa Rica, mas, de qualquer forma, isso nos mostra o caráter revolucionário que o trabalho político realizado sistematicamente fora do local de trabalho pode ter.



**CONHEÇA E SE ORGANIZE COM A
JUVENTUDE ANTICAPITALISTA JÁ BASTA!**

**Venha construir uma juventude revolucionária
independente dos patrões, governos e burocracias!**

Entre em contato! (19) 99794-1012 Maria



@ja.basta @esquerdaweb

esquerdaweb.com.br